



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

# A QUALIDADE DE VIDA DAS FAVELAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UMA AVALIAÇÃO METODOLÓGICA

IONE MACHADO DA SILVEIRA

2010

Pintura de  
Cristina Cabus

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**A QUALIDADE DE VIDA DAS FAVELAS  
NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO:  
UMA AVALIAÇÃO METODOLÓGICA**

**IONE MACHADO DA SILVEIRA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Ciências de Arquitetura – Área de Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Orientadora: Profa. Cristiane Rose de Siqueira Duarte, D.Sc.

Rio de Janeiro  
Junho de 2010

# A QUALIDADE DE VIDA DAS FAVELAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UMA AVALIAÇÃO METODOLÓGICA

IONE MACHADO DA SILVEIRA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Ciências de Arquitetura – Área de Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Aprovado por:



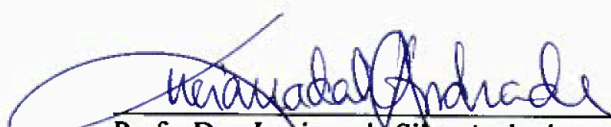
\_\_\_\_\_  
Profa. Cristiane Rose de Siqueira Duarte, D.Sc. - Orientadora



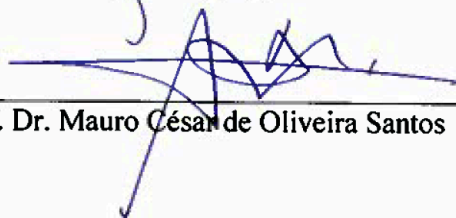
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Josilda Rodrigues da Silva Moura



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Eliane Ribeiro de A. da Silva Bessa



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Luciana da Silva Andrade



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Mauro César de Oliveira Santos

Rio de Janeiro  
Junho de 2010

Silveira, Ione Machado da

**A Qualidade de Vida das Favelas na Cidade do Rio de Janeiro:  
Uma Avaliação Metodológica** / Ione Machado da Silveira – Rio de  
Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2010.

xii, 146f.: il.; 30cm

Orientadora: Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Tese (doutorado) - UFRJ/FAU/PROARQ/ Programa de Pós-graduação  
em Arquitetura, 2010.

Referências Bibliográficas: 140-146

1. Qualidade de Vida 2. Favelas 3. Indicador Residencial  
4. Indicador Urbano

I. Duarte, Cristiane Rose. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em  
Arquitetura – PROARQ. III. Título.

## RESUMO

### A QUALIDADE DE VIDA DAS FAVELAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UMA AVALIAÇÃO METODOLÓGICA

IONE MACHADO DA SILVEIRA

Orientadora: Profa. Cristiane Rose de Siqueira Duarte, D.Sc.

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Ciências de Arquitetura – Área de Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Medir a qualidade de vida nas favelas da Cidade do Rio de Janeiro nos remete a duas importantes questões: primeiro a natureza multidimensional deste conceito e conseqüentemente sua complexa definição e, segundo, a obtenção de informações nas favelas para montar o índice de qualidade de vida. Nesse sentido, este trabalho analisa cinco pesquisas desenvolvidas nas favelas do Rio de Janeiro, acerca do dimensionamento da qualidade de vida ou das condições de vida destas áreas para identificar seus principais componentes e a metodologia aplicada. A hipótese formulada parte do princípio de que os elementos modificadores objetivados pelas políticas públicas para melhorar a qualidade de vida não são plenamente utilizados como atributos e indicadores no dimensionamento do índice. A estratégia adotada, para a definição deste conceito considera o processo pelo qual ele deve ser dimensionado, ou seja, através da definição dos indicadores que o caracterizam. Assim sendo, os estudos de caso são analisados a partir do conhecimento das principais mudanças ou melhorias que caracterizam o processo de desenvolvimento das favelas e da elaboração de um modelo conceitual compreensivo. Os resultados obtidos consagram o uso do indicador social e seus atributos, priorizam os atributos de infra-estrutura para o indicador residencial e preterem os atributos do indicador urbano. Eles também pouco empregam as dimensões subjetivas que avaliam a satisfação pessoal com os indicadores e seus atributos.

Palavras-chave: 1.Qualidade de Vida 2.Favelas 3.Indicador Residencial 4.Indicador Urbano

Rio de Janeiro  
Junho de 2010

## ABSTRACT

### THE QUALITY OF LIFE OF FAVELAS IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO: A METHODOLOGICAL EVALUATION

IONE MACHADO DA SILVEIRA

Orientadora: Profa. Cristiane Rose de Siqueira Duarte, D.Sc.

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Ciências de Arquitetura – Área de Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

The assessment of the quality of life in favelas in the City of Rio de Janeiro covers two important issues: first, the multidimensional nature of the concept and its consequently complex definition and, second, the acquisition of data in the favelas, in order to measure the quality of life index. Accordingly, this paper analyzes five studies developed in the favelas of Rio de Janeiro concerning the measurement of quality of life, or life conditions, to identify their main components and applied methodology. The hypothesis formulated starts with the principle that the modifying elements that are made objects of public policy to improve the quality of life are not fully utilized as attributes and indicators in measuring the index. The strategy adopted to define this concept considers the process by which it should be measured, or, rather, through the definition of the indicators which characterize it. Thusly, the case studies are analyzed from the knowledge of the main changes or improvements that characterize the process of development of the favelas and the elaboration of a comprehensive conceptual model. The results obtained confirm the use of social indicator and its attributes, prioritize the infrastructure attributes of the housing indicator and pass over the attributes of urban indicator. They also employ less subjective dimensions, basically those related to personal satisfaction with these indicators and their attributes.

Key-words: 1. Quality of Life 2. Favelas 3. Housing Indicator 4. Urban Indicator

Rio de Janeiro  
Junho de 2010

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais pela educação que me proporcionaram e pelo incentivo para chegar aonde cheguei e à minha irmã Vania pela confiança e apoio incondicional.

Em segundo lugar agradeço a minha orientadora Profa. Cristiane Rose Siqueira Duarte, discípula e mestra nesta jornada, que soube tão bem me instigar, ordenar meus conhecimentos e tornar esta tese possível.

Gostaria também de agradecer a todos os alunos que colaboraram nas pesquisas que direta ou indiretamente deram origem a esta tese: Vanessa Lessa Romualdo da Silva, Leonardo Mantuano, Rosana Raposo e Pamela Ramos de Azevedo.

Agradeço também aos colegas do Grupo Arquitetura, Subjetividade e Cultura – ASC, Alice Brasileiro, Osvaldo Luiz de Souza Silva, Ethel Pinheiro Santana e André Carvalho, que me ajudaram com seus comentários, me impulsionando a chegar ao fim deste trabalho.

Aos amigos Selma Tavares, Luis César Peruci, Ricardo Esteves, Virgínia Vasconcellos e Don Ramos o meu obrigado, por não me deixar esmorecer.

Aos colegas do DPUR-FAU-UFRJ, por me cobrar e facilitar o cumprimento desta tarefa.

À todos, a minha eterna gratidão.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAP. I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	22
<b>1 - CONCEITUAÇÃO</b> .....	22
1.1 - Evolução do Conceito .....	22
1.2 - Definições .....	23
1.3 – Ambientes/Dimensões .....	25
1.4 - Os Indicadores/componentes .....	30
1.5 - Abrangência/escalas .....	33
<b>2 - OS MODELOS</b> .....	35
2.1 - Os Modelos quantitativos .....	35
2.2-Os Modelos clássicos qualitativos .....	36
<b>3 - QUADRO DE REFERÊNCIA</b> .....	40
<b>4 – ANÁLISE</b> .....	44
<b>CAP. II – AS FAVELAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SEUS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO</b> .....	48
<b>1 - OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO</b> .....	48
1.1 - 1º Estágio.....	50
1.2 - 2º Estágio.....	52
1.3 - 3º Estágio.....	56
1.4 - 4º Estágio.....	58
<b>CAP. III – METODOLOGIA</b> .....	63
<b>1 - A QUESTÃO</b> .....	63
<b>2 - OS OBJETIVOS</b> .....	64
<b>3 - A HIPÓTESE</b> .....	64
<b>4 – MÉTODO ADOTADO</b> .....	67
4.1 - Montagem do Modelo Conceitual.....	67
4.2 – Conhecimento básico sobre a realidade das favelas da cidade do Rio de Janeiro, seus principais estágios de desenvolvimento juntamente com as intervenções que os determinaram; .....	68
4.3 - Objetivos das pesquisas escolhidas e do respectivo índice desenvolvido. ....	68
4.4 – Avaliação das metodologias aplicadas.....	68
4.5 – Alcance das conclusões.....	71
<b>CAP. IV – O MODELO CONCEITUAL PROPOSTO</b> .....	73
<b>1 – O MODELO</b> .....	73
<b>2 – OS ELEMENTOS DE ESTUDO, UNIDADES DE OBSERVAÇÃO E SEU UNIVERSO OU AMOSTRA</b> .....	75
<b>3 – OS INDICADORES E SEUS ATRIBUTOS</b> .....	76
3.1 – O Indicador Social.....	76
3.2 – O Indicador Residencial .....	77
3.3 – O Indicador Urbano.....	77
3.4 – O Indicador Ambiental.....	78
<b>4 – AS VARIÁVEIS DEPENDENTES E AS INDEPENDENTES</b> .....	79
<b>5 – AS UNIDADES DE MEDIDA</b> .....	79
<b>6 - OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE SUGERIDOS</b> .....	82





<b>CAP. V - OS ESTUDOS PESQUISADOS E SEUS ÍNDICES</b> .....	83
<b>5.1 - “A Qualidade Urbana das Favelas do Rio de Janeiro”</b> . Rio de Janeiro: IplanRio/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997.....	84
<b>5.2 – “A Qualidade de Vida em Aglomerados de Baixa Renda na Cidade do Rio de Janeiro 2000”</b> Pesquisa acadêmica apresentada no Seminário Semana da FAU-UFRJ 2006 – Tema “Habitar a Cidade”.....	89
<b>5.3 – “Síntese da avaliação do Programa Favela Bairro – Primeira Fase 1995 – 2000”</b> . Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/ Instituto Pereira Passos 2005 ....	103
<b>5.4 – “A melhoria das condições de vida dos habitantes de assentamentos precários no Rio de Janeiro: uma avaliação preliminar da meta 11 dos objetivos do Milênio”</b> . Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2006.....	109
<b>5.5 – “O Índice de Desenvolvimento Social: comparando as realidades microurbanas da cidade do Rio de Janeiro”</b> . Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2008. ....	114
<b>5.6 – Análise Comparativa</b> .....	118
<b>CONCLUSÃO</b> .....	122
<b>1 – CONSIDERAÇÕES</b> .....	122
<b>2 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA</b> .....	124
<b>3 - ANÁLISE</b> .....	126
<b>4 – CONFIRMAÇÃO DA HIPÓTESE</b> .....	133
<b>5 – CONSTATAÇÕES</b> .....	136
<b>6 - PROBLEMAS METODOLÓGICOS</b> .....	137
<b>7 – CONTRIBUIÇÕES</b> .....	138
<b>8 – RECOMENDAÇÕES</b> .....	138
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	140



## LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Mapa das Favelas e Loteamentos Irregulares - Clandestinos – 2003 .....	49
Ilustração 2 - Favela de Cordovil antes da Urbanização (Nunes 1978:III).....	51
Ilustração 3 - Brás de Pina antes da Urbanização (Santos 1981:37) .....	51
Ilustração 4 - Expansão da Comunidade da Ilha do Pinheiro (2007).....	52
Ilustração 5 - Expansão da Comunidade da Ilha do Pinheiro (2007).....	52
Ilustração 6 - Brás de Pina em 1971 .....	55
Ilustração 7 - Brás de Pina em 1996.....	55
Ilustração 8 - A Baixa do Sapateiro com suas palafitas .....	57
Ilustração 9 - O Aterro do Projeto Rio .....	57
Ilustração 10 - Park Royal antes do Favela Bairro .....	59
Ilustração 11 - Park Royal Projeto Favela Bairro .....	59
Ilustração 12 – Localização das Favelas e Conjuntos avaliados .....	92
Ilustração 13 – Fotos aéreas das Favelas pesquisadas pelo Estudo 5.2 – 1998.....	92
Ilustração 14 - Plantas dos traçados das favelas e bairros do Estudo 5.2 .....	98



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro de Referência sobre o conceito de qualidade de vida e correlatos.....	42
Tabela 2 - Favelas no Município do Rio de Janeiro de 1950 a 2008 .....	49
Tabela 3 - Os dez maiores e menores índices de qualidade urbana e respectivas favelas do Estudo 5.1 - 1991 .....	88
Tabela 4 - Os 5 maiores e menores índices de qualidade urbana agrupados por favelas nas respectivas RAs da cidade em 1991- Estudo 5.1.....	88
Tabela 5 - Características básicas das favelas e conjuntos analisados pelo Estudo 5.2.....	91
Tabela 6 - Operacionalização dos atributos do Indicador Social do Estudo 5.2.....	95
Tabela 7 - Operacionalização dos atributos do Indicador Residencial do Estudo 5.2 .....	96
Tabela 8 - Operacionalização dos atributos do Indicador Urbano do Estudo 5.2.....	97
Tabela 9 - Resultado do IQV a partir dos atributos objetivos e subjetivos do Estudo 5.2.....	100
Tabela 10 - Favelas: resultado do IQV a partir das variáveis objetivas – Estudo 5.2 .....	101
Tabela 11 - Favelas: resultado do IQV a partir das variáveis subjetivas – Estudo 5.2.....	102
Tabela 12 - Quantidade de favelas em função da percentagem de entrevistados satisfeitos - Estudo 5.3.....	108
Tabela 13 - Gráfico de Comparação dos Indicadores do Modelo Conceitual x Pesquisas....	126
Tabela 14 – Grau de Satisfação com os Indicadores – Pesquisa 5.2 - 1995 .....	127
Tabela 15 – Gráfico de Comparação dos Indicadores do Modelo Conceitual x Políticas Públicas .....	128
Tabela 16 – Distribuição dos atributos por indicador .....	129
Tabela 17 – Resumo da Tabela 2248 da Pesquisa 5.5 – Armazém de Dados – IPP - 2000...	130



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Modelo Conceitual Básico de Campbell (1979:13).....	37
Gráfico 2 - Quadro Teórico de Campbell (1979:16).....	38
Gráfico 3 - Quadro Teórico do Domínio Residencial segundo Campbell (1979:220) .....	38
Gráfico 4 – Modelo Conceitual .....	74
Gráfico 5 - Modelo Operacional do Estudo 5.1 .....	85
Gráfico 6 - Modelo Operacional do Estudo 5.2 .....	93
Gráfico 7 - Modelo Operacional do Estudo 5.3 .....	105
Gráfico 8 - Modelo Operacional do Estudo 5.4.1 .....	111
Gráfico 9 - Modelo Operacional do Estudo 5.4.2 .....	112
Gráfico 10 - Modelo Operacional do Estudo 5.5 .....	115
Gráfico 11 – Atributos dos Indicadores: Social, Residencial e Urbano por ordem de importância.....	133



## INTRODUÇÃO

A qualidade de vida é um conceito complexo que tem provocado uma grande quantidade de debates, tanto acadêmicos quanto públicos, acerca de sua definição e dimensionamento. Os estudos realizados e as pesquisas aplicadas demonstram que existe pouca concordância sobre quais indicadores devem ser usados para se montar um índice que expresse a qualidade de vida e quais dimensões e abordagens deveriam ser incorporadas.

Muitos são os estudos sobre qualidade de vida em diversas escalas: bairros, cidades, municípios, regiões e nações, sendo o nível de desenvolvimento deste conceito consequência destas diferentes abordagens.

De uma forma mais abrangente, os estudos sobre este conceito, segundo Rogerson (1989) apresentam uma tendência “separatista”, que acontece nos campos de conhecimento da economia, da sociologia, da geografia e da medicina assim como na aplicação e desenvolvimento de índices pelo poder público. Tendência esta, muito mais decorrente da inexistência ou não aceitação de uma adequada estrutura conceitual básica, do que de uma carência de pesquisas interdisciplinares sobre o assunto.

No Brasil, nesta primeira década do Séc.XXI, um dos principais debates ocorreu em 2003, em Curitiba, por ocasião da Conferência Internacional sobre Indicadores de Desenvolvimento Sustentável e Qualidade de Vida, ICONS 2003, cujo objetivo foi a discussão e a proposta de inclusão de indicadores alternativos para medir a prosperidade e a qualidade de vida da população em todo o planeta. Já em 2006, em Belo Horizonte ocorreu o Seminário Internacional de Desenvolvimento Humano Sustentável e Objetivos de Desenvolvimento do Milênio organizado pelo IDHS<sup>1</sup> da PUC-MG e o PNUD<sup>2</sup> onde se discutiu os principais subsídios que têm contribuído para a diminuição da pobreza já que os programas de transferência de renda e as últimas PNADs<sup>3</sup> mostraram que a desigualdade está sendo reduzida no país. Neste seminário também foram avaliadas as metas socioeconômicas que os países da ONU<sup>4</sup> se comprometeram a atingir até 2015, levando-se em consideração principalmente o objetivo 7 e suas metas 10 e 11 contidas na Declaração do Milênio<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Instituto do Desenvolvimento Humano Sustentável

<sup>2</sup> Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento presente em 166 países.

<sup>3</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

<sup>4</sup> Organização das Nações Unidas

<sup>5</sup> Declaração esta adotada pela Assembléia Geral da ONU em 2000 cujo objetivo 7 é garantir a sustentabilidade ambiental e onde a meta 10 determina reduzir pela metade até 2015 a proporção sem acesso permanente e sustentável à água potável e o esgotamento sanitário e a meta 11 é alcançar até 2020 uma melhora significativa na vida de pelo menos 100 milhões de habitantes de assentamentos precários.



No âmbito nacional esses objetivos se concentram em garantir os direitos sociais<sup>6</sup>, contidos no Art. 6º da Constituição Federal, onde o direito à “moradia” foi incluído através da Emenda Constitucional nº 26, de 14/02/2000. Ao nível local os objetivos consistem em desenvolver e implantar programas e investimentos públicos dentro das cidades, assim como monitorar e avaliar as melhorias das condições de vida por eles propiciadas.

Este trabalho se originou no interesse despertado em desvendar a qualidade de vida proporcionada e percebida nas favelas do Rio de Janeiro, preenchendo, assim, a lacuna anteriormente mencionada. A partir de então, formulamos a questão central que, enfocando as favelas da cidade, tem por finalidade descobrir como mensurar a qualidade de vida nestas áreas para saber se as políticas públicas de regularização urbanística e fundiária estão atendendo aos seus objetivos.

Assim sendo, a partir da questão central, este trabalho tem por objetivo analisar a construção do índice qualidade de vida, explorar e questionar seu dimensionamento, investigar as metodologias existentes e, se possível, propor um arcabouço básico que sirva como ponto de partida consensual para futuras pesquisas do gênero.

Ao considerar que a melhoria dos padrões de vida no Brasil é uma tarefa hoje assumida pelos governos locais, com o apoio financeiro do governo central ou órgãos internacionais. Este estudo procura comparar as ações dos programas públicos que objetivam a melhoria da qualidade de vida nas áreas de menor poder aquisitivo, com o monitoramento e avaliação destas melhorias. Quais as divergências e concordâncias acerca das dimensões, domínios, indicadores e atributos que abrangem o conceito de qualidade de vida e o que deve ser medido a fim de torná-lo um instrumento válido, confiável e útil para a tomada de decisões face a sua capacidade de síntese do fenômeno estudado.

Na medida em que as favelas estão sendo consideradas como uma estratégia de acesso à cidade (Cavallieri 2006:4) e que muito investimento tem sido gasto para melhorar suas condições de habitabilidade, como monitorar e avaliar estas políticas e programas a partir do conceito qualidade de vida?

Sob esta ótica, levantamos a hipótese de que “os elementos modificadores<sup>7</sup>, utilizados ou objetivados pelas políticas públicas para intervir e melhorar a qualidade de vida não são plenamente considerados como atributos ou indicadores no dimensionamento do índice qualidade de vida”.

---

<sup>6</sup> Educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados.

<sup>7</sup> Categoria criada para designar as benfeitorias que estão sendo introduzidas pelo poder público.



Para comprovar tal hipótese, este trabalho irá analisar cinco estudos sobre qualidade de vida em favelas na cidade do Rio de Janeiro, dissecando as metodologias desenvolvidas/utilizadas. Os estudos selecionados foram aqueles que avaliaram as favelas dessa cidade, considerando seu universo ou uma amostra dele.

O foco da análise metodológica, portanto, incide sobre os estudos realizados nas denominadas favelas, nome popular adotado para caracterizar as áreas residenciais carentes da cidade do Rio de Janeiro, também identificadas como “comunidades de baixa renda”, “comunidades de baixa inclusão social” e “aglomerados subnormais” (IBGE)<sup>8</sup>.

Caracterizadas como sendo o lócus da pobreza urbana, desde a sua origem, somente a partir da década de 40 estes espaços passaram a ser o alvo de estudos/intervenções públicas cujo objetivo sempre se traduziu por uma melhor qualidade de vida. Dentre as mais recentes intervenções podemos destacar o Programa Favela Bairro cujo objetivo declarado visa complementar ou construir uma estrutura urbana com saneamento, democratização dos acessos, oferta de melhores condições ambientais, de legibilidade urbanística e a regularização fundiária/titulação.

Entender, portanto este processo de desenvolvimento urbanístico poderá nos levar a entender melhor seus diferentes níveis de qualidade de vida.

Todo o trabalho desta tese foi organizado de modo a explorar as metodologias utilizadas para dimensionar o conceito de qualidade de vida. Muitos métodos analíticos foram desenvolvidos e evoluíram no âmbito de várias áreas profissionais que se interessam por esse tema. Arquitetos, engenheiros, geógrafos, ambientalistas, cientistas sociais, planejadores, investidores e administradores públicos tendem a enfatizar determinadas dimensões e indicadores deste conceito quando praticam o planejamento habitacional de forma mais específica e o planejamento urbano de forma mais ampla. Um pesquisador pode assim avaliar a qualidade de vida dos moradores de uma área residencial, de uma cidade e até mesmo de um país, em termos de seus indicadores sociais, econômicos, ambientais, residenciais e urbanísticos utilizando-se tanto de medidas quantitativas/objetivas quanto qualitativas/subjetivas.

---

<sup>8</sup> Termos mais comumente utilizados para se referir às favelas da Cidade do Rio de Janeiro. Segundo o IBGE em seu Manual do Censo Demográfico 2000 considera “aglomerado subnormal” como um conjunto (favelas e assemelhados) constituído por unidades habitacionais (barracos, casas etc.), ocupando, ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.



Várias pesquisas constroem índices de qualidade de vida, qualidade urbana, qualidade ambiental, qualidade residencial dentre os mais conhecidos, com a finalidade de formular planos, programas e políticas públicas. Muitas pesquisas também usam estes índices para comparar lugares, como é o caso do IDH entre 166 países, na sua escala mais ampla. Outros desenvolvem tabelas classificatórias para identificar áreas urbanas que proporcionam melhor qualidade de vida.

Buscamos neste estudo questionar algumas dimensões adotadas pelas metodologias analisadas e que venham a ajudar na montagem mais adequada deste índice assim como ajudar na definição das estratégias de intervenção que contribuem para a melhoria da qualidade de vida.

A ênfase deste trabalho foi direcionada para focar os avanços metodológicos relativos à construção/dimensionamento deste conceito, ou seja, no sentido de explorar as metodologias empregadas assim como seus resultados, oferecendo também algumas contribuições conceituais neste sentido.

Os estudos escolhidos foram:

1. “A Qualidade Urbana das Favelas do Rio de Janeiro” desenvolvido pelo IPLANRIO<sup>9</sup> (1997) a partir dos dados do censo de 1991;
2. “A qualidade de vida percebida em favelas e conjuntos habitacionais na cidade do Rio de Janeiro” desenvolvido por Silveira, I. (2006) a partir de uma pesquisa de campo realizada em 1995;
3. “Síntese da avaliação do Programa Favela Bairro – Primeira fase 1995-2000” realizado pelo Instituto Pereira Passos - IPP (2005) em conjunto com a Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro utilizando-se de informações pesquisadas em momentos distintos de antes e depois da implantação do referido programa. O momento anterior sendo caracterizado por informações secundárias do censo de 1991-IBGE, do Programa de Educação Sanitária - EDUSAN de 1994 e 1995, e por uma pesquisa de campo em 1998. O segundo momento sendo caracterizado por dados obtidos por pesquisas de campo realizadas respectivamente em 1998, 2003 e 2004;
4. “A melhoria das condições de vida dos habitantes de assentamentos precários no Rio de Janeiro: uma avaliação preliminar da meta 11 dos objetivos do Milênio”

---

<sup>9</sup> Empresa Municipal de Informática e Planejamento S.A. – IPLANRIO, antiga denominação do Instituto Pereira Passos - IPP.





desenvolvido por Cavallieri, F. e Oliveira S. (2006), ambos do Instituto Pereira Passos – IPP, sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Urbanismo, utilizando informações dos censos demográficos de 1960, 1991 e 2000;

5. “Índice de Desenvolvimento Social – IDS: comparando as realidades microurbanas da cidade do Rio de Janeiro” desenvolvido por Cavallieri, F e Lopes, G.P. (2008), também do IPP, utilizando-se de dados do censo de 2000 - IBGE.

O primeiro dos estudos analisados abrangeu todas as favelas da época (1991), o segundo abrangeu 5 favelas urbanizadas<sup>10</sup>, o terceiro abrangeu as 17 favelas alvo da primeira fase do Programa Favela Bairro, o quarto voltou a abranger todas as favelas através dos setores censitários considerados como aglomerações subnormais e o último estudo no ano 2000, abarcou também todas as favelas da cidade.

Suas metodologias são analisadas tomando-se por base um modelo conceitual proposto para o dimensionamento do Índice de Qualidade de Vida construído a partir da fundamentação teórica apresentada.

No primeiro, no quarto e no último estudo, onde a amostra abrange todo o universo das favelas, apenas as dimensões objetivas são contempladas, sendo seus indicadores construídos apenas por medidas quantitativas coletadas nos respectivos Censos Demográficos do IBGE. Este trabalho mostrará que no caso do segundo e do terceiro estudo, além das dimensões objetivas, encontramos as dimensões subjetivas. Estes estudos, ao incluírem as dimensões subjetivas, principalmente através do atributo satisfação, demonstram como é possível dimensionar variáveis subjetivas, abrindo também novas perspectivas sobre a construção dos indicadores e da montagem do índice qualidade de vida, que levam em consideração a participação, a percepção e avaliação dos moradores destas áreas.

A decisão de focar estas metodologias buscou questionar a construção do indicador residencial, em primeiro lugar, do indicador urbano em segundo, e demonstrar a utilidade da inclusão de dimensões subjetivas.

Acreditamos que este trabalho dará maior visibilidade a importância da discussão do índice de qualidade de vida em favelas, assim viabilizando a orientação de políticas públicas para as áreas de especial interesse social. A hipótese formulada pressupõe que a concepção de um índice de qualidade de vida para avaliar as condições de vida nas favelas cariocas, sem a inserção de um indicador urbano que considere como atributos os elementos implantados

---

<sup>10</sup> Favelas estas consideradas urbanizadas pelo Sabren – IPLANRIO em publicação relativa ao acervo existente em Abril de 1994.



modificadores da realidade pré-existente e com a presença de um indicador residencial, cujos atributos se restrinjam unicamente aqueles da infraestrutura, configuram uma representação incompleta e imprecisa. Observa-se que as ações no que tange a melhoria da qualidade de vida das favelas, através das políticas e programas públicos, não são levadas em consideração na hora de se dimensionar e avaliar a qualidade de vida dessas favelas.

A fim de comprovar nossas ideias, esta tese é composta de uma introdução, cinco capítulos e a conclusão.

A introdução procura informar de maneira sucinta as principais etapas deste estudo, seus objetivos, os assuntos abordados, as questões suscitadas e as contribuições almejadas. Desta forma também mostra como ele está estruturado, resumizando seus capítulos e a conclusão.

O capítulo um, da fundamentação teórica enfoca a evolução do conceito de qualidade de vida, as diversas tentativas de defini-lo, assim como suas dimensões que de certa forma, condicionam e influenciam as diversas definições encontradas. Assim também são caracterizados os principais indicadores e seus atributos que distinguem cada dimensão. Não menos importante abordamos um aspecto que influencia na montagem e definição deste conceito que é a escala ou abrangência do estudo levando em conta os quatro possíveis níveis de universos pesquisados, o nível intra-urbano, urbano, regional e nacional. Ainda neste capítulo são apresentados dois exemplos clássicos de desenvolvimento do índice de qualidade de vida, os mais tradicionais que só se utilizam de indicadores quantitativos, tradicionalmente conhecidos como indicadores sociais e dois modelos clássicos de qualidade de vida que engloba tanto indicadores objetivos quanto subjetivos derivados das dimensões escolhidas. Por fim um quadro epistemológico é apresentado caracterizando 20 estudos desde a década de 70 para mostrar a evolução das pesquisas sobre qualidade de vida. Por último é feita uma análise mostrando o estado da arte do conceito qualidade de vida suas tentativas de definição e dimensionamento.

O **segundo capítulo** introduz a questão das favelas na cidade do Rio de Janeiro, examinando o processo de consolidação destas ocupações, primeiramente através de esforços da comunidade e depois através de políticas e programas implantados, seus principais objetivos, influências e consequências. Através da caracterização de quatro estágios de desenvolvimento procura-se mostrar como as favelas na cidade do Rio de Janeiro vêm se estabilizando e melhorando suas condições de vida, desde suas origens até o seu reconhecimento e integração à cidade formal. Estes estágios procuram caracterizar os principais momentos por que passam estas áreas e que de certa forma foram induzidos por marcos/eventos decorrentes de



importantes intervenções/transformações ocorridas. As favelas do Rio além de possuírem características específicas, herdaram uma história muitas vezes marcada por conflitos o que lhes outorga suas identidades. Assim é que a partir destes estágios, identificamos diferentes etapas de urbanização nessas áreas e que, portanto podem ajudar a explicar as diferenças de qualidade de vida além de esclarecer muitos mitos.

O **terceiro capítulo** procura estabelecer a metodologia aplicada neste trabalho, primeiramente distinguindo a questão básica a respeito da concepção do conceito qualidade de vida, assim como algumas questões secundárias levantadas a partir da fundamentação teórica. O objetivo se revela como uma investigação das metodologias empregadas pelas pesquisas sobre o dimensionamento da qualidade de vida nas favelas da cidade do Rio de Janeiro a fim de comprovar a hipótese levantada neste capítulo. O método de análise proposto abrange cinco etapas assim caracterizadas: o conhecimento das principais etapas de desenvolvimento das favelas para entender as diferentes condições de vida já alcançadas por estas áreas; a montagem de um modelo conceitual de construção do índice de qualidade de vida que irá servir como referencial de comparação; a identificação dos objetivos das pesquisas analisadas; suas metodologias para o desenvolvimento e dimensionamento do conceito de qualidade de vida ou conceitos correlatos; e finalmente os respectivos alcances de suas conclusões.

O **quarto capítulo** desenvolve o modelo conceitual proposto contra o qual serão comparadas as metodologias dos estudos escolhidos para essa avaliação. Apresenta os indicadores e atributos necessários para se dimensionar um índice de qualidade de vida sob o ponto de vista compreensivo<sup>11</sup> e confiável, tendo em vista o contexto histórico e cultural das favelas da cidade do Rio de Janeiro, propondo a utilização de variáveis bastante consagradas assim como suas formas de medição. Finalmente, em relação à composição do Índice de Qualidade de Vida aponta as mais utilizadas técnicas e métodos para a sua concretização.

No **quinto capítulo** são analisados os cinco estudos escolhidos mostrando suas metodologias, seus objetivos, indicadores e atributos escolhidos, sujeitos investigados, material coletado e métodos e técnicas de análise utilizadas. Seus pontos fortes e fraquezas que caracterizam e creditam os índices montados.

Na conclusão procuramos comprovar e justificar a hipótese levantada, levando-se em conta: os objetivos almejados e ações executadas pelas políticas e programas públicos e os dimensionamentos do índice de qualidade de vida nas favelas da cidade do Rio de Janeiro

---

<sup>11</sup> No sentido de abranger não só os aspectos objetivos, mas também os aspectos subjetivos, além de abarcar a maior parte das dimensões que este conceito comporta.



através de seus atributos e indicadores tanto quantitativos quanto qualitativos, identificando o quanto cada um dos indicadores tem influenciado na determinação deste índice.

Além disso, levantamos algumas questões metodológicas a serem consideradas nos próximos trabalhos e pesquisas do gênero a fim de obtermos uma melhor definição, dimensionamento, precisão e confiabilidade do Índice de Qualidade de Vida.



## **CAP. I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1 - CONCEITUAÇÃO**

#### **1.1 - Evolução do Conceito**

O desenvolvimento dos primeiros indicadores de “qualidade de vida” começou nos anos 50, depois da 2ª Guerra Mundial. Havia nesta época uma necessidade crescente para se medir o bem estar social nos Estados Unidos, fundamentados em muito mais do que simples indicadores econômicos. Por muitos anos, o indicador econômico mais utilizado pelos órgãos públicos para medir o “progresso” ou o “grau de desenvolvimento de uma região ou país” foi o Produto Interno Bruto (PIB). A comunidade das ciências sociais começou por coletar informações enfocando as tendências nacionais. As medidas usadas para avaliar alguns aspectos econômicos e não-econômicos da vida americana, entretanto não ofereceram nenhuma conclusão acerca das causas, efeitos ou significados das condições ou prosperidade sociais. Estes “indicadores sociais” também conhecidos como indicadores objetivos eram operacionalizados através de medidas quantitativas das condições e tendências sociais, assim fornecendo informações acerca dos efeitos de várias políticas governamentais. A maioria das pesquisas com indicadores sociais continua sendo feita por cientistas sociais trabalhando de forma normativa e com uma perspectiva lógica positiva. De acordo com Campbell, Converse e Rodgers (1976) os primeiros indicadores subjetivos da qualidade de vida baseados numa abordagem psicológica foram estudados e desenvolvidos por Gurin, Veroff e Feld (1960). Eles propunham uma orientação do tipo saúde mental e as medidas refletiam a tentativa dos autores em acessar a saúde psicológica de seus respondentes. Outro grande estudo, ainda na década de 60, foi desenvolvido por Norma Bradburn (1965) e baseava-se no estado afetivo enfatizando a felicidade com a vida. O terceiro maior estudo foi feito por Cantrill (1971) criando uma "escala de auto-motivação"<sup>12</sup> e que enfatizava as aspirações, necessidades e satisfação com a vida. O termo "qualidade de vida" não recebeu uma ampla divulgação nem foi usado amplamente até os anos 70 do Séc.XX. O primeiro a publicar este termo em uma pequena monografia intitulada "Quality of Life" foi James Michener (1971).

Os anos 90 viram nascer o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) desenvolvido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento que objetiva ser uma medida geral,

---

<sup>12</sup> Tradução do autor dada a “self-anchoring striving scale”.



sintética, do desenvolvimento humano. Ele não abrange todos os aspectos de desenvolvimento e não é uma representação da "felicidade" das pessoas, tampouco indica "o melhor lugar no mundo para se viver"<sup>13</sup>. Este índice é apresentado através dos Relatórios de Desenvolvimento Humano da ONU que caracterizam temas considerados relevantes ligados ao desenvolvimento humano em diversos países, além de reunir tabelas estatísticas e informações sobre o assunto. Publicado pela primeira vez em 1990, este índice foi recalculado para os anos anteriores, a partir de 1975. Aos poucos, o IDH tornou-se referência mundial e tem influenciado sobremaneira a montagem e dimensionamento de outros índices. Outra recente abordagem é o "índice de qualidade ambiental-IQA" também desenvolvido por pesquisadores e políticos com o objetivo de definir qualidade de vida. Estes últimos índices com seus indicadores, objetivamente orientados, têm sido usados pelos órgãos públicos para alocar investimentos, determinar políticas prioritárias, reforçar padrões de qualidade ambiental, estabelecer tendências e analisar a qualidade de vida para as comunidades públicas e científicas.

Como vemos, existem trabalhos e estudos com uma forte tendência à uma avaliação qualitativa e outros com maior ênfase numa avaliação quantitativa. Esta última, aliada do movimento dos indicadores sociais sobre as pesquisas da qualidade de vida prioriza os parâmetros objetivamente mensuráveis. Eles defendem o uso de parâmetros sociais em um modelo de sistema social estruturado para prover a base de políticas sociais mais efetivas. Além de oferecer amplos horizontes para pesquisas mais concretas e específicas, evita-se a instabilidade das definições decorrentes das abordagens subjetivas.

## **1.2 - Definições**

Dentre as definições que acompanham a abordagem subjetiva podemos citar: Mitchel (1971:4), para quem a qualidade de vida "é uma satisfação geral percebida por um indivíduo de suas necessidades em um determinado período"; Dalkey (1972:58) onde qualidade de vida "significa uma sensação de bem estar de uma pessoa, sua satisfação ou insatisfação com a vida, ou sua felicidade ou infelicidade" e Hornback and Shaw (1972:4) cuja qualidade de vida é definida "como uma função de apropriadas condições objetivas para uma população selecionada e de atitudes subjetivas em relação àquelas condições sentidas por pessoas daquela população".

---

<sup>13</sup> Informações do Site [www.pnud.org.br/idh/](http://www.pnud.org.br/idh/)



Finalmente para Cutter (1985:1), a qualidade de vida foi definida como uma "satisfação ou felicidade individual com a vida e o meio ambiente incluindo desejos e necessidades, aspirações, preferências de estilos de vida e outros fatores tangíveis que determinam o bem estar geral". Portanto, a abordagem subjetiva, como se pode ver a partir das definições apresentadas, está baseada nos conceitos de felicidade e de satisfação, que são noções subjetivas vinculadas à sensação psíquica e a agradabilidade dos usuários.

Com o acúmulo de conhecimento, espera-se que a aparente divergência entre a abordagem objetiva e a abordagem subjetiva possa se tornar menos pronunciada.

Do ponto de vista do progresso científico, cada esforço para se medir ou explicar a qualidade de vida deve estar baseado numa definição cuidadosamente concebida. Uma vez tendo sido estabelecida uma base conceitual bem estruturada, o estudo sobre qualidade de vida pode formular uma série de hipóteses que poderão ser testadas.

Muitos estudos sobre qualidade de vida usam a satisfação como conceito básico para estabelecer o indicador de qualidade de vida, devido a sua adaptabilidade para medir domínios da vida e do ambiente, mais do que assumir uma única medida global. Outra vantagem é que os que tomam decisões estão bem acostumados a pensar com o objetivo de satisfazer necessidades públicas específicas.

O conceito de Qualidade de Vida, em termos qualitativos é basicamente definido como a "sensação de bem estar percebida pelo indivíduo, sua satisfação ou insatisfação com a vida" segundo Dalkey (1972), Cutter (1985) e Mitchel (1972).

De uma forma mais genérica Mitchel e Logothetti (1973) entendem qualidade de vida como uma "sensação percebida pelo indivíduo de completa satisfação de suas necessidades, durante um certo período de tempo". Todas estas definições que englobam o conceito de satisfação diferem radicalmente daquelas baseadas principalmente em medidas objetivas externas. Segundo os autores Mitchel e Logothetti (1973) é mais importante saber como um indivíduo se sente sobre sua situação do que identificar seu status, sua escolaridade ou outras informações medidas simplesmente de forma quantitativa conforme EPA (1973 II-37).

Este trabalho concorda com a idéia de que é necessário se desviar dos mais utilizados padrões, valores, necessidades, preferências e desejos da classe média, para tentar descobrir quais os verdadeiros padrões, valores, necessidades, preferências e desejos da população pesquisada ainda mais se ela pertencer à classe baixa. A resistência em se adotar uma abordagem mais qualitativa e, portanto a não inclusão da percepção da população pesquisada, consideram que eles não sabem o que é melhor para eles ou não sabem o que querem para si mesmas.



O conhecimento imperfeito das preferências habitacionais dos consumidores principalmente os de baixa renda representa um importante obstáculo para a compreensão das mudanças de estrutura espacial das áreas residenciais de baixa renda na Cidade do Rio de Janeiro.

Torna-se um pré-requisito essencial, compreender as limitações e a percepção da população de baixa renda, a estrutura cognitiva de suas vidas assim como do seu meio ambiente residencial, suas preferências e estilos de vida.

### **1.3 – Ambientes/Dimensões**

Tendo em vista a abrangência do conceito de qualidade de vida, além de compreensivo ele também é multidimensional, abrangendo diversas dimensões, tanto materiais quanto imateriais que se utilizam tanto de atributos objetivos quanto subjetivos. Dentre as primeiras encontramos a dimensão social, a econômica, a urbana, a técnica e a ambiental, enquanto que dentre as que produzem atributos subjetivos estão a dimensão senso-perceptivo/emocional, a histórica, a cultural e finalmente a estética. Nem sempre a divisão entre elas é rígida e as dimensões materiais por vezes incorporam atributos subjetivos. Em resumo, em se tratando do conceito de qualidade de vida, várias dimensões podem ser utilizadas para caracterizar os atributos e as variáveis escolhidas que irão compor os indicadores.

As diversas dimensões de abrangência do conceito:

#### **1.3.1 - Social**

Esta dimensão se tornou senão a mais importante, a mais utilizada das dimensões, estando diretamente ligada à disciplina da sociologia. Assim é que, no dimensionamento da qualidade de vida os sociólogos desempenham um importante papel na construção e definição do indicador social, seus atributos e variáveis, além das suas melhores formas e técnicas de medição.

Ao longo dos anos a sociologia tem fornecido uma considerável quantidade de atributos para dimensionar a qualidade de vida, dentre os quais podemos destacar: classe social, etnia, escolaridade, saúde, relações sociais, familiares e estilos de vida. A dimensão social é responsável por revelar que a sociedade é uma comunidade composta por valores individuais e coletivos, tanto objetivos quanto subjetivos.

Desta forma o indicador social com seus atributos também conhecidos como indicadores sociais, assume por completo esta dimensão.





Apesar de possuir características subjetivas bastante relevantes, foram as características e atributos objetivos que predominaram e até hoje predominam na definição do indicador social.

Nestes casos existe um consenso de que o indicador resultante dessa dimensão representa de forma única ou parcial uma medida da qualidade de vida e de que a demanda por informações sociais é relevante para a tomada da maioria das decisões políticas.

A dimensão social tem sido bastante útil na compreensão dos programas habitacionais, educacionais, de saúde, de transporte dentre os mais importantes.

### **1.3.2 - Econômica**

Normalmente, a prioridade das nações tem sido sua condição econômica, relegando em segundo plano as questões relacionadas com os elementos humanísticos da vida, a natureza da consciência e dos indicadores sociais que por sua vez só são considerados depois dos problemas básicos de sobrevivência econômica.

A dimensão econômica para se definir qualidade de vida esteve sempre baseada “em números”, pois a metodologia econômica sempre foi interpretar qualidade em termos quantitativos.

Dr. Fred Singer da Universidade de Virginia (USA) apresentou a seguinte definição sob o ponto de vista econômico:

“Na nossa sociedade, aonde o conforto material contribui de forma importante para o que consideramos felicidade, uma vaga definição poderia ser como ter tanto dinheiro, que o que sobra, depois de atender todas as necessidades básicas e de ter as oportunidades e o tempo necessário, possa ser gasto de uma forma agradável, o que também significa ter um máximo alcance de opções de modos de vida”(EPA, 1972:I-26).

Sob o ponto de vista econômico a qualidade de vida só pode ser alcançada através da oferta de uma renda básica suficiente.

Só recentemente foram dados alguns passos no sentido de incorporar valores qualitativos em análises técnicas econômicas, como econometria, estudos de produção e consumo e pesquisas operacionais dentre outras. Alguns economistas estão começando a atentar para conceitos como produção e distribuição, bens e serviços, mercadorias e desempenho que possuem cada vez mais uma relação biunívoca com os atores humanos.



Assim sendo, os atores vem assimilando que só os atributos materiais já não são mais suficientes para avaliar a qualidade de vida.

Dentre os indicadores mais comuns desta dimensão podemos encontrar: a renda, o emprego, o consumo familiar e os gastos com a residência.

### **1.3.3 - Urbana**

A dimensão urbana leva em consideração que o indivíduo não pode ser analisado isoladamente do lugar onde vive, lugar este, considerado como uma área urbana. Esta dimensão, portanto deve incluir as características deste lugar enfatizando os aspectos tradicionalmente utilizados que o definem como um bom lugar para se viver. Normalmente são utilizados parâmetros, também conhecidos como índices urbanísticos que garantam a qualidade do lugar.

Só para exemplificar dentre os mais utilizados, podemos citar: quantidade mínima de metros quadrados de área de lazer por habitante, a presença de equipamentos comunitários tais como escolas, postos de saúde e comércio local a uma distância nunca superior a 500m e em área proporcional à densidade populacional prevista ou existente<sup>14</sup>, além da existência ou não de uma infraestrutura básica<sup>15</sup> ou saneamento básico. Todos estes componentes com suas diversas quantificações podem estabelecer ou proporcionar uma melhor qualidade de vida. Portanto, os indicadores mais comuns da dimensão urbana podem ser citados: o uso do solo, os equipamentos comunitários e os equipamentos urbanos e o saneamento básico.

### **1.3.4 - Técnica**

De modo geral, todos os objetos possuem dois tipos de informações ou abordagens: a tecnologia empregada na sua fabricação e a sua função. Assim cada objeto possui determinadas características tecnológicas a partir do momento ou época em que foi criado e o tempo ou as inovações tecnológicas podem torná-los obsoletos mesmo que continue exercendo adequadamente sua função. A cada inovação tecnológica de um objeto implica numa revalorização do mesmo e via de regra sua qualidade anterior perde valor.

---

<sup>14</sup> Lei Federal 6766, Art. 4º Item I.

<sup>15</sup> Segundo a Lei Federal 6766, em seu Art. 2º § 4º considera infraestrutura básica os equipamentos urbanos de escoamento das águas pluviais, iluminação pública, redes de esgoto sanitário e abastecimento de água potável, e de energia elétrica pública e domiciliar e as vias de circulação pavimentadas ou não.



Num dado ambiente urbano a técnica se apresenta em tudo o que está construído ou fabricado. Dessa forma, a dimensão técnica reconhece que as mudanças/ inovações técnicas influenciam na qualidade do objeto.

Dentre os indicadores desta dimensão podemos encontrar: o m<sup>2</sup> de área recreacional/hab., o conforto, a estrutura da habitação e a inovação/modernidade.

### **1.3.5 - Ambiental**

A dimensão ambiental na definição da qualidade de vida objetiva a inclusão deste índice nos vários modelos de gestão e do planejamento ambiental.

Depois de temer o meio ambiente, o homem começou a entendê-lo, a usá-lo, a esgotá-lo e agora está preocupado com o que fez e com o que pode ser feito para investir com qualidade no seu mundo físico e biológico. A redefinição de nosso relacionamento com o meio ambiente deve, portanto levar em consideração a qualidade de vida percebida e desejada.

É evidente que a melhoria da qualidade do meio ambiente além de contribuir para a nossa sobrevivência influencia de forma direta e objetiva na qualidade de vida. Quantificadores da poluição do ar, da poluição dos recursos hídricos e da produção e destinação de resíduos sólidos já estão sendo incorporados em muitos modelos de análise e dimensionamento da qualidade de vida, constituindo-se em muitos casos como um domínio obrigatório deste conceito.

Devido aos problemas ambientais surgidos e debatidos nesta primeira década do século XXI, esta dimensão tem sido considerada como uma das mais importantes.

Dentre os atributos mais comuns da dimensão ambiental encontramos: o conforto ambiental, a poluição do ar, a poluição da água, a poluição do solo, a massa arbórea e a sustentabilidade.

### **1.3.6 - Senso-perceptivo/emocional**

A dimensão senso-perceptiva/emocional da definição de qualidade de vida se reporta a sensações/sentimentos de felicidade, liberdade, segurança, amor, afeição, pertinência e status enfocando nas aspirações, desejos e necessidades humanas e sua satisfação ou atendimento. Para Schmalz (1972) a qualidade de vida pode ser medida através da determinação da diferença entre o estado atual percebido por um indivíduo e o que ele aspira, deseja e precisa (EPA, 1972:I-8). Esta dimensão bastante discutida nos dias atuais quase sempre é descartada, pois muitos pesquisadores acreditam que o que não se pode medir não deve ser considerado o que por muitas vezes tem invalidado sua definição e a sua mensuração.



Com o aumento da importância desta dimensão, muitas técnicas de mensuração têm aparecido e sido aplicadas no dimensionamento dos componentes desta dimensão.

Dentre os indicadores mais comuns desta dimensão podemos encontrar: satisfação, felicidade, liberdade e estabilidade<sup>16</sup>.

### **1.3.7 - Histórica**

A dimensão histórica na definição de qualidade de vida parte do princípio de que toda a história nos mostra que o estado presente é a forma de nos indicar como o passado chegou até nós e que os fatos cotidianos assumem relevância na medida em que servem de referência à consciência histórica. Deste modo um fato social relacionado a um espaço, onde acontecem os encontros da comunidade, são elementos da memória sem o quê, a melhoria deste espaço perde seu caráter evolutivo. Vários movimentos históricos coexistem num determinado lugar e produzem cultura material. A História então se inscreve também por meios de todas as construções espaciais – uma forma mais sensível/subjetiva de cognição.

A História muda, necessariamente os espaços urbanos de uma forma mais ampla e os espaços residenciais de uma forma mais restrita, acarretando uma série de apegos, sentimentos de pertencimento e afeto o que, por sua vez, influenciam na determinação da qualidade do lugar que por sua vez influencia na qualidade de vida como um conceito mais global.

Dentre os indicadores desta dimensão encontramos: pertinência, afinidade, apego, memória e afeto.

### **1.3.8 - Cultural**

A dimensão cultural reflete as várias práticas relacionadas à regionalismos, etnias, profissões ou opções subgrupais. Desta forma refletem as concentrações de imigrantes nacionais, grupos de artistas, profissionais, homossexuais ou certas comunidades que se concentram na cidade para demonstrarem suas práticas sociais. Quanto mais cosmopolita for a cidade, mais rica em opções de vida e suas formas de expressões.

Enquanto algumas comunidades possuem uma alta identidade cultural quase sempre advinda da origem de seus moradores, outras comunidades permanecem sem identidade expressa. É neste sentido que quanto mais fortes forem os traços culturais da comunidade, mais possibilidades haverá de que a qualidade de vida percebida por estas pessoas seja maior do que aquelas que residem em comunidades mais globalizadas.

---

<sup>16</sup> Tendo em vista as condições de ocupação das favelas e as possibilidades de remoção, este indicador procura medir se esta sensação existe e em que grau ela existe.



Algumas favelas, pelo próprio histórico de formação, foram se constituindo de moradores advindos de determinadas regiões do país que ali se concentraram por estarem entre seus pares e é esta identidade cultural que reforça a avaliação da qualidade de suas vidas.

Dentre os indicadores mais comuns desta dimensão podemos encontrar: etnia, formação profissional e identidade.

### **1.3.9 - Estética/formal**

A dimensão estética se concretiza e se apóia na forma de um determinado objeto, pois ao tomar forma qualquer objeto assume especificidade estética. Normalmente esta dimensão se manifesta nos diversos espaços da cidade de forma subjetiva. As diferenças de altura, recuos, materiais empregados, cores texturas, usos e vários outros parâmetros podem criar paisagens heterogêneas ou homogêneas, agradáveis ou desagradáveis. Cada época e cada cultura podem expressar variadas formas urbanas com diversos graus estéticos. Qualquer área ou lugar urbano pode despertar bons ou maus sentimentos assim como um sítio turístico nos desperta prazer. Esta propriedade também influencia na qualidade do lugar que por sua vez influencia na qualidade de vida. Assim sendo nesta dimensão se reúnem as formas arquitetônicas e urbanísticas com todos os seus atributos. Da mesma forma podemos concluir que é esta estética que confere a cada lugar urbano uma identidade espacial ou uma específica paisagem. Neste sentido, estes lugares podem ser entendido como um teatro onde somos atores e espectadores circundados por um cenário exclusivo.

Dentre os indicadores mais comuns da dimensão estética/formal podemos encontrar: a beleza, a identidade e a satisfação.

## **1.4 - Os Indicadores/componentes**

Os indicadores são instrumentos usados para aferir um determinado fenômeno e são considerados substanciais para orientar as autoridades na tomada de decisões. Normalmente são utilizados para a construção de índices e diferenciam-se como componentes de um ambiente ou dimensão, representando um conjunto de valores, características e atributos do fenômeno a ser monitorado e avaliado. Cada indicador pode ser decomposto ou operacionalizado por atributos ou variáveis que o caracterizam, indicam, dão a entender ou significam uma determinada informação daquele indicador. As variáveis, segundo Babbie (1989:171) representam o conjunto de atributos mutuamente exclusivos que podem ser



observadas/medidas através de dados objetivos, subjetivos ou sinais detectados. Os indicadores, portanto, não devem ser confundidos com seus atributos ou variáveis. Segundo Babbie (1989) a força ou fraqueza de uma pesquisa de campo está baseada na qualidade das medidas utilizadas para montar os atributos e compor os indicadores escolhidos. Em se tratando de fenômenos complexos vários indicadores se tornam necessários para a construção de um índice composto, como é o caso do Índice de Qualidade de Vida.

Em se tratando ainda da construção de indicadores ou índices de avaliação é preciso que sua escolha preencha três condições básicas (Rainer, 1997): pertinência, ou seja, sua compreensão conceitual e contextual em relação ao fenômeno em questão; relevância, que atestam sua aplicabilidade e utilização; e operacionalidade que comprovam suas técnicas de medição ou quantificação.

Tomando-se por base o rigor científico, as medidas devem possuir validade, confiabilidade e poder de generalização.

A validade objetiva garantir que as medidas adotadas para obter a informação desejada sejam as mais adequadas. Quatro são os tipos de validade: validade intrínseca, aquela que utiliza medidas consagradas e obviamente aceitas, com significado manifesto quanto a sua validade; validade de conteúdo, ou seja, a adequação e escolha de medidas de acordo com o significado da informação desejada; validade construída, aquela cuja elaboração de medidas obtenham a informação desejada, adequada ao objetivo da pesquisa e finalmente a validade estimada que se manifesta através da utilização de evidências estatísticas que a comprovam. A perda de validade nestes casos gera erros sistemáticos.

A confiabilidade objetiva garantir que as medidas adotadas para obter a informação assegurem sempre os mesmos resultados. Quatro são os modos sugeridos por Babbie (1989) para garantir a confiabilidade: 1) o controle das medidas, ou seja, a possibilidade de se controlar os valores obtidos; 2) a repetição das medidas para testar e retestar as medidas adotadas, ou seja, medindo a mesma informação várias vezes de diferentes formas; 3) o intercambiamento das medidas, ou seja, subdividir as medidas em diferentes dimensões para obter a mesma informação e, 4) as medidas consagradas com a utilização de medidas pré-estabelecidas e aceitas universalmente. A perda de confiabilidade, segundo Babbie (1989) pode gerar erros ocasionais.

O poder de generalização tem a ver com a “validade externa” da informação que objetiva garantir que as medidas adotadas possam ser utilizadas em outras pesquisas cujos objetivos



sejam os mesmos e que garantam os mesmos resultados, ou seja, a garantia de poder generalizar, de inferir as conclusões a partir das informações obtidas.

Segundo Bingham (1989), as medidas escolhidas, assim como os atributos e os indicadores produzidos devem possuir validade, confiabilidade, especificidade, seletividade, simplicidade, cobertura, rastreabilidade, estabilidade e baixo custo.

Para garantir a “validade interna” da informação, Spector (1981) e Bingham (1989)<sup>17</sup> recomendam ainda prestar atenção aos seguintes riscos:

- Maturidade: problemas relativos ao envelhecimento dos informantes ou conhecimento demasiado do assunto pelos informantes;
- Instrumento estragado: problemas relativos aos pesquisadores quando estes interferem no instrumento de pesquisa utilizado;
- Seleção: problemas relativos quanto à escolha dos informantes (problemas oriundos da não utilização das técnicas de amostragem);
- Testes e medições: problemas relativos quanto ao conhecimento prévio de se estar sendo testado ou pesquisado;
- Experimentos perdidos: problemas relativos a não obtenção de informações num segundo estágio da pesquisa com a diminuição do número de casos estudados;
- Regressão da média: problemas relativos aos valores estatísticos obtidos quando as informações são coletadas em situações extremas;
- Historia: problemas relativos à obtenção de informações em momentos influenciados por fatos históricos e que podem interferir na informação obtida.

Conforme podemos observar a questão da validade da informação objetiva eliminar toda e qualquer possibilidade interna e externa que venha a interferir nas conclusões da pesquisa a partir dos dados ou informações obtidas, devendo ser considerada no plano da pesquisa.

Em termos de abordagem, os indicadores podem ser classificados como quantitativos ou objetivos mais comumente conhecidos como indicadores sociais, e como qualitativos ou subjetivos que englobam os indicadores do domínio senso/perceptivo/emocional nas suas três orientações básicas: satisfação, felicidade e saúde mental.

A partir de alguns índices bastante conhecidos veremos a seguir os indicadores e atributos que foram utilizados:

---

<sup>17</sup> Bingham's MISTER H: Maturation, Instruments, Selection, Testing, Experiments, Regression, History.



Índices	Indicadores/atributos utilizados
PIB – Produto Interno Bruto	Consumo Familiar Gastos Públicos Investimento Bruto Saldo Líquido Externo
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano	Longevidade, Renda e Educação
IQV Calvert Henderson Índice de Qualidade de Vida Calvert Henderson	Saúde                      Emprego                      Direitos Humanos Educação                      Meio Ambiente                      Energia Renda                      Segurança Pública                      Segurança Nacional Habitação                      Infraestrutura                      Recreação
IQM – Índice de Qualidade Municipal	Centralidade e localização Qualidade da Mão de Obra Riqueza e Potencial de Consumo Facilidades para Negócios Infraestrutura para Empreendimentos Dinamismo Cidadania
IQU – IPLANRIO Índice de Qualidade Urbana	Escolaridade Renda Habitação Ambiental (água, esgoto e lixo)
IDS – IPP Índice de Desenvolvimento Social	Escolaridade Renda Habitabilidade Saneamento Básico (água, esgoto e lixo)

### 1.5 - Abrangência/escalas

Outro aspecto importante do índice de qualidade de vida e seus indicadores é a escala ou nível de abrangência espacial para o qual ele é avaliado. Normalmente esta escala se reporta ao universo da pesquisa. Identificam-se quatro níveis, sendo o mais amplo aquele onde os índices são desenvolvidos para avaliar e comparar nações, tais como o PIB e mais recentemente o IDH. No segundo nível encontramos a escala regional normalmente representada pelos estados aonde o IDH também vem sendo usado. No terceiro nível encontramos o nível urbano e municipal, este último quase sempre representado por sua sede urbana, ou seja, a cidade, onde normalmente vemos a construção de índices de qualidade cujo objetivo mais comum é o de definir linhas de investimentos públicos a exemplo do IQM. Ainda nesta escala normalmente são montados quadros classificatórios das cidades ou municípios a partir do IDH. A última escala é a local, representada por recortes ou compartimentações formais do espaço urbano, podendo aqui serem montados e pesquisados





índices referentes as regiões administrativas, bairros e favelas. Ao nível local o índice de qualidade de vida deve ser mais preciso ou desagregado em mais indicadores e atributos, deixando de ser genérico para ser mais específico, mais focalizado e, portanto mais detalhado. Desta forma ele melhor poderá contribuir para nortear as políticas públicas que visam a melhoria da qualidade de vida.



## 2 - OS MODELOS

### 2.1 - Os Modelos quantitativos

#### 2.1.1 – O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) está baseado no conceito de Desenvolvimento Humano e é publicado anualmente através do Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH). Ele parte do pressuposto de que para aferir o desenvolvimento de uma população não se deve considerar apenas a dimensão econômica, mas também outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana<sup>18</sup>.

Criado por Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1998, o IDH tem por objetivo oferecer um contraponto ao indicador Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento.

Além de computar o PIB per capita, depois de corrigi-lo pelo poder de compra da moeda de cada país, o IDH também leva em conta dois outros componentes: a longevidade e a educação. O Índice de Desenvolvimento Humano é obtido através da média aritmética simples de três sub-índices: o da longevidade, o da educação e o da renda. O sub-índice do IDH relativo à dimensão Longevidade é obtido a partir do indicador esperança de vida ao nascer, através da fórmula:  $(\text{valor observado do indicador} - \text{limite inferior}) / (\text{limite superior} - \text{limite inferior})$ , onde os limites inferior e superior são equivalentes a 25 e 85 anos, respectivamente. O sub-índice do IDH relativo à Educação é obtido a partir da taxa de alfabetização e da taxa bruta de frequência à escola, convertidas em índices por:  $(\text{valor observado} - \text{limite inferior}) / (\text{limite superior} - \text{limite inferior})$ , com limites inferior e superior. O sub-índice do IDH relativo à dimensão Renda é obtido a partir do indicador renda per capita média, através da fórmula:  $[\ln(\text{valor observado do indicador}) - \ln(\text{limite inferior})] / [\ln(\text{limite superior}) - \ln(\text{limite inferior})]$ , onde os limites inferior e superior são equivalentes a R\$ 3,90 e R\$ 1.560,17 respectivamente. Estes limites correspondem aos valores anuais do PIB per capita (ppp) de US\$ 100 ppp e US\$ 40.000 ppp, utilizados pelo PNUD no cálculo do IDH, ou seja, a renda do país, convertida em valores de renda per capita mensal em reais, através de sua multiplicação pelo fator (R\$ 297/US\$ 7.625 ppp), que é a relação entre a renda

---

<sup>18</sup> [www.pnud.org.br/pnud](http://www.pnud.org.br/pnud)



per capita média mensal (em reais) e o PIB per capita anual (em dólares ppp) do Brasil do ano 2000<sup>19</sup>.

### **2.1.2 - O IQM – Índice de Qualidade dos Municípios**

Os procedimentos adotados para a elaboração deste índice, como a seleção dos indicadores, bem como as premissas consideradas para a avaliação dos resultados obtidos, têm como base os estudos de economia industrial e espacial, principalmente aqueles voltados para o entendimento e a análise das regiões urbanas que compõem a realidade fluminense, além da grande concentração verificada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Neste trabalho foram adotadas considerações de Perroux e de Myrdall, sobre a formação de pólos de crescimento de diversos níveis de atração, e de Christaller, que estabeleceu a base teórica das localidades centrais. É nessa tradição de pensamento e nessas teorias que se fundamenta a realização do Índice de Qualidade dos Municípios – IQM.

A ênfase dada neste trabalho está na identificação dos municípios dinâmicos e dos mais centrais na avaliação da influência das redes, na identificação dos elementos sinalizadores da existência ou não de condições favoráveis ao desenvolvimento da economia, como por exemplo, a qualificação da mão de obra, a renda dos chefes dos domicílios, o porte de comércio varejista que irão compor os atributos de cada indicador.

Este índice foi montado pelo CIDE com os seguintes objetivos: medir a capacidade dos municípios de atrair investimentos; identificar os municípios que possuem as melhores condições para novos empreendimentos; identificar os pontos frágeis a serem corrigidos; e classificar os municípios de acordo com o índice.

O IQM leva, portanto em consideração sete indicadores com seus respectivos pesos: a centralidade e vantagem locacional (10), a qualificação da mão de obra (9), a riqueza e potencial de consumo (9), as facilidades para negócios (8), a infraestrutura para grandes empreendimentos (8), o dinamismo (7) e a cidadania (6).

## **2.2-Os Modelos clássicos qualitativos**

### **2.2.1 - Campbell (1976)**

Este modelo é considerado o marco inicial da abordagem qualitativa do conceito “qualidade de vida” porque seu livro é considerado um estudo clássico desta área do conhecimento. Ele

---

<sup>19</sup> Ibidem



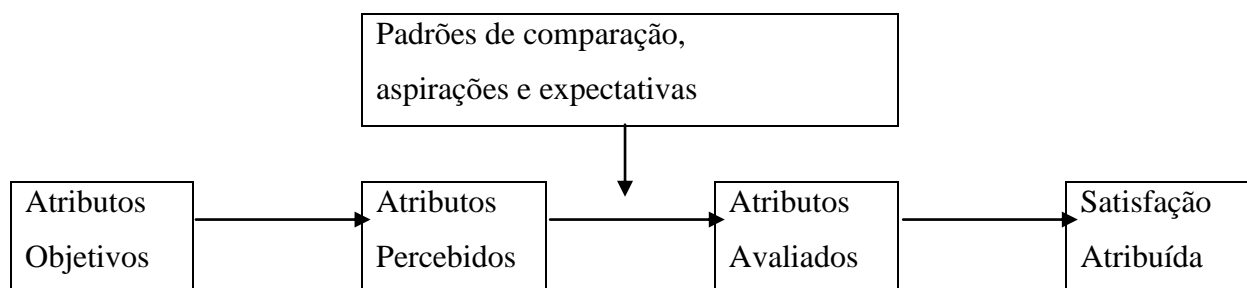
representa o começo de uma nova era para o conceito de qualidade de vida quando a abordagem subjetiva foi finalmente aceita e preferida sobre a abordagem objetiva. Quando os atributos subjetivos começaram a ser amplamente utilizados não somente para examinar, mas também para explicar a qualidade de vida. Quando um referencial teórico foi estabelecido usando atributos objetivos e atributos subjetivos e quando este referencial influenciou pesquisas primárias e secundárias, simples e complexas.

A primeira pesquisa de Marans (1975) também é considerada pioneira, inclusive sendo mencionada na pesquisa de Campbell. Mais tarde, em 1979, Marans demonstrou a aplicabilidade da estrutura básica usando dados do Censo Anual de Habitação Americano (Annual Housing Survey).

Campbell em conjunto com Converse e Rodgers, escreveu seu livro “The Concept of Quality Life” quando ele era diretor do Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade de Michigan e seu propósito era o de monitorar a qualidade da vida americana e para fazê-lo era necessário explicar o conceito de qualidade de vida e desenvolver os métodos para analisá-la. Seu livro se propõe a montar um banco de dados através do qual, subseqüentes pesquisas e medições poderiam ser comparadas. Este estudo foi subvencionado pela Russel Sage Foundation e pela National Science Foundation.

O modelo conceitual desenvolvido por Campbell assume que a satisfação é essencialmente expressa por percepções e avaliações individuais de vários atributos e parcialmente dependente dos atributos objetivos, físicos e quantitativos. O modelo apresenta a noção de que a avaliação de um atributo, por uma pessoa, depende da percepção daquele atributo em relação a determinados padrões de comparação, aspirações e expectativas.

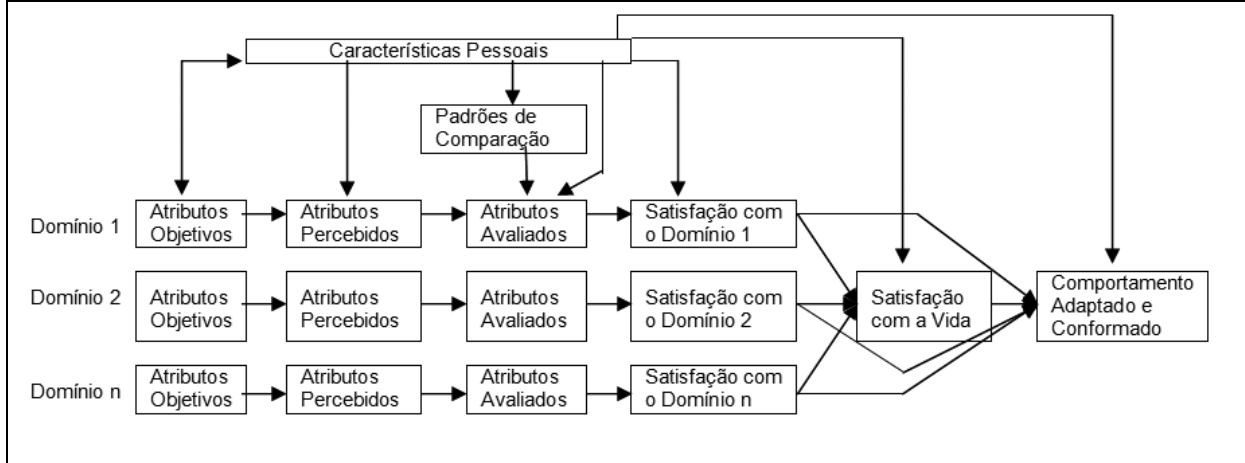
Gráfico 1 - Modelo Conceitual Básico de Campbell (1979:13)



Baseado neste modelo conceitual básico, Campbell desenvolve um modelo operacional mais elaborado e que se constitui no quadro teórico deste conceito.

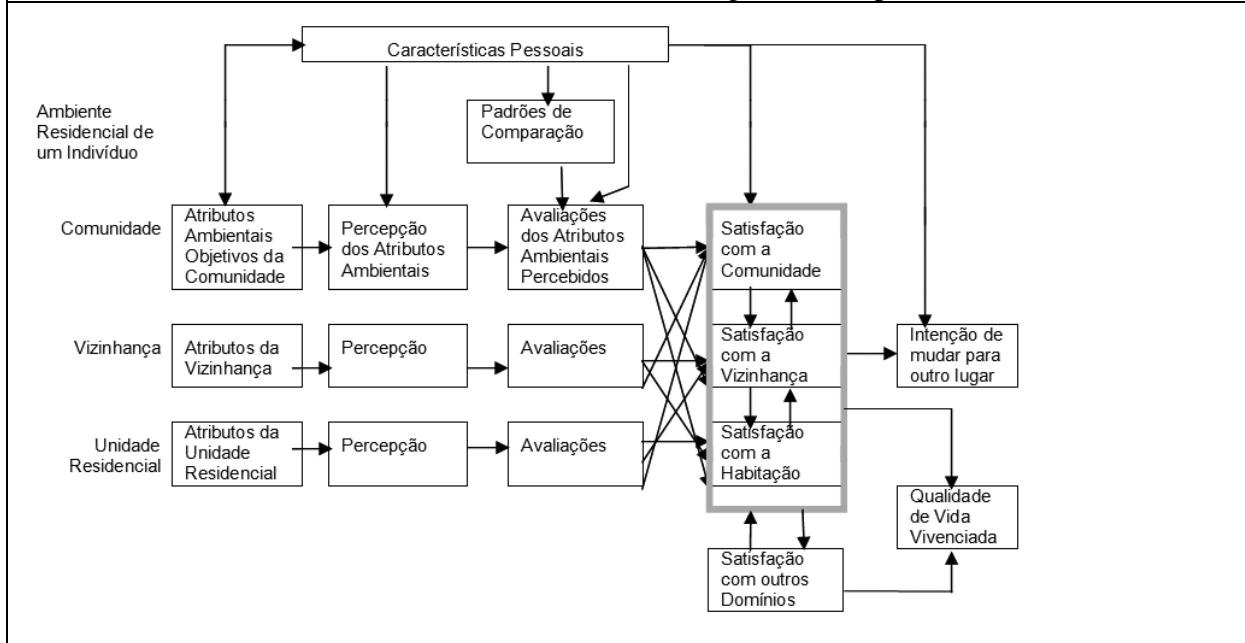


Gráfico 2 - Quadro Teórico de Campbell (1979:16)



Conforme podemos observar deste quadro, o autor demonstra as possibilidades de estabelecer vários domínios da vida nos quais a satisfação pode ser medida e em conjunto produz uma satisfação geral da vida assim influenciando o comportamento. Um componente final do modelo consiste nas características demográficas dos indivíduos que também influenciam nas suas percepções e avaliações.

Gráfico 3 - Quadro Teórico do Domínio Residencial segundo Campbell (1979:220)



Campbell após apresentar e justificar estes quadros testa-os utilizando várias técnicas de medições para cada domínio e sua satisfação controladas por algumas características pessoais que podem produzir algumas diferenças na satisfação. Ao desagregar a satisfação em domínios ele procura demonstrar como a satisfação, por exemplo, “do emprego” pode ser



explicada e também dá alguns exemplos de como o sexo e a raça podem influenciar na satisfação.

### 2.2.2 - Cutter (1985)

Este modelo conceitual também sugere que os estudos e pesquisas sobre qualidade de vida devem incorporar indicadores objetivos e indicadores subjetivos nos seus diferentes atributos. Cutter sugere três principais tipos de indicadores, aqueles relacionados com o ambiente social, aqueles relacionados com o ambiente físico e os indicadores de percepção.

Nos dois primeiros grupos ela sugere que possam ser utilizadas dimensões objetivas mas que também devem ser avaliados subjetivamente para poderem refletir o bem-estar percebido pela população. As medidas e dimensões dos indicadores adotadas são aquelas já consagradas em estudos anteriores incluindo Campbell (1976). Cutter reforça a necessidade de se incluir o terceiro grupo de indicadores, ou seja, a dimensão subjetiva através da utilização dos indicadores de percepção. Neste terceiro grupo se identificam três tipos de elementos de percepção, ou seja, avaliações subjetivas dos diferentes aspectos do meio ambiente, da imagem do lugar e a própria avaliação da percepção dos indicadores objetivos.

A avaliação subjetiva do meio ambiente é a que mais se assemelha a adotada pelos pesquisadores behavioristas em termos de explicitar, a partir da população pesquisada a imagem pessoal de bem-estar. Esta medida se torna importante, pois permite acessar a qualidade de vida percebida em diferentes lugares.

A avaliação da imagem do lugar é aquela que está baseada em percepções individuais do lugar e que, portanto não estão condicionadas seja pelos aspectos específicos do ambiente ou pelas medidas objetivas incluídas na pesquisa. Segundo Rogerson (1989) esta avaliação foi a que gerou a abordagem dos “mapas mentais” para entender as impressões reais e percebidas dos lugares por diferentes grupos populacionais. Nos Estados Unidos também gerou o PEQI ou Índice da Qualidade Ambiental Percebida<sup>20</sup>.

A percepção dos indicadores objetivos é considerada o ponto forte da pesquisa de Cutter pois ele permite estabelecer um sistema de pesagem dos indicadores objetivos utilizados, associando pesos à importância detectada para cada dimensão considerada na avaliação global da qualidade de vida.

---

<sup>20</sup> Perceived environmental quality indices – PEQI.



Baseado neste estudo, Rogerson e Findlay (1988) desenvolveram uma pesquisa em 38 cidades da Grã Bretanha, utilizando 20 dimensões da qualidade de vida e aonde se verificou que nove destas dimensões receberam os maiores pesos<sup>21</sup>. Os resultados demonstraram que foi possível produzir uma lista de pesos não arbitrária ou meramente um produto da percepção pessoal do pesquisador.

O método da pesagem adicionou um fator de controle intersubjetivo e bastante independente do pesquisador.

### **3 - QUADRO DE REFERÊNCIA**

Este quadro procura mostrar varias pesquisas relevantes sobre a qualidade e a satisfação com a vida e com algumas comunidades, apresentando suas principais características. Na primeira parte da Tabela identifica-se o nome do autor, a data da publicação da pesquisa, o conceito pesquisado, o universo e data da pesquisa e a unidade da amostra. Na segunda parte identifica-se o enfoque da pesquisa, o tamanho da amostra, o ethos da pesquisa, a estratégia adotada, a metodologia de análise, a categoria das variáveis e o paradigma identificado.

O quadro de referência, a seguir, foi montado tomando por base a classificação adotada por Moudon (1992) em seu texto “A Catholic Approach to Organizing What Urban Designers Should Know”.

As primeiras características servem para contextualizar as pesquisas assim como a unidade e tamanho da amostra pesquisada. A coluna do enfoque da pesquisa caracteriza o que está sendo pesquisado e pode ser de dois tipos, o objeto/lugar ou o sujeito/residentes. Historicamente falando, a grande maioria das pesquisas que surgiram a partir dos anos sessenta, enfocava o sujeito/residentes em reação as pesquisas que enfocavam o objeto/lugar. A tendência de focar o objeto/lugar teve seu golpe fatal quando se comprovou que a pobreza e não o meio ambiente representava a principal razão para o surgimento das epidemias, da criminalidade e dos estilos de vida. Assim sendo as qualidades do objeto/lugar perderam sua importância, redirecionando o foco das pesquisas para o sujeito/pessoas, enfoque este bastante defendido por Herbert Gans (1969).

Já na segunda parte da tabela, a coluna do ethos da pesquisa, faz referência aos tipos de abordagem em relação à fonte da informação para a pesquisa, existindo os tipos ETIC e

---

<sup>21</sup> Adotando-se a técnica Semantic Differential Format Index as variáveis consideradas mais importantes foram em ordem decrescente: crime violento, crime não violento, condições da saúde, níveis de poluição, custo de vida, abastecimento comercial, harmonia racial, acesso à qualidade cênica e custos de manutenção da habitação.



EMIC, termos estes também utilizados por Amos Rapoport (1977). ETIC provem de “phonetic” ou a linguagem escrita enquanto que o EMIC provém de “phonemic” ou linguagem falada. ETIC, portanto caracteriza que o pesquisador é o informante enquanto que o EMIC caracteriza que as informações são provenientes das pessoas pesquisadas. Esta última orientação é bastante desenvolvida pelas pesquisas de comportamento, pois garantem a isenção das tendências do pesquisador.

Na tabela a seguir as doze colunas assim caracterizam algumas pesquisas realizadas, nos dando um panorama do desenvolvimento do conceito de qualidade de vida e da satisfação com a vida.





Tabela 1 - Quadro Referência sobre o conceito de qualidade de vida e correlatos

	Autor	Data da Publicação	Conceito pesquisado	Universo e Data da Pesquisa	Unidade da Amostra	Enfoque da Pesquisa	Tamanho da Amostra		Ethos da Pesquisa	Estratégia da Pesquisa	Métodos de análise	Indicadores	Paradigma Sociológico
1	Campbel, Coverse & Rodgers	1976	Qualidade de Vida	Censo Nacional 1971	População dos EUA	Sujeito/ Pessoas	2.164	1	EMIC	Exploratória e explicativa	Correlação e Regressão	Vida, Habitação, Vizinhança, Comunidade, Demografia	Interpretativo
2	Zehner	1977	Qualidade de Vida	Pesquisa de campo 1973/74	Residentes de uma comunidade americana	Sujeito/ pessoas	5.087	2	EMIC	Avaliação e orientação política	Análise Multivariada	Vida, Vizinhança, Comunidade, Demografia	Interpretativo
3	Fernandez & Kulik	1981	Satisfação com a vida	Pesquisa de opinião nacional 1973/74	População dos EUA	Sujeito/ pessoas	7.954	3	EMIC	Exploratória e explicativa	Regressão	Vizinhança, Social, Demografia	Interpretativo
4	Marans & Rodgers	1975	Satisfação com a Comunidade	Censo Nacional + 2 estudos	Residentes de uma comunidade americana	Sujeito/ residentes	2.100 1.200 1.300	4	EMIC	Exploratória e explicativa	Correlação e Regressão	Habitação, Vizinhança, Comunidade	Interpretativo
5	Vreugdenhil & Rigby	1986	Satisfação com a Comunidade	Questionário por correio	Residentes de uma comunidade australiana	Sujeito/ residentes	1.007	5	EMIC	Exploratória e explicativa	Análise Fatorial	Administração, Comunidade, Recreação, Habitação	Interpretativo
6	Bardo	1984	Satisfação com a Comunidade	Eleitores registrados 1981	Residentes de uma comunidade britânica	Sujeito/ residentes	119	6	EMIC	Previsão com abordagem ecológica	Regressão	Sócio-demográfico, Sócio-espacial	Interpretativo
7	Marans	1979	Qualidade da Vizinhança	Setores censitários 1976	Donas de casa americanas	Sujeito/ residentes	4.999	7	EMIC	Orientação política	Regressão	Vizinhança, Demografia	Interpretativo
8	Bielby	1979	Qualidade da Vizinhança	Setores censitários 1976	Donas de casa americanas	Sujeito/ residentes	13.909	8	EMIC +ETIC	Exploratória e explicativa	Correlação e Regressão	Vizinhança, Habitação, Demografia	Funcional
9	Cook	1988	Satisfação com a Vizinhança	Conjunto Habitacional 1985	Mulheres solteiras de baixa renda	Sujeito/ residentes	449	9	EMIC	Avaliação e orientação política	Regressão	Habitação, Segurança, Origem, Discriminação	Interpretativo
10	Lee & Guest	1983	Satisfação com a Vizinhança	Setores censitários 1974-76	Áreas metropolitanas dos EUA	Objeto/ lugar	60	10	EMIC	Exploratória e explicativa. Abordagem ecológica	Correlação	População, Habitação, Vizinhança, Demografia	Interpretativo
11	White	1987	Satisfação com a Vizinhança	Censo Nacional 1980	Áreas metropolitanas dos EUA	Objeto/ lugar	6.000 em 21 áreas	11	ETIC	Descritiva com abordagem ecológica	Correlação	Demografia, Mobilidade, Densidade	Funcional
12	Marans	1981	Satisfação com a Recreação	Setores censitários 1974/75	Residentes metropolitanos de Detroit	Sujeito/ residentes	1.194	12	EMIC +ETIC	Explicativa, avaliação e orientação política	Correlação e Análise Multivariada	Demografia, Densidade, Recursos	Interpretativo

	Autor	Data da Publicação	Conceito pesquisado	Universo e Data da Pesquisa	Unidade da Amostra	Enfoque da Pesquisa	Tamanho da Amostra		Ethos da Pesquisa	Estratégia da Pesquisa	Métodos de análise	Indicadores	Paradigma Sociológico
13	IPT São Paulo	1976	Satisfação com o Conjunto Habitacional	Conjuntos Habitacionais 1974	Residentes dos conjuntos	Sujeito/residentes	3.421 em 4 conjuntos	13	EMIC +ETIC	Avaliação e orientação política	Correlação simples e múltipla	Demografia, Mobilidade, Habitabilidade, Sócio-econômico	Interpretativo
14*	IPLANRIO Rio de Janeiro	1991	Qualidade Urbana	Setores censitários subnormais de 1991	Residentes das Favelas	Objeto/Lugar	412 Favelas	14	ETIC	Avaliação e orientação política	Média Aritmética	Ambiental <sup>22</sup> , Habitacional, Educacional, Renda	Funcional
15*	Silveira	2006	Satisfação e Qualidade de Vida	Pesquisa de campo com questionários 1995	Residentes das Favelas do Rio	Sujeito/residentes	360 em 5 favelas urbanizadas	15	EMIC + ETIC	Avaliação e orientação política	Média Aritmética	Social, Comunidade, Residencial	Interpretativo
16	IDH Brasil	1991 e 2003	Desenvolvimento Humano	Setores censitários 1991 e 2000	Residentes dos Municípios	Sujeito/residentes	População do Brasil em 2000	16	ETIC	Avaliação e orientação política	Média Aritmética	Ambiental, Habitacional, Educacional e Renda	Funcional
17	CIDE RJ	2001	Qualidade Municipal	Estado do Rio de Janeiro 2000	Municípios do Rio de Janeiro	Objeto/Lugar	95 Municípios	17	ETIC	Exploratória, explicativa e previsão com abordagem ecológica	Correlação	Tipos de Uso e Ocupação do Solo	Interpretativa
18*	IPP – Rio de Janeiro	2005	Melhoria das condições de vida e Satisfação e Participação	Setores censitários e questionários	Favelas do Programa Favela Bairro	Objeto Lugar	19 Favelas	18	EMIC + ETIC	Avaliação e orientação política	Média Aritmética	Infra-estrutura, Comunidade	Funcional
19*	Cavallieri	2006	Melhoria das condições de vida e inadequação residencial	Setores censitários e 1960, 1991 e 2000.	Residentes da Cidade do Rio de Janeiro e das favelas	Objeto/Lugar	Todos os setores censitários	19	ETIC	Avaliação e orientação política	Comparação	Demografia, Social, Domiciliar	Funcional
20*	Cavallieri	2008	Índice de Desenvolvimento Social	Setores censitários subnormais de 2000	Residentes das Favelas	Objeto/Lugar	505 Favelas	20	ETIC	Avaliação e orientação política	Média Aritmética	Saneamento Básico, Habitacional, Educacional, Renda	Funcional

\* Pesquisas escolhidas como elementos de estudo desta Tese.

<sup>22</sup> Este indicador apesar de ser designado como ambiental, se refere à infra-estrutura da habitação.

#### 4 – ANÁLISE

Mesmo que a literatura não ofereça um consenso sobre a definição do conceito qualidade de vida, existe consenso quanto a sua importância. Em todos os campos do conhecimento, da prática política e profissional o termo qualidade de vida é aplicado como um objetivo a ser alcançado. Muitos profissionais, pesquisadores e políticos usam de forma extensiva este conceito quando se trata de estabelecer seus objetivos. Ao nível internacional podemos citar a Declaração de Vancouver, oriunda da 1ª Conferência das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos que, em 1976, estabeleceu um conjunto de princípios voltados para a “melhoria da qualidade de vida”. Ao nível nacional verifica-se que o Artigo 79 incluído pela Emenda Constitucional nº 31, de 14/12/00, institui, para vigorar até o ano de 2010, no âmbito do Poder Executivo Federal, o Fundo de Combate a Erradicação da Pobreza, a ser regulado por lei complementar com o objetivo de viabilizar a todos os brasileiros acesso a níveis dignos de subsistência, (...) e outros programas de relevante interesse social voltados para “melhoria da qualidade de vida”. Finalmente ao nível urbano citamos como exemplo o Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro cujo objetivo é tornar o Rio de Janeiro uma metrópole com “qualidade de vida” socialmente integrada, empreendedora e competitiva, (...) e sua conexão privilegiada com o exterior”.<sup>23</sup>

Na literatura pesquisada as definições encontradas podem ser agrupadas em três tipos:

1. Definições indiretas, construídas através das definições dos indicadores sociais utilizados;
2. Definições diretas e precisas a respeito do que se constitui a qualidade de vida;
3. Definições construídas a partir do método adotado para dimensioná-la, ou seja, aquelas que se utilizam das dimensões e respectivos indicadores que influenciam a qualidade de vida. Essas definições, quase nunca incluem a pesagem ou ponderação dos indicadores escolhidos.

De fato o terceiro grupo é aquele que engloba uma visão mais compreensiva do conceito tendo em vista a sua maior abrangência. Podemos admitir que o conceito de qualidade de vida, desta forma definido, parte do pressuposto e assume a princípio qual será a abrangência do mesmo e quais os indicadores que serão abordados em função do próprio objetivo da pesquisa.

---

<sup>23</sup> Plano Estratégico pág. 23



As definições indiretas, no entanto tem sido as mais utilizadas, pois os indicadores sociais implicam no uso de atributos e variáveis quantitativas tradicionais. Este é o caso do IDH que nos anos 90 comparou os níveis de desenvolvimento entre 166 países, estabeleceu como indicadores básicos a educação, a renda e a longevidade. Esta tem sido a perspectiva mais consagrada que é obviamente reforçada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Este índice vem sendo usado não só em nível nacional como também se compartimenta em nível regional, urbano e local.

O segundo grupo de definições geralmente engloba poucas dimensões e respectivos indicadores e acaba por setorizar o conceito que dessa maneira assim fica bastante restrito. Tal é o caso da definição que a Organização Mundial da Saúde dá sobre o conceito de qualidade de vida:

“Um estado de completo bem estar físico, mental e social, e não a simples ausência de doença ou enfermidade”<sup>24</sup>.

O conceito de qualidade de vida por possuir tais características e abrangência deve estar, portanto sempre associado à montagem de um índice formado por indicadores de várias dimensões. A escolha destas dimensões depende do objeto, dos sujeitos e da escala que se vai trabalhar.

Como vimos existe um consenso quanto a determinados indicadores, via de regra aqueles que tradicionalmente são construídos por atributos ou variáveis objetivas, fáceis e menos onerosos de se trabalhar, pois quase todos os censos demográficos nacionais invariavelmente possuem, sem necessitar de pesquisa direta.

A partir do quadro de referência apresentado, caracterizando algumas pesquisas sobre qualidade de vida entre as décadas de 70, 80, 90 e 2000, podemos observar que dos 20 trabalhos apresentados no quadro de referência cujo objetivo era avaliar a qualidade de vida ou conceitos correlatos, numa determinada área urbano em sua maioria, encontramos os seguintes indicadores: 60% consideraram a habitação, 55% a vizinhança e/ou comunidade, 40% os aspectos sociais, 40% os aspectos demográficos, 25% os aspectos econômicos e apenas 10% desta revisão bibliográfica consideraram a mobilidade. Os indicadores: ambiental, administrativo, segurança, origem e discriminação só foram considerados uma vez.

Outro aspecto importante da definição a partir do dimensionamento é a escolha das dimensões que estes indicadores podem assumir. Segundo Babbie (1989:110) os indicadores são

---

<sup>24</sup> OMS in Souza A. 1982



construídos a partir de atributos representados por uma ou várias variáveis que por sua vez podem ser medidas de forma quantitativa ou qualitativa. Desta forma podemos ter não só indicadores como atributos que assumem uma dimensão objetiva ou subjetiva.

É sabido que durante muito tempo as ciências sociais foram comandadas pelos métodos rígidos do positivismo privilegiando a dimensão objetiva. Esse movimento afirmava que haveria uma ciência unificada compartilhando a adoção de um e um só método científico. Hoje em dia cada vez mais se desenvolvem os métodos qualitativos e, portanto a adoção da dimensão subjetiva. O que se verifica é que apesar dos métodos qualitativos assumirem um papel mais importante pelas ciências sociais, atualmente também estão sendo usados pelas ciências naturais. Ao assumirmos a dimensão subjetiva não só poderemos analisar o sujeito ou objeto da pesquisa sob vários ângulos como também considerar e acrescentar outras informações que complementam os objetivos da pesquisa.

A questão da isenção de pesquisador também é muito importante nas duas dimensões. Dentro do possível devem-se eliminar as opiniões e tendências do pesquisador e das possíveis influências do órgão financiador da pesquisa. O uso de censos nacionais como fonte de informação para a pesquisa da qualidade de vida de certa forma garante a isenção desejada, porém só incluem atributos objetivos. Nas pesquisas de campo, é onde encontramos a utilização dos atributos subjetivos que devem incluir avaliações não só do entrevistador/pesquisador como também dos entrevistados. A tendência atual é empregar uma multiplicidade de métodos de investigação que incluam tanto as estratégias quantitativas quanto as qualitativas para a obtenção de informações e construção de um índice de qualidade de vida conforme nos mostra o quadro de referência.

A qualidade de vida pode e deve ser analisada sob vários indicadores considerando-se não só atributos objetivos como subjetivos que complementam e enriquecem a montagem do conceito.

Por exemplo, o grau de importância dos atributos ou variáveis independentes que servem para determinar o peso e conseqüente influência dos atributos de um determinado indicador, quando definidos pelos entrevistados, garante de forma mais precisa o indicador desejado, pois refletem suas opiniões e não a do entrevistador.

Apesar de ainda existir um receio em se aplicar as dimensões subjetivas na construção de indicadores da qualidade de vida, muitas pesquisas vêm merecendo legitimidade quanto ao uso de novos métodos e técnicas de análise qualitativa.



È só uma questão de tempo. Das pesquisas analisadas no quadro de referência verificamos que 35% utilizam apenas métodos quantitativos e que 65% mesclaram métodos qualitativos e quantitativos. Considerando a participação dos entrevistados na obtenção das informações, verificamos que 45% das pesquisas deste quadro só consideraram este tipo de informação, enquanto 30% consideraram apenas informações obtidas pelos pesquisadores e onde 25% consideraram ambas as fontes.

Como vimos tanto a escolha dos indicadores, incluindo seus atributos e respectivas variáveis quanto a escolha das dimensões são de suma importância para o dimensionamento e definição do índice de qualidade de vida. É desta forma que se torna possível operacionalizar, medir e montar um índice de qualidade de vida.

Por último cabe aqui comentar algumas considerações a respeito das escalas ou nível de abrangência das pesquisas sobre qualidade de vida. Considerando a amostra apresentada no quadro de referência observamos que as pesquisas sobre qualidade de vida consideraram quatro escalas distintas: a maior delas caracterizadas por informações a nível nacional, enfocando o universo inteiro ou uma amostra dele; a escala regional enfocando uma parte deste universo seja a nível do objeto ou sujeito pesquisado, como por exemplo, as pesquisas realizadas apenas nas áreas/regiões metropolitanas ou em um estado; a terceira escala representada pelo espaço urbano de uma cidade e por último a escala micro urbana abrangendo apenas partes da cidade. O quadro de referência abrangeu a nível nacional 35% das pesquisas, a nível regional 10%, a nível urbano 5% e a nível micro urbano 50%. Como vimos os estudos sobre qualidade de vida, predominam nas escalas extremas, a nível nacional onde os censos nacionais são as fontes de informações e a nível micro urbano onde prevalecem as pesquisas sobre qualidade de vida. Em grande parte, o predomínio nesta última escala se explica pelo interesse político em justificar e comprovar as melhorias promovidas através das intervenções e programas públicos.



## **CAP. II – AS FAVELAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SEUS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO**

Este capítulo tem como finalidade contextualizar o desenvolvimento das favelas da Cidade do Rio de Janeiro sob a ótica das melhorias sociais e físicas adquiridas. Melhorias estas conseguidas a duras penas a partir das lutas enfrentadas e investimentos empregados para conseguir a tão almejada urbanização, para garantir sua estabilidade e seus direitos sociais.

Assim sendo, fornecer informações complementares quanto aos anseios, reivindicações e necessidades de vida destas áreas e respectiva população.

### **1 - OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO**

Na cidade do Rio de Janeiro, a primeira favela surgiu no Morro da Providência em 1897 (Vaz, 1986:35) sendo sua população formada pelos sobreviventes da Guerra dos Canudos que lá foram autorizados a se instalar por falta de melhores condições e opções no então espaço urbano da cidade. O reconhecimento da primeira favela, entretanto só ocorreu na década de 30 e, segundo NUNES (1976), foi somente a partir da década de 40, que começaram a aparecer os primeiros estudos com o objetivo de encontrar uma possível solução para as ocupações ilegais representada pelas favelas, despertando assim a atenção, pela primeira vez do poder público. As favelas passaram a ser vista como um instrumento político de primeira ordem, representado por uma massa eleitoral numerosa e concentrada, que garantiu e garante até hoje, de certa forma, a eleição de políticos. A história das favelas pode ser contada a partir das ações políticas, suas promessas e interesses que por muitas vezes provocaram não só o crescimento das favelas existentes como a origem de novas favelas.

As favelas continuam a surgir e seu processo de desenvolvimento acontece em diversos estágios, seja em função da conjuntura política, econômica e social, seja em função da ação de diversos atores civis, religiosos e políticos. A cada censo verifica-se um aumento não só do número de favelas como de seus residentes na ordem de 20 favelas ao ano.



Aparentemente as intervenções e os investimentos aplicados têm sido insuficientes para controlar este processo de crescimento e regularizar estas áreas assim como para melhorar as condições de vida dessa população. O processo de favelização continua a acontecer, representando condições irregulares de ocupação muitas vezes em áreas impróprias à expansão urbana, o que deriva em inadequadas condições de vida.

Os estágios apresentados a seguir não obrigatoriamente se sucedem, eles se justapõem, coexistindo e resistindo até hoje, pois como já foi dito as favelas continuam a surgir e o processo de desenvolvimento acontece em tempos diversos, pois cada favela tem uma história de lutas e conquistas a revelar.

### **1.1 - 1º Estágio**

O primeiro estágio de desenvolvimento dessas comunidades na Cidade do Rio de Janeiro é caracterizado por assentamentos em terrenos cuja ocupação é irregular. Eles são compostos por habitações bastante precárias do tipo “barracos”, pela carência de infraestrutura e pela ausência de serviços básicos essenciais como água, luz e esgoto além de acessos intransitáveis na sua maioria, compostos por ruelas irregulares e becos sem saída. Tais características estas em parte explicadas pelo processo de surgimento dessas comunidades, assim permanecem uma vez que, de um modo geral, a prefeitura ou não quer assumir esta realidade ou não admite investir em áreas invadidas. Em áreas de mangue ou alagadiças, estes barracos são conhecidos como “palafitas”, com água suja, lixo, ratos, tudo isso sob as casas e tábuas que constituem as “ruas”.

Em 1964 foram criados o Banco Nacional da Habitação - BNH<sup>35</sup>, o Sistema Federal de Habitação – SFH, e o Sistema Financeiro do Saneamento – SFS, para resolverem o problema da habitação de baixa renda, promovendo programas de financiamento e produção de conjuntos habitacionais. Sua função era realizar operações de crédito e gerir o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço – FGTS, por intermédio de bancos privados e/ou públicos e de agentes promotores, como as companhias habitacionais e as companhias de água e esgoto.

O principal programa estabelecido visava a remoção de favelas, transferindo sua população para conjuntos habitacionais. De acordo com VALLADARES (1978), entre 1962 e 1974, 80 favelas foram extintas, 26.193 unidades residenciais destruídas e 139.218 pessoas transferidas para conjuntos habitacionais. A CHISAM (Coordenação da Habitação de Interesse Social da

---

35 Extinto em 1989.





Área Metropolitana do Grande Rio), criada em 1968 foi a agência do BNH, diretamente responsável pelas remoções.

No início de 1966 e 1967 grandes chuvas causaram catástrofes, com desabamento de morros e alagamento de diversas áreas da cidade. Revelava-se assim toda a fragilidade do Rio de Janeiro. Alguns de seus problemas, mantidos em discreto esquecimento, foram mostrados de forma escandalosa. Entre eles o das favelas, situadas em áreas perigosas que foram muito atingidas deixando milhares de famílias desabrigadas e sem nada.

Nessa época o Instituto de Arquitetos tentou demonstrar, através de um seminário, que era a cidade que merecia atenção e que o surgimento dessa população era apenas uma consequência dessa deformação estrutural do país. Em contrapartida, algumas entidades apoiavam a teoria de que os moradores das favelas eram marginais devendo, portanto ser exterminadas, por ameaçarem a cidade. A ação da CHISAM foi surpreendente, chegando a remover, em três anos, 28% da população favelada do Rio (CHISAM, 1971:69).

Apesar de todo este esforço com as remoções, o déficit habitacional continuou a se agravar e as favelas continuaram a se reproduzir.

As características das favelas, neste 1º estágio, decorrem, portanto basicamente das suas condições de origem e da insegurança e instabilidade geradas pelas remoções, o que desincentivava os moradores a investir em melhorias, gerando comunidades com baixíssimas condições de habitabilidade, caracterizadas por:

- barracos, casas de madeira, de papelão;
- palafitas;
- ruelas sem calçamento;
- ausência de infraestrutura;
- inexistência de equipamentos;
- condições precárias de habitabilidade.



Ilustração 2 - Favela de Cordovil antes da Urbanização



Ilustração 3 - Brás de Pina antes da Urbanização



A falta de rigor ou fiscalização na atuação da SMDS pode ser interpretada como uma “permissão oficiosa” quanto à urbanização das favelas, apesar da proibição oficial, o que contribuiu em muito para o processo de consolidação de algumas favelas.

Os moradores construía suas casas primeiramente em madeira e, internamente eles iam, às escondidas, levantando as paredes em alvenaria. Isso tudo feito às escondidas, pois eles sabiam da proibição do governo. A madeira só era retirada, quando a casa já estava praticamente pronta<sup>36</sup>.

As associações de moradores também tiveram um papel importante na aplicação de investimentos na comunidade, atuando de forma preponderante na implantação da infraestrutura.

Inicialmente, a iluminação das residências, era feita através de lamparinas e as vias públicas eram totalmente escuras. Com o crescimento da população e uma maior necessidade de segurança, iniciaram-se os movimentos para a instalação de energia elétrica. A princípio foram criadas as comissões de luz, com o objetivo de eliminar as intenções de promoção individual. Posteriormente a LIGHT complementaria os serviços, colocando medidores em cada casa e cobrando taxas individuais.

Via de regra a associação de moradores, implementava uma rede de abastecimento de água com tubulação de até 2 polegadas de diâmetro<sup>37</sup>. Esta rede era executada com a colaboração da comunidade abrangendo quase toda a área ocupada.

A instalação da canalização de esgoto, em menor escala, também era feita a partir da promoção das associações de moradores, que ao mesmo tempo, tratava de conscientizar a população sobre a importância da higiene e salubridade pública.

A proclamada urbanização da Favela Brás de Pina é um exemplo marcante deste segundo estágio.

O então Governador Negrão de Lima, depois de se comprometer a não remover favelas, foi obrigado pelo governo federal a não fazer nada. Para salvar a pele e sob a pressão dos técnicos progressistas, Negrão concordou em "fazer estudos para recuperar quatro favelas". Uma delas foi a Brás de Pina.

A Associação de Moradores, bastante atuante, sempre resistiu à remoção e lutava pela permanência no local. Duas idealizações nortearam esse projeto, a luta contra a remoção e a união dos moradores em torno da conceituação de urbanização da época. Essa conceituação se

---

<sup>36</sup> Situação que aconteceu na favela Baixa do Sapateiro.

<sup>37</sup> Situação relatada pelos moradores da Favela Parque União.



fundamentava em dois princípios: o do planejamento participativo e o da integração ao bairro. O princípio da integração era visto como um conjunto de intervenções de caráter físico que promovesse uma espécie de nivelamento entre a favela e o bairro. Em paralelo havia toda uma expectativa de que a partir dessas melhorias físicas, se implantassem as condições para uma ascensão social dos favelados, apesar de saberem que uma mera mudança das condições materiais não resolveria nada.

Em linhas gerais, o projeto elaborado seguiu um conjunto de princípios que, segundo Carlos Nelson (Santos, 1981:31/34), representavam as seguintes aspirações dos moradores:

- aproveitar os vários investimentos na habitação e na comunidade, em alguns casos criando o próprio terreno através de aterros;
- preservar estes investimentos tendo em vista a escassez geral de recursos no país;
- desconsiderar a remoção pois esta inviabilizava a proposta de integração da comunidade com o bairro vizinho e com a cidade;
- promover a evolução naturalmente através da segurança da posse da terra;
- o fornecimento pelo Estado da infraestrutura urbana e serviços na área onde os moradores contribuíam com impostos e sua força de trabalho para o progresso da cidade;
- constatar que os moradores tinham recursos para pagar pela infraestrutura e pelos serviços;
- deixar que a decisão de construir ou não construir casas e de como construí-las deveria ser deixada por conta de cada família. Seriam aceitos padrões não-convencionais para os materiais e os espaços da moradia;
- financiar a compra de materiais;
- respeitar a estrutura urbanística da favela e estudar os meios para integrá-la melhor ao bairro circunvizinho;
- executar lentamente as obras urbanísticas necessárias usando os trabalhos dos moradores sempre que possível;
- informar e consultar os moradores, através de sua Associação, acerca de todos os planos e as decisões a tomar;
- constatar que os planos de urbanização eram mais baratos que os de erradicação em custos financeiros e sociais;
- treinamento profissional para poder aumentar a renda familiar através de melhores empregos;
- estimular certas formas tradicionais de artesanato como fontes complementares à renda familiar.

Quando da execução das obras, foi preciso rever alguns destes princípios, pois a realidade obrigava a corrigir certas visões utópicas ou muito otimistas. Devido a interesses políticos, os recursos eram escassos e muitas dificuldades técnicas surgiram na implantação dos projetos.

As principais mudanças no modelo adotado foram:

- uso de máquinas pesadas para fazer os trabalhos urbanísticos;



### 1.3 - 3º Estágio

Os anos 80 são marcados por uma profunda crise habitacional que culmina com a extinção do BNH, ficando a Caixa Econômica encarregada dos programas habitacionais.

Em contrapartida estes anos assistiram a uma significativa articulação de movimentos de moradia, a partir da organização de diversas entidades sob forma federativa aglutinando uma série de associações e movimentos em torno da luta pelo direito à terra e à moradia, como por exemplo a FAMERJ<sup>39</sup> e a FAFERJ<sup>40</sup>.

As favelas se organizam, se consolidam e seus moradores passam a lutar ainda mais por seus direitos.

O terceiro estágio de desenvolvimento se caracteriza por um adensamento interno e pela implantação de infraestrutura básica, com investimentos públicos, além de alguns equipamentos comunitários.

A Prefeitura do Rio de Janeiro, na década de 1980, passou a desenvolver ações de urbanização em favelas com recursos próprios ou através de convênios realizados com órgãos estaduais, federais e internacionais.

Uma das primeiras experiências foi o trabalho conjunto na Favela da Rocinha com o UNICEF, através do qual foi gerado um modelo básico de ação da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social – SMDS – que seguiu as seguintes diretrizes:

- mutirões de obras com mão de obra local remunerada;
- assistência técnica e doação de material;
- educação pré-escolar em escolas e creches comunitárias; e
- ações de saúde e de educação sanitária em ambulatórios geridos por agentes comunitários.

Quanto à implantação de infraestrutura, ainda nesta década a Prefeitura trabalhou em convênios com a Concessionária LIGHT no Programa Eletrificação de Interesse Social e em 1983 foram estabelecidas as linhas básicas para uma política de desenvolvimento social onde a Prefeitura, através da institucionalização do Projeto Mutirão, passou também a atuar articuladamente com a CEDAE objetivando melhorar as condições de vida dessas áreas através da implantação dos serviços de água e esgoto.

As primeiras experiências da COMLURB em coleta de lixo nas favelas também datam de 1983, quando foram desenvolvidos projetos especiais em áreas piloto visando criar sistemas

---

<sup>39</sup> Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro

<sup>40</sup> Federação das Associações das Favelas do Rio de Janeiro



Em fevereiro de 1982 começa o Projeto Rio, que previa a construção de 1.400 casas a serem erguidas num grande aterro em frente ao Morro do Timbau no local da antiga praia de Inhaúma para onde deveriam ser transferidos os moradores das palafitas do complexo de favelas da Maré<sup>42</sup>, mais precisamente da Favela Baixa do Sapateiro. Surgiam os Conjuntos Vila do João, Vila Pinheiros e Conjunto Pinheiros enquanto a área aterrada, fronteira do complexo da Maré, era urbanizada. Por urbanização entendia-se agora a introdução de melhorias relativas à oferta dos serviços de água, esgoto e luz, implantação de escolas, áreas de lazer e esportes, pavimentação e até a distribuição de títulos de posse. Na realidade toda essa urbanização teve como carro chefe a implantação e construção da linha vermelha, além de servir como projeto eleitoreiro, tendo em vista as eleições da época. Foram entregues 1.057 títulos de propriedade na área da Maré, em plena campanha para as eleições.

As características, portanto desse 3º estágio podem ser resumidas como:

- expressiva atuação das associações de moradores;
- consolidação das construções e início da verticalização;
- implantação de infraestrutura pelos órgãos públicos;
- implantação de equipamentos comunitários pela comunidade.

#### **1.4 - 4º Estágio**

Na década de 90 e daí em diante, com as discussões em torno do Projeto de Lei da Concessão do Direito Real de Uso, a permanência das favelas enfim foi assegurada. A concessão desse direito foi vinculada à questão fundamental da urbanização, ou seja, que a urbanização das favelas precederia à sua regularização fundiária, o que de fato, infelizmente não vem ocorrendo.

Atendendo às diretrizes estabelecidas no Plano Diretor Decenal de 1992, foi criado em agosto de 93 o Grupo Executivo de Assentamentos Populares – GEAP. Este grupo tinha a finalidade de formular e acompanhar os programas de urbanização e regularização fundiária em favelas, além de, integrar os vários órgãos que atuam na questão habitacional e direcionar suas ações.

Em dezembro de 93 estavam aprovados os programas relativos à Política Habitacional do Município e em fevereiro de 94 era criada a Secretaria Extraordinária de Habitação do Município do Rio de Janeiro, com o objetivo de gerir a implantação desses programas.

---

<sup>42</sup> O complexo da Maré é composto por seis favelas a saber: Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Maré, Rubens Vaz, Nova Holanda e Parque União.



instalação de equipamentos comunitários que se transformaram respectivamente nos seguintes objetivos: complementar ou construir a estrutura urbana principal com saneamento; a democratização dos acessos e oferecer condições ambientais e urbanísticas de leitura da favela como bairro da cidade e em paralelo a regularização fundiária.

O programa Favela Bairro foi, portanto estruturado a partir dos seguintes pressupostos:

- o aproveitamento do esforço coletivo despendido nas construções e serviços já instalados;
- reassentamento mínimo possível;
- adesão dos moradores ao programa;
- introdução de valores urbanísticos da cidade formal como signo de sua identificação como bairro: ruas / praças / infraestrutura / serviço público.

As intervenções deveriam considerar, além das intervenções urbanísticas, a promoção social através da educação e da geração de emprego e renda e a regularização fundiária.

Como vimos, nesse quarto estágio, dois novos critérios passaram a se agregar ao conceito de urbanização: a regularização fundiária e a geração de renda.

Em 1987 foi assinado o Protocolo de Intenções entre o Ministério da Previdência Social e a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Através do Decreto nº 7.375/88, a Prefeitura criou o Programa de Regularização Fundiária das terras a serem repassadas pelo INSS, o que permitiu a efetivação das primeiras transferências de terras da União para o Município, e do Município para as comunidades.

A geração de renda acontece através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, que promove o treinamento profissional associado à produção, vinculando esse treinamento à possibilidade de aumento da renda familiar. Para tanto, foram implantadas Unidades de Desenvolvimento Econômico - UDE's nessas comunidades, dando apoio às iniciativas produtivas já existentes.

A primeira fase do Programa Favela-Bairro constou de um concurso, promovido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro através do IPLANRIO (atual IPP) e da então criada Secretaria Extraordinária de Habitação, sob a organização do Instituto de Arquitetos do Brasil - seção RJ. No concurso, foram selecionados quinze escritórios técnicos para elaboração de projetos e assistência a obras de urbanização em quinze comunidades escolhidas pela Prefeitura. São elas: Parque Royal (Ilha do Governador), Canal das Tachas/Vila Amizade (Tomás Coelho), Parque Proletário do Grotão (Penha), Serrinha (Madureira), Ladeira dos Funcionários/Parque São Sebastião (Urca), Caminho do Job (Pavuna), Morro dos Prazeres/Escondidinho (Santa Teresa), Morro da Fé (Penha Circular), Vila



Candido/Guararapes/Cerro Corá (Cosme Velho), Chácara de Del Castilho (Del Castilho), Mata Machado (Alto da Boa Vista), Morro União (Coelho Neto), Três Pontes (Santa Cruz), Conjunto Residencial Fernão Cardim (Engenho de Dentro), Andaraí/Jamelão (Andaraí).

A partir daí, o Programa tem se estendido para outras favelas perfazendo um total de 147 favelas atendidas entre 500 a 2.500 domicílios e vem definindo outras duas vertentes de atuação como o Favela Bairrinho em 45 comunidades entre 100 e 500 domicílios e o Programa Grandes Favelas que atua em 5 comunidades acima de 2.500 domicílios, programas estes que compõem o Programa de Urbanização de Assentamentos Populares do Rio de Janeiro - PROAP-RIO.

Em 2007 o governo Lula lança o Programa de Aceleração do Crescimento-PAC que na sua vertente “favelas” previu obras de saneamento e urbanização, primeiramente em quatro grandes favelas da Cidade do Rio de Janeiro, o Complexo do Alemão, Manguinhos, Rocinha e o Complexo Pavão/Pavãozinho/Cantagalo. Uma proposta que incluiu o desenvolvimento de projetos urbanísticos específicos e sua implementação. Uma grande intervenção urbanística em favelas da cidade prometendo melhor qualidade de vida através da aplicação de investimentos em obras de urbanização e saneamento, melhoria da acessibilidade e da mobilidade, recuperação de moradias e a construção de novas.

As características, portanto deste 4º estágio, portanto são as seguintes:

- programas e projetos de urbanização;
- consolidação das construções;
- verticalização;
- implantação de infraestrutura e equipamentos pelos órgãos públicos;
- regularização fundiária.

Como vemos o problema não é pequeno e ainda não se conseguiu atender nem a um terço dessas favelas que continuam a crescer em tamanho e em número. Na realidade, a capacidade dos poderes públicos e dos diversos organismos que vêm atuando na diluição dessa problemática tem sido menor do que a evolução-aumento dessa população.

Observamos que o conjunto de favelas apresenta realidades bastante diversas desde as mais urbanizadas ou integradas à cidade, como é o caso da Favela Brás de Pina<sup>44</sup>, até as favelas mais recentes que ainda estão nos primeiros estágios de desenvolvimento.

---

<sup>44</sup> Apesar do IPP ainda considerá-la como favela em seu cadastro, o IBGE não mais a considera como aglomerado subnormal.



Segundo as evidências, de um modo geral os habitantes das favelas foram muito competentes na realização gradual de melhorias com os recursos disponíveis, entretanto não foram capazes de consolidar o espaço que criaram sozinhos, necessitando da ação principalmente do poder público para obterem outras melhorias. As primeiras intervenções do poder público se caracterizaram pela formalização dos sistemas de infraestrutura implantados inicialmente pela comunidade, seguido pela implantação dos demais equipamentos comunitários de grande impacto na educação e saúde da população, além de uma incipiente titulação vinculada somente a interesses eleitoreiros. Foi com o Programa Favela Bairro, cujo principal objetivo é “melhorar as condições de vida da população pobre”, que outros elementos modificadores passam a fazer parte deste conjunto de condições para melhorar a qualidade de vida. Procurando intervir o mínimo possível nas habitações existentes o programa previu, através de suas obras, influenciar de forma direta e indireta os domínios que determinam a qualidade de vida.

De acordo com o primeiro objetivo que consta no Decreto 14.332 de 7/11/95 podemos destacar as obras de urbanização que incluem a implantação de infraestrutura básica, projetos de alinhamento dos logradouros incluindo o seu reconhecimento, e a construção de creche, obras estas que diretamente influenciam a melhoria das condições físicas e ambientais. Espera-se que através dessas melhorias ambientais a população passe a investir mais em suas habitações caracterizando assim uma melhoria indireta no domínio da habitação.

As ações relativas à regularização fundiária e à geração de renda seriam outros exemplos de influências indiretas características do domínio social. A transformação da favela em bairro ou a sua integração ao bairro do entorno, foi vista como uma forma de minimizar a exclusão social existente e que também seria atingida de forma indireta a partir da regularização fundiária e de forma direta pela facilitação dos acessos.

Segundo Bessa in Rainer (1997:7) o resultado esperado era a construção de um modelo de desenvolvimento urbano através do melhoramento da qualidade de vida da população beneficiada considerando os domínios social, urbano e ambiental.





## CAP. III – METODOLOGIA

Neste capítulo procuramos expor os passos metodológicos deste trabalho para avaliar o dimensionamento da qualidade de vida nas favelas do Rio de Janeiro.

### 1 - A QUESTÃO

Como vimos na parte sobre fundamentação teórica, as contribuições teóricas que surgiram na concepção do conceito qualidade de vida, consolidou a inclusão e o desenvolvimento das dimensões subjetivas, principalmente a dimensão senso-perceptiva/emocional.

Este trabalho, no entanto não só se preocupa com este dimensionamento, mas também de como ele pode ser aplicado nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, áreas estas consideradas de grande interesse público tendo em conta o grau das condições inadequadas de vida nelas existentes.

Assim sendo os focos principais ou de interesse deste trabalho são: a definição/dimensionamento do índice de qualidade de vida e a sua aplicação num contexto específico, ou seja, as favelas da cidade do Rio de Janeiro.

Assumimos que as favelas da cidade do Rio de Janeiro representam um problema relacionado à moradia, no seu sentido mais amplo e onde o meio urbano se apresenta segregado em relação à cidade promovendo a exclusão social. Observamos que as mais recentes políticas públicas têm procurado aproveitar e incrementar o esforço e o investimento já aplicado nas habitações dessas áreas e que em termos urbanos vêm procurando melhor integrar essas áreas à cidade através de melhorias urbanísticas e da oferta de programas e serviços que melhorem as condições de vida dos seus moradores<sup>45</sup>. Que o conhecimento do processo de desenvolvimento das favelas aliado às tentativas de se avaliar a qualidade de vida nestas áreas levanta determinadas questões.

Assim sendo a questão central que norteia este trabalho é:

“Como medir a qualidade de vida nas favelas da cidade do Rio de Janeiro para saber se as políticas públicas de urbanização e regularização estão atendendo aos seus objetivos?”

As questões secundárias que este trabalho também vai procurar responder são:

---

<sup>45</sup> Este trabalho compartilha com a Política Habitacional do Plano Diretor Decenal de 1992 em seu Art. 138, item II e Art.142 onde as favelas situadas em áreas de risco devem ser realocadas e portanto não podem ser consideradas como áreas de especial interesse social.



1. Que indicadores são considerados mais importantes e que, portanto mais influenciam para que haja uma melhoria na qualidade de vida dos moradores destas áreas?
2. Quais os atributos e respectivas variáveis que são imprescindíveis para a construção do indicador residencial e do urbano?
3. Qual a importância dos indicadores objetivos e dos indicadores subjetivos?

## **2 - OS OBJETIVOS**

Em função da questão central, este trabalho se propõe a explorar dentre as pesquisas sobre qualidade de vida aplicadas em favelas na cidade do Rio de Janeiro como o índice de qualidade de vida foi dimensionado. A princípio, portanto se trata de uma análise exploratória das metodologias empregadas na construção deste conceito ou conceitos correlatos e seus resultados, procurando registrar as experiências existentes neste sentido. Tomando por base as experiências de urbanização e dos serviços sociais objetivados pelas políticas públicas, descobrir de que forma estes elementos modificadores são levados em consideração pelas pesquisas analisadas, correlacionando as bases conceituais desses dimensionamentos e avaliações com as que o poder público considera e adota para influenciar a melhoria da qualidade de vida das favelas do Rio.

Descobrir como o conceito de qualidade de vida é montado, avaliado e praticado, analisando suas características estruturais e assim contribuindo para a elaboração de um arcabouço básico que sirva como um ponto de partida comum para futuros questionamentos deste índice.

Basicamente este estudo se propõe a investigar as metodologias empregadas nos estudos sobre qualidade de vida nas favelas da cidade do Rio de Janeiro.

## **3 - A HIPÓTESE**

O próximo passo, portanto que deriva da questão central e do objetivo formulado é estabelecer uma ‘hipótese’ que fundamenta este trabalho.

Assim sendo chegamos à hipótese deste trabalho que é:

“Os indicadores e atributos considerados pelas pesquisas analisadas para dimensionar o conceito de qualidade de vida nas favelas da Cidade do Rio não levam em consideração os elementos modificadores, objeto das



intervenção e ações objetivadas pelas políticas públicas para melhorar a qualidade de vida dessas áreas”.

O que irá revelar a importância de cada indicador com seus atributos serão os propósitos deste trabalho.

De uma forma geral o índice da qualidade de vida de uma população vem sendo construído de duas formas:

1 – em primeiro lugar examinando-se os recursos disponíveis a partir da análise das condições existentes, condições estas identificadas como atributos que agrupados formam os indicadores que compõem o índice almejado; e

2 – em segundo lugar avaliando-se as necessidades através dos graus de satisfação destes indicadores em função dos patamares desejados além de levar em consideração a distância entre os atributos desejados e alcançados e de estabelecer seu grau de importância.

Desta forma podemos desmembrar a hipótese, primeiro examinando os indicadores mais utilizados e os atributos que os caracterizam. Num primeiro momento, levando-se em consideração somente o indicador social podemos concluir que seus principais atributos, tais como renda, escolaridade e longevidade, caracterizam de forma satisfatória a população pesquisada, tal o fazem o IDH. Porém, nenhum indicador isoladamente pode pretender conceituar e dimensionar a qualidade de vida sob a ótica de uma única dimensão. Assim é que num segundo momento levamos em conta o indicador residencial que com seus atributos interferem de modo preponderante no dimensionamento do índice de qualidade de vida, mas que, construído só com o atributo infraestrutura, pode implicar numa visão simplista e deturpada deste indicador. Num terceiro momento devemos analisar a inclusão do indicador urbano através de seus atributos, geralmente caracterizados pela oferta de equipamentos urbanos e comunitários, atributos esses quase sempre inexistentes nas pesquisas de qualidade de vida, mas que indicam como as pessoas estão vivendo nessas áreas.

Finalmente o indicador ambiental considerado nesse trabalho como aquele que caracteriza o meio ambiente e que, portanto deveria incluir atributos relacionados principalmente aos problemas de risco e de conforto ambiental tão comum nessas áreas, mas, ao que tudo indica, quase nunca foram considerados<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> Exceção feita ao Documento 2 – Metodologia de Classificação de Favelas, elaborado pela Coordenação do Programa de Urbanização de Assentamentos Populares da Secretaria Extraordinária de Habitação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro em 1994, no qual cinco indicadores foram utilizados para definir um índice de urbanização das favelas existentes e cadastradas pelo então IPLANRIO. Os cinco indicadores foram: abastecimento de água, esgotamento sanitário, drenagem, risco ambiental, acessibilidade e benefícios do entorno.



A outra questão que a hipótese quer examinar parte do pressuposto de que os atributos subjetivos são desconsiderados no dimensionamento do índice de qualidade de vida, enquanto que participação da população tem sido cada vez mais incentivada pelos programas públicos direcionados para as favelas, como uma ação integradora e conscientizadora das melhorias implantadas. A avaliação destas intervenções, por parte da população, através de atributos subjetivos, também pode ser considerada como uma forma de participação. Desprezar informações quanto à percepção e avaliação dos moradores dos indicadores e seus atributos, pode levar o poder público a investir em projetos que não atendam aos reais anseios e necessidades da população alvo.

A noção de qualidade pode ser vista como equivalente ao sentimento de satisfação com os indicadores e atributos além de incluir a atribuição de pesos ou graus de importância aos atributos selecionados, isentando o pesquisador desta definição ou de desconsiderá-la.

Este trabalho compartilha da idéia de que a identificação dos atributos socio-econômicos, a implantação de infraestrutura básica nas residências e a oferta de equipamentos urbanos e comunitários, além das obras de contenção de riscos ambientais para melhorar a qualidade de vida é tudo isto e mais a opinião de seus moradores a respeito dessas melhorias e serviços.

Muito embora os métodos quantitativos, pela lógica positivista garantam a objetividade do índice qualidade de vida, a não inclusão de métodos qualitativos na elaboração do índice de qualidade de vida, o torna incompleto por não dar voz à população alvo. O dimensionamento do índice de qualidade de vida deve, portanto possuir não só uma visão etic como deve incluir uma visão emic.

Em resumo, a hipótese deste trabalho pressupõe que as metodologias adotadas para se dimensionar o índice de qualidade de vida em favelas da cidade do Rio de Janeiro que só levam em consideração dimensões objetivas para a construção de seus indicadores desprezam a participação, percepção e avaliação da população na apreciação de suas vidas. Da mesma forma o dimensionamento do índice fica muito prejudicado se o indicador residencial for só construído por atributos de infraestrutura e se não forem considerados os indicadores urbano e ambiental.

Consequentemente esta postura tem restringido sobremaneira as pesquisas e as implicações sociais e políticas de seus resultados que deveriam monitorar e avaliar as propostas de intervenção pública que objetivam melhorar as condições de vida nestas áreas.



## 4 – MÉTODO ADOTADO

O método proposto visando atender aos objetivos e comprovar a hipótese formulada caracteriza-se por uma abordagem exploratória, onde os trabalhos sobre qualidade de vida aplicados nas favelas do Rio são as unidades de observação. Neste sentido o método de análise destes trabalhos foi desenvolvido tomando por base as seguintes etapas a seguir discriminadas:

- Montagem do modelo conceitual baseado na fundamentação teórica;
- Conhecimento básico sobre a realidade das favelas da cidade do Rio de Janeiro, seus principais estágios de desenvolvimento juntamente com as intervenções que os determinaram;
- Identificação dos objetivos das pesquisas escolhidas e dos respectivos indicadores/índice desenvolvidos;
- Avaliação das metodologias aplicadas; e
- Alcance das conclusões.

### 4.1 - Montagem do Modelo Conceitual

A partir da fundamentação teórica, montar um modelo conceitual que não seja rígido, mas sim que descreva como deve ser um processo compreensivo de dimensionamento do índice de qualidade de vida. Este modelo, portanto servirá como base comparativa para avaliar os estudos aplicados.

A partir do modelo conceitual analisaremos as pesquisas realizadas em favelas da cidade do Rio de Janeiro através dos seus métodos de dimensionamento e construção do índice de qualidade de vida ou conceitos correlatos, seus indicadores, atributos e variáveis, apresentando não só dimensões objetivas como dimensões subjetivas.

A organização do modelo conceitual proposto sugere o método a ser adotado para comparar e analisar os processos de definição e montagem dos indicadores e do índice de qualidade de vida aplicados. O método, portanto é composto pelos seguintes passos: estabelecimento dos objetivos do índice montado, identificação das unidades de observação e o universo da amostra, definição das dimensões a serem incorporadas, escolha dos indicadores mais apropriados, alcance dos procedimentos de busca e medição dos atributos, seus métodos de



análise e as conclusões que servem de base para a tomada de decisão ou definição de políticas públicas para estas áreas.

#### **4.2 – Conhecimento básico sobre a realidade das favelas da cidade do Rio de Janeiro, seus principais estágios de desenvolvimento juntamente com as intervenções que os determinaram;**

Esta etapa tem por objetivo incluir a dimensão histórica e cultural das favelas da cidade do Rio de Janeiro tendo em vista o longo caminho percorrido por estas comunidades em busca da sua urbanização e integração urbana, uma luta por melhores condições de vida além das melhorias físicas. Servem como parâmetro para identificarmos se os indicadores e atributos refletem adequadamente as melhorias alcançadas por estas favelas considerando que cada estágio é caracterizado por uma gama de atuações e intervenções públicas, resultante das lutas comunitárias com reflexos na obtenção de direitos sociais, de cidadania, de serviços de infraestrutura básica, de implantação de equipamentos comunitários, regularização urbanística e fundiária. Tendo em vista o processo contínuo de surgimento e crescimento das favelas na cidade do Rio, o conhecimento histórico e cultural pode explicar as variações encontradas destes indicadores e índices.

#### **4.3 - Objetivos das pesquisas escolhidas e do respectivo índice desenvolvido.**

Este passo procura identificar o porquê de cada pesquisa, seus objetivos implícitos e explícitos.

Muitas vezes estes objetivos podem influenciar na escolha das dimensões e dos indicadores assim como no tamanho da amostra das unidades de observação em função do tempo e do custo da pesquisa. Objetivos estes muito importantes para o entendimento das conclusões alcançadas além de influenciar na inclusão das dimensões objetivas e subjetivas.

#### **4.4 – Avaliação das metodologias aplicadas**

Nesta etapa cada pesquisa escolhida é analisada comparando-se ao modelo conceitual proposto e os critérios do método científico que lhe serviram de base tais como:

- Definição das unidades de observação e do universo amostral;



- Escolha das dimensões e dos indicadores;
- Escolha dos atributos, variáveis e suas medições; e
- Definição do(s) método(s) de análise.

#### **4.4.1 - As unidades de observação e o universo/amostra**

Adotando-se a conceituação de Babbie (1989:169/71) as unidades de observação destas pesquisas compreendem as favelas da cidade do Rio de Janeiro onde os elementos de estudo, a princípio, estão representados pelos residentes das favelas e pelos seus domicílios. O contexto urbano no qual o domicílio se insere é o terceiro elemento muitas vezes negligenciado por estas pesquisas. A dimensão urbana ainda é pouco valorizada mesmo depois da ampliação do conceito da habitação, que não é mais, só representada pela casa, mas também pela comunidade. Este terceiro elemento, portanto deve abranger não só a área da favela propriamente dita, podendo inclusive incluir o bairro e a RA<sup>47</sup>, áreas estas consideradas como contextos urbanos aos quais a favela deve se integrar. Verificar quais destes elementos foram considerados pelas pesquisas escolhidas demonstram o grau de abrangência da qualidade de vida dimensionada.

O universo/amostra da pesquisa deve esclarecer se a pesquisa abrange todo o universo das unidades a serem observadas ou simplesmente uma amostra do mesmo. Quando não se pode analisar todo o universo, a amostra escolhida deve garantir a representatividade deste universo da melhor forma possível, pois as possibilidades de generalização e credibilidade destes índices dependem do tamanho da amostra.

#### **4.4.2 – Dimensões e Indicadores**

Este é um item de suma importância a ser analisado, pois ele interfere diretamente na comprovação da hipótese formulada.

A multidimensionalidade do conceito qualidade de vida abrange dimensões objetivas e dimensões subjetivas. A escolha das mesmas de certa forma se relaciona com o objetivo da pesquisa o que por sua vez influencia e determina os indicadores quantitativos e qualitativos escolhidos. Segundo o modelo conceitual, dentre a gama dos indicadores mais utilizados, três foram considerados básicos para a construção e dimensionamento do índice de qualidade de vida em favelas. O indicador social que deve apresentar a dimensão social e econômica dos moradores da favela, o indicador residencial que deve apresentar a dimensão técnica e

---

<sup>47</sup> Região Administrativa da Cidade do Rio de Janeiro. Uma das primeiras divisões administrativas desta cidade que tem sua origem nas freguesias do Rio antigo e que a partir de 1983 passaram a ser subdivididas por bairros.



ambiental da habitação e o indicador urbano que deve apresentar a dimensão urbana e ambiental da favela e do seu entorno imediato.

Segundo o modelo conceitual, cada indicador também deve ser avaliado segundo a dimensão senso-perceptiva/emocional que elegeu a satisfação como sendo aquela mais aplicada dentre as pesquisas deste gênero. O indicador de satisfação já consagrado desde os anos 70 se tornou um elemento imprescindível no dimensionamento do índice de qualidade de vida. Uma significativa quantidade de pesquisas confirma sua importância, sua confiabilidade e credibilidade.

Cada indicador deve, portanto ser avaliado também através da satisfação percebida pelos moradores. Aos indicadores obtidos de forma objetiva associam-se os graus de satisfação que combinados, derivam no índice de qualidade de vida geral daquela comunidade. Verificar quais os indicadores escolhidos pelas pesquisas sendo analisadas assim como a adoção de dimensões subjetivas nos mostram se a qualidade de vida foi avaliada de forma compreensiva ou não.

#### **4.4.3 – Atributos, variáveis e medição**

Mais uma vez tomando-se como base a conceituação de Babbie (1989:171), a variável representa uma característica do elemento de estudo sendo mutuamente exclusivas enquanto que o atributo pode ser representado por várias variáveis que melhor o dimensionem. Um atributo só se compara à variável quando for formado por esta única variável. O indicador por sua vez deve ser construído por um grupo de atributos e suas variáveis.

Segundo o modelo conceitual nove atributos foram sugeridos para a construção do indicador social, da mesma forma foram sugeridos oito atributos para o indicador residencial, doze atributos para o indicador urbano e quatro atributos para o indicador ambiental. Analisando quais destes atributos e/ou variáveis foram adotados por cada pesquisa, demonstra-se o alcance dos indicadores escolhidos e o seu dimensionamento.

Nesta etapa algumas restrições podem ser encontradas como a disponibilidade das informações caso não se tenha condições de fazer um levantamento direto através de pesquisa de campo, o custo da pesquisa, o tempo necessário e recentemente a segurança considerando o grau de criminalidade das favelas da cidade.

No que concerne à medição destas variáveis, vários são os métodos recomendados pelo modelo conceitual. Os mais tradicionais que consideram valores quantitativos e, portanto passíveis de uma análise estatística e os mais recentes, importados das dimensões senso-





perceptiva/emocional que consideram valores e percepções, passíveis de análise interpretativa e estatística não paramétrica<sup>48</sup>.

#### **4.4.4 – Métodos de análise/montagem/cálculo do índice**

Como já foi dito a tendência atual é aceitar uma multiplicidade de métodos de investigação científica inerentes a cada ciência e que podem ser unidos de diversas maneiras em uma pesquisa.

Cada método fundamenta-se na compreensão do objeto pesquisado e podem estar incorporados ao processo de pesquisa. O que irá revelar a importância de cada um ou em conjunto serão os objetivos da pesquisa e a natureza do objeto estudado.

As características que diferem uma pesquisa qualitativa de uma pesquisa quantitativa são: a escolha correta dos métodos disponíveis e teorias oportunas, o reconhecimento e análise das diferentes dimensões do objeto pesquisado, do dimensionamento de seus indicadores e das reflexões dos pesquisadores como parte do processo de produção de conhecimento.

Nesta etapa é importante constatar se os estudos escolhidos aplicaram procedimentos existentes e consagrados no tratamento de seus dados para se definir e dimensionar o conceito qualidade de vida.

Um ponto importante nesta etapa é a pesagem ou ponderação das variáveis/atributos na montagem dos indicadores sendo que estes valores devem ser atribuídos pelos residentes das áreas pesquisadas a fim de garantir a isenção do pesquisador.

#### **4.5 – Alcance das conclusões**

Se, por um lado, em fins da década de 90 e início do Séc. XXI, a pesquisa de campo sobre qualidade de vida em favelas foi menor, reduzindo os estudos aplicados sobre este tema, por outro lado o conceito de qualidade de vida nunca foi tão discutido e incluído nos objetivos das políticas públicas. Seminários e congressos se multiplicam e sugerem cada vez mais, sejam visões mais abrangentes, sejam novos métodos de dimensionamento deste conceito.

Nesta etapa procuramos estabelecer se os índices montados realmente atenderam aos objetivos da pesquisa e se esta pesquisa de fato contribui para o desenvolvimento da teoria sobre qualidade de vida.

---

<sup>48</sup> Estatísticas adaptáveis aos dados das ciências do comportamento.



Em resumo identificar se os índices obtidos de fato nos informam a qualidade de vida das favelas do Rio e se realmente podem ajudar nas decisões públicas de intervenção social e urbana que visem a melhoria destas áreas.

Via de regra, seu dimensionamento quase nunca consegue englobar todas as suas dimensões, mas apesar de tudo ele continua sendo muito utilizado e desperta grande interesse. Para muitos a qualidade de vida é considerada uma questão de persistência representando uma busca incessante que não teme desafios.



## CAP. IV – O MODELO CONCEITUAL PROPOSTO

Dos três grupos/tipos de conceituações existentes e identificadas pelo EPA<sup>49</sup> (1073:I-4), esta tese, devido aos seus objetivos, enfoca e aposta na definição indireta de qualidade de vida em função da definição dos indicadores que a dimensiona. Portanto, compartilhamos da idéia de que definir os indicadores que caracterizam o padrão de vida de uma determinada população é o melhor caminho para se conceituar e dimensionar qualidade de vida.

Para efeito desta tese e tendo em vista a fundamentação teórica apresentada a qualidade de vida foi definida como **“uma função das condições sociais, habitacionais, urbanas e ambientais objetivas adequadas à uma determinada população e à satisfação percebida por esta população destas condições”**.

### 1 – O MODELO

O modelo conceitual proposto ao adotar esta definição, considera como importantes as dimensões objetivas em conjunto com as dimensões subjetivas. Deste modo a montagem do índice de qualidade de vida leva em consideração quatro indicadores; o social, o residencial, o urbano e o ambiental aonde os respectivos atributos adotam variáveis quantitativas e qualitativas sendo assim considerado como um modelo compreensivo. O social representando os sujeitos da pesquisa através de suas características sociais e econômicas, o residencial representando o domicílio com suas principais condições de habitabilidade, o indicador urbano, tendo em vista a ampliação do conceito habitação para além da noção de abrigo, abarcando o local da moradia, a partir dos recortes urbanos e por último a inclusão do indicador ambiental tendo em vista as últimas tendências por uma qualidade ambiental e as condições para um desenvolvimento sustentável.

Além dos indicadores quantitativos este modelo conceitual estabelece que para a montagem de indicadores qualitativos, a avaliação pessoal de um domínio em particular, assim como seus atributos dependem da percepção, aqui considerada como o resultado da comparação das características percebidas a padrões pré-estabelecidos. A percepção pessoal de um atributo é dependente, porém distinta do atributo propriamente dito, ou seja, de seus atributos objetivos. Portanto, a avaliação de um atributo de um indicador é consequência do modo pelo qual ele percebe este atributo e não necessariamente como ele é na realidade. Um indicador de boa

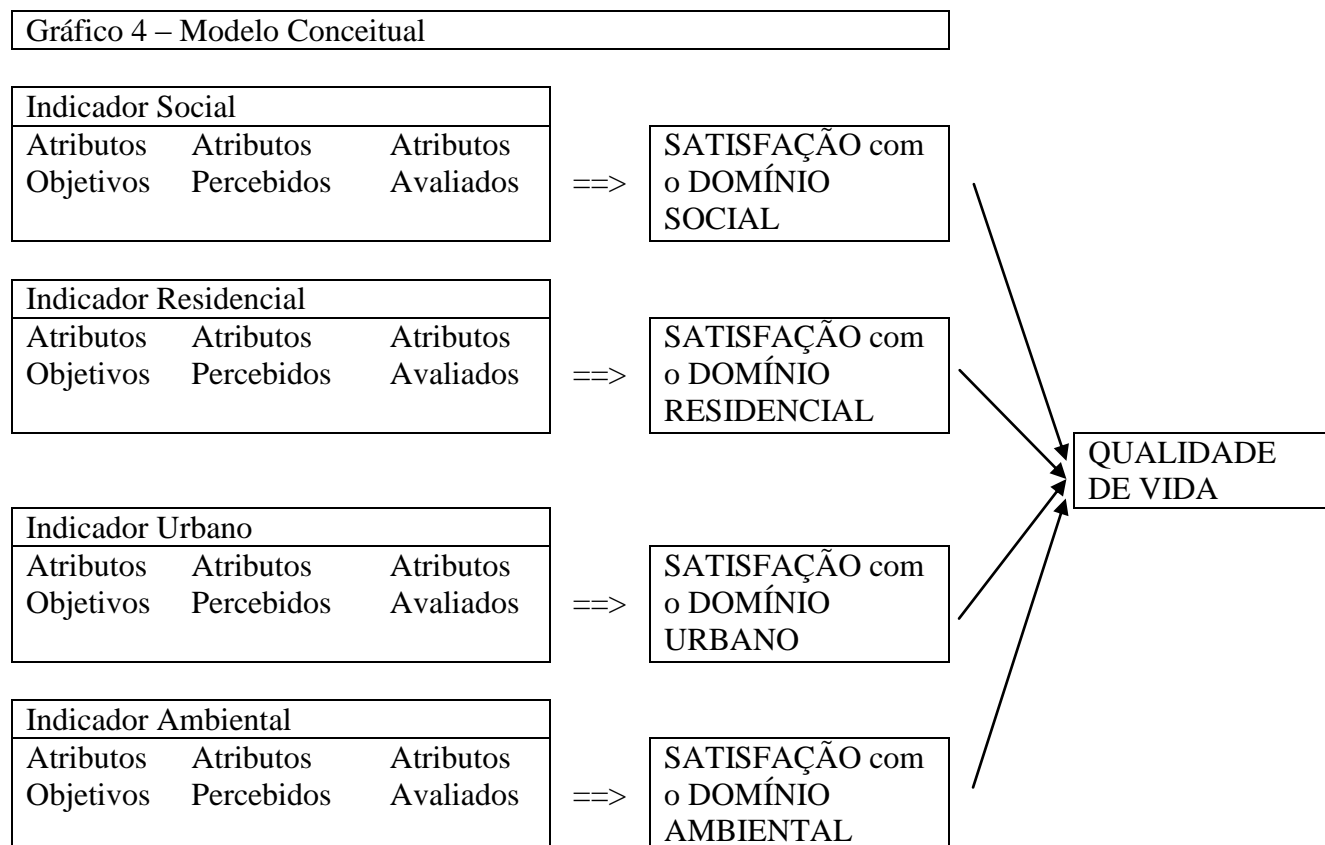
---

<sup>49</sup> Agência de Proteção ao Meio Ambiente nos Estados Unidos.



qualidade também pode ser definido como aquele que permite uma sensação de bem estar e satisfação para a população, sentida através de valores conferidos aos atributos que o caracterizam. Os indicadores escolhidos para se avaliar a qualidade de vida tomaram por base, vários outros estudos, relacionados no quadro de referência. Como podemos verificar pelo modelo conceitual, a seguir, quatro foram os indicadores básicos enfocados a partir dos domínios vivenciados e dos elementos de estudo:

- O indicador social, caracterizado por seus atributos objetivos e subjetivos e respectiva satisfação;
- O indicador residencial caracterizado por seus atributos objetivos e subjetivos e respectiva satisfação;
- O indicador urbano<sup>50</sup> caracterizado por seus atributos objetivos e subjetivos e respectiva satisfação e
- O indicador ambiental caracterizado por seus atributos objetivos e subjetivos e respectiva satisfação.



<sup>50</sup> Neste caso o indicador se refere ao ambiente da cidade ou mais freqüentemente aos seus recortes, também conhecidos como áreas administrativas, bairros, vizinhanças e favelas.



O modelo como vemos parte da premissa de que o índice de qualidade de vida é o resultado da composição dos indicadores de satisfação percebidos nos domínios social, residencial, urbano e ambiental, combinados com os indicadores objetivos e subjetivos decorrentes dos atributos objetivos e dos atributos percebidos e avaliados nos quatro domínios considerados. Da combinação da satisfação dos quatro domínios (social, residencial, urbano e ambiental), chega-se ao “Índice Geral da Qualidade de Vida”.

Este modelo foi montado a partir da análise e avaliação dos modelos apresentados no item 2 da Cap. I, assim como adaptado à realidade Brasileira.

O método sugerido para a sua aplicação é a pesquisa de campo através de questionários, uma vez que as informações que se deseja extrapolam os dados disponíveis pelo IBGE.

O primeiro passo, portanto, foi o desenvolvimento do conceito de "Qualidade de Vida" através de uma abordagem mais compreensiva e que engloba atributos objetivos e subjetivos. Os indicadores escolhidos abrangem propositalmente quatro esferas ou domínios da vida de um morador. A esfera pessoal representada pelo domínio social, a esfera da residência representada pelo domínio de sua habitação, a esfera urbana ou ambiente construído que abrange o domínio do espaço intra-urbano analisado, neste trabalho identificada como favela e a esfera ambiental ou ambiente natural representada pelas condições ambientais da esfera urbana. Cada domínio a seguir deve ser avaliado por seus atributos para compor os indicadores escolhidos. Assim, cada um destes indicadores deve ser operacionalizado através de seus atributos e por sua vez através da escolha das variáveis independentes que melhor refletem os atributos objetivos e subjetivos que se deseja medir, não esquecendo de considerar, nesta escolha as características da qualidade da informação a fim de evitar os riscos de validade interna e externa.

## **2 – OS ELEMENTOS DE ESTUDO, UNIDADES DE OBSERVAÇÃO E SEU UNIVERSO OU AMOSTRA**

As unidades de observação representam as favelas da cidade do Rio de Janeiro onde os elementos de estudo devem abranger os residentes, seus domicílios, a favela e o meio ambiente onde residem. Os elementos de estudo são, portanto as unidades da quais as informações serão coletadas. Eles representam os objetos da pesquisa caracterizados como sujeito e lugar que deve ser desmembrado em lugar da moradia, lugar da favela e o lugar



ambiental onde está localizado. A partir do quadro de referência observamos que uma pesquisa sobre qualidade de vida não pode deixar de lado estes quatro domínios que independentemente formam as fontes das informações básicas para pesquisas desta natureza.

Dentre os domínios mais recentemente introduzidos nas pesquisas sobre qualidade de vida ao nível da escala local ou intra-urbana, destaca-se o domínio urbano representado por seu indicador onde a dimensão urbana passa a ser considerada uma vez que o conceito da habitação passou a ter um sentido mais amplo. Da mesma forma o domínio ambiental passa cada vez mais a ser incorporado nestas pesquisas tendo em vista os impactos e a valorização das questões ambientais. O domínio urbano da favela, por vezes, pode estar associado ao do bairro de entorno dependendo do seu tamanho e do tipo de inserção e integração que acontece entre a favela e o bairro, tanto que um dos objetivos do programa favela bairro é a integração de um com a outro.

Cada vez mais tem crescido a importância destes domínios como objeto de pesquisa na montagem e dimensionamento do índice de qualidade de vida.

Considerando que o interesse desta tese refere às favelas da Cidade do Rio de Janeiro, o universo, portanto representa a totalidade das favelas da cidade, havendo dois cadastros das mesmas. O cadastramento oferecido pelo IBGE onde estas favelas encontram-se caracterizadas pelos setores censitários do tipo aglomerações subnormais<sup>51</sup> e o cadastramento feito pelo Instituto Pereira Passos através do SABREN<sup>52</sup>. Dependendo do tipo de informações desejadas estes cadastros representam o universo das favelas da cidade do Rio de onde se pode também extrair as amostras quando o universo por questões operacionais não pode ser pesquisado na sua totalidade.

### **3 – OS INDICADORES E SEUS ATRIBUTOS**

#### **3.1 – O Indicador Social**

O indicador social passa a ser explicado levando-se em consideração as informações coletadas e a avaliação dos moradores a partir de nove atributos. O indicador social, portanto, para ser operacionalizado e caracterizado pelos seguintes atributos:

---

<sup>51</sup> Segundo conceituação do IBGE, um aglomerado subnormal é um conjunto constituído por um mínimo de 51 domicílios, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostos, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais, pág 8 do Manual do Censo de 2000.

<sup>52</sup> Sistema de Assentamento de Baixa Renda do Instituto Pereira Passos.



- 3.1.1 - A família
- 3.1.2 - Os amigos
- 3.1.3 - A religião
- 3.1.4 - O grau de instrução - educação
- 3.1.5 - A saúde
- 3.1.6 - O trabalho doméstico
- 3.1.7 - O emprego
- 3.1.8 - O tempo livre
- 3.1.9 - O status social

### **3.2 – O Indicador Residencial**

O indicador residencial passa a ser explicado levando-se em consideração as informações coletadas e a avaliação dos moradores a partir de oito atributos. O indicador da residência, portanto, para ser operacionalizado e caracterizado pelos seguintes atributos:

- 3.2.1 - O tamanho da casa
- 3.2.2 - A estrutura da casa
- 3.2.3 - As condições de ventilação e iluminação
- 3.2.4 - Os impostos
- 3.2.5 - Aos custos de manutenção com a casa
- 3.2.6 – Infraestrutura básica (água, luz e esgoto)
- 3.2.7 – A aparência/estética da casa
- 3.2.8 – Estabilidade/Titularidade

### **3.3 – O Indicador Urbano**

O indicador urbano passa a ser explicado levando-se em consideração as informações coletadas e a avaliação dos moradores a partir de doze atributos. O indicador urbano, portanto, para ser operacionalizado e caracterizado pelos seguintes atributos:

- 3.3.1 – Integração
- 3.3.2 – Ruas da Comunidade
- 3.3.3 – Praças da Comunidade
- 3.3.4 – Coleta de Lixo
- 3.3.5 – Os vizinhos
- 3.3.6 – Atuação da Associação de Moradores do local



- 3.3.7 – A segurança
- 3.3.8 – A proteção contra incêndios
- 3.3.9 – Serviços de saúde
- 3.3.10 – Serviços de educação
- 3.3.11 – Acesso aos transportes coletivos
- 3.3.12 – Localização da comunidade

### **3.4 – O Indicador Ambiental**

O indicador urbano passa a ser explicado levando-se em consideração as informações coletadas e a avaliação dos moradores a partir de quatro atributos. O indicador ambiental, portanto, para ser operacionalizado e caracterizado pelos seguintes atributos:

- 3.4.1 – Poluição do ar, da água e do solo
- 3.4.2 – Áreas arborizadas
- 3.4.3 – Riscos ambientais
- 3.4.4 – Conforto ambiental

Os seguintes atributos do indicador social também podem ser considerados como variáveis de controle tais como que são usadas para explicar as diferenças nos resultados:

- 1 – renda familiar
- 2 – nível de escolaridade
- 3 – sexo
- 4 – tempo na residência ou na comunidade
- 5 – idade

A qualidade de vida passa a ser analisada e explicada segundo o índice gerado pelos atributos objetivos de cada indicador considerado, combinado com o grau de satisfação dos quatro domínios acima citados que por sua vez passam a ser explicados pelos seus respectivos atributos.

As características pessoais devem estar incluídas a cada passo do modelo proposto, tanto ao nível dos atributos objetivos, quanto nos percebidos e avaliados, como dentro de cada indicador analisado e a cada satisfação obtida, de modo a explicar a variação nas satisfações entre indivíduos.





#### **4 – AS VARIÁVEIS DEPENDENTES E AS INDEPENDENTES**

Assumindo uma abordagem compreensiva, a qualidade de cada domínio será definida como uma função dos atributos objetivos e dos atributos subjetivos (percepção, avaliação e satisfação) da vida em determinadas comunidades residenciais de baixa renda. Os atributos objetivos tais como renda, nível educacional, qualidade da água, arborização e outros, são comumente considerados positivos uma vez que, quanto maiores eles forem maior será o nível de Qualidade de Vida esperado. Por outro lado, a vida percebida e desejada só os atributos subjetivos podem avaliar. Os atributos subjetivos se farão representar pela percepção, avaliação e aspiração por melhores condições de vida a serem determinados a partir de “padrões” estabelecidos pela própria população. Para tanto, medidas de satisfação já consagradas por outras pesquisas, indicam o caminho para dimensionar os vários domínios da vida em família e em comunidade, assim como o ambiente residencial (a habitação), o ambiente urbano (a favela ou o bairro) e o ambiente natural.

Os atributos selecionados para cada indicador foram aqueles que a experiência profissional e vários estudos demonstraram ser os mais apropriados e passíveis de mensuração.

#### **5 – AS UNIDADES DE MEDIDA**

A dimensão senso-perceptiva/emocional da qualidade de vida pode ser medida através de diferentes procedimentos em dois momentos distintos da pesquisa.

No primeiro momento o nível de percepção dos atributos de cada indicador é aferido mediante a concordância de determinadas afirmações usando-se a escala Likert de cinco pontos que vai desde “Concordo Plenamente” até “Discordo Plenamente”. Da mesma forma estes atributos são avaliados através da utilização de um tipo semelhante de escala Likert, desta vez elaborada com cinco pontos que vai desde “Muito bom” até “Muito Ruim”. A comparação dos resultados demonstrará o grau de validade das medidas e dos procedimentos.

No segundo momento os indicadores podem ser avaliados através do Semantic Differential Format Index onde características opostas pré-determinadas são escolhidas através de uma pontuação demonstrando se aquele indicador está em boas ou más condições. Ainda neste momento o nível de satisfação para cada domínio/indicador deve ser apurado pela utilização da escala Likert de sete pontos que vai desde “Bastante Insatisfeito” até “Bastante Satisfeito”.



A escolha destes procedimentos se deve ao fato deles já terem sido bastante usados, comprovados e consagrados em outras pesquisas.

A dimensão objetiva dos atributos de cada indicador por sua vez adota medidas de proporção/ordinais, de intervalo e nominais a partir de variáveis consideradas independentes.

### 5.1 - Operacionalização dos atributos objetivos do Indicador Social:

Atributos	Variáveis independentes
1 – Família	tamanho
	Tempo gasto com
2 – Amigos	Nº de amigos
3 – Educação	Anos de estudo
4 – Saúde	Nº de doenças
	Tipos de doenças
5 – Religião	Tipos de religião
6 – Trabalho doméstico	Tempo gasto (horas)
	Tipos de atividades
7 – Emprego	salário
	status
	Nº de empregos
	Tipo de emprego
	Tempo gasto para se deslocar
8 – Tempo Livre	Distancia do trabalho
	Tipos de atividades feitas
	Tipos de atividades desejadas
9 – Status Social	Tipos de coisas que possui
	Tipos de coisas desejadas

### 5.2 – Operacionalização dos atributos objetivos do Indicador Residencial:

Atributos	Variáveis independentes
1-Tamanho da casa	nº de cômodos
	tamanho
	ampliações
2-Estrutura da casa	Tipo de casa
	Uso da casa
	Material de construção
	Idade da construção
3-Condições de ventilação e iluminação	Nº de janelas
	Nº de cômodos sem janelas
4-Os impostos	tipos
5-Custos de manutenção com a casa – inquilinos	Valor do aluguel



5-Custos de manutenção com a casa – proprietários	Valor do investimento
6-Infraestrutura básica (água, luz e esgoto)	características
7-A aparência da casa	características
8 – Estabilidade/Titularidade	características

### 5.3 - Operacionalização dos atributos objetivos do Indicador Urbano:

Atributos	Variáveis independentes
1- Integração	Pertencimento
2-Ruas da comunidade	arborização
	pavimentação
	transitabilidade
2-Praças da comunidade	arborização
	distancia
	tamanho
	mobiliário
2-Coleta de lixo	existência
	freqüência
5-Os vizinhos	n° de vizinhos
6-Atuação da Associação de Moradores do local	existência
7-A segurança	Existência de postos policiais
	Taxa de criminalidade
8-A proteção contra incêndios	Existência de hidrantes
	n° de incêndios
9-Serviços de saúde	Existência de postos de saúde
10-Serviços de educação	Existência de creches
	Existência de creches
	n° de estudantes
	graus oferecidos
	curios oferecidos
11-Acesso aos transportes coletivos	Distancia aos pontos de ônibus ou estações de trem
	Oferta de transportes
	Qualidade dos transportes



12-Localização da comunidade	Distância aos sub-centros de serviços e comércio da cidade
------------------------------	--

#### **5.4 - Operacionalização dos atributos objetivos do Indicador Ambiental:**

Atributos	Variáveis independentes
1-Poluição (ar, água e solo)	Graus de poluição
	Lixo acumulado
	reclamações
2-Áreas arborizadas	quantidade
	m <sup>2</sup> /hab
	proximidade
3-Riscos ambientais	desabamentos/deslizamentos
	inundações
	condições de insalubridade
4-Conforto ambiental	parâmetros

O objetivo destes quadros não foi o de relacionar todas as variáveis possíveis, mas sim de relacionar as mais mencionadas e utilizadas pelos autores pesquisados.

## **6 - OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE SUGERIDOS**

Para analisar os resultados obtidos, sugere-se a utilização de técnicas estatísticas bastante consagradas que dependerão do plano e dos objetivos da pesquisa. Dentre as mais conhecidas podemos sugerir a técnica de normalização com vistas à montagem de um índice sintético onde todos os valores passam a ter um mesmo intervalo de variação e podem ser agregados. A correlação do índice geral composto com seus indicadores e dos indicadores com seus atributos e a regressão múltipla dos indicadores com o índice geral da qualidade de vida e dos atributos com cada indicador, além de outros métodos estatísticos comprovadamente apropriados às variáveis independentes e dependentes examinadas e à pesquisa em questão.



## CAP. V - OS ESTUDOS PESQUISADOS E SEUS ÍNDICES

Dentre um grande número de pesquisas e estudos sobre qualidade de vida ou sobre condições de vida, cinco foram os estudos escolhidos para serem analisados, pois se constituem em estudos que de certa forma fizeram uma avaliação da qualidade de vida das favelas da Cidade do Rio de Janeiro.

Esses estudos, cada um a seu tempo, aplicaram metodologias para a construção de indicadores e índices se utilizando de atributos e/ou variáveis que analisaram as melhorias das condições de vida ou a qualidade de vida das favelas cariocas.

Como não eram muitos os estudos existentes sobre o tema com aplicação em favelas, a escolha recaiu desde o primeiro trabalho executado deste tipo que data de 1997, desenvolvido pelo IPLANRIO (atual IPP) intitulado “**Favelas Cariocas: Índice de Qualidade Urbana**” utilizando-se de dados do censo demográfico IBGE-1991, passando por uma pesquisa acadêmica, apresentada na Semana da FAU-UFRJ em 2006 cujo tema foi Habitar a Cidade, intitulada “**A qualidade de vida percebida em favelas e conjuntos habitacionais na cidade do Rio de Janeiro**” desenvolvida por Silveira, I.M., baseada em dados coletados através de uma pesquisa de campo (questionário) realizada em 1995. O terceiro trabalho escolhido foi a “**Síntese da avaliação do Programa Favela Bairro – Primeira fase 1995-2000**” realizado pelo Instituto Pereira Passos (IPP) em conjunto com a Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro utilizando-se de informações pesquisadas em distintas fases do ciclo do programa. Primeiramente dados de 1991 fornecidos pelo IBGE, depois dados secundários do Programa de Educação Sanitária EDUSAN obtidos entre 1994 e 1995, e por fim uma pesquisa qualitativa e outra quantitativa em comunidades que respectivamente ainda não tinham sido contempladas pelo Programa Favela Bairro e em comunidades cujas obras do Programa já haviam sido concluídas, ambas realizadas em 2003 e 2004.

O quarto estudo escolhido foi “**A melhoria das condições de vida dos habitantes de assentamentos precários no Rio de Janeiro: uma avaliação preliminar da meta 11 dos objetivos do Milênio**” esta também realizada pelo IPP<sup>53</sup> e pela Secretaria Municipal de Urbanismo, publicado em Rio Estudos nº 234 em dezembro de 2006 utilizando-se de dados do censo demográfico IBGE 1991 e 2000. Por último foi escolhido o trabalho intitulado “**Índice de Desenvolvimento Social – IDS: comparando as realidades micro urbanas da cidade do Rio de Janeiro**” outro estudo desenvolvido por Cavalliere, F e Lopes, G.P., ambos

---

<sup>53</sup> Autores Fernando Cavalliere e Soraya Oliveira, ambos do IPP.



do IPP, publicado sob o N° 20080401 em abril de 2008, utilizando-se de dados do censo demográfico IBGE 2000.

Não se trata de comparar os seus resultados, mas sim analisá-los em função das metodologias adotadas para a escolha e construção dos indicadores, assim como escolha e dimensionamento das variáveis quando for o caso, tendo em vista o modelo conceitual proposto no Cap. III.

## **5.1 - “A Qualidade Urbana das Favelas do Rio de Janeiro”.** Rio de Janeiro: IplanRio/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997.

### 1 – Objetivos.

O objetivo da montagem deste índice foi o de classificar as favelas da cidade do Rio de Janeiro, auferindo seu potencial e de agrupá-las por RA identificando e mapeando sua respectiva posição.

Da mesma forma procurou identificar quais os indicadores que mais contribuíram para as favelas melhor classificadas assim como quais os indicadores que mais influenciaram nas favelas pior classificadas. Quais os indicadores que melhor se classificaram e os que pior se classificaram por RA.

Desta forma efetuou-se a identificação dos atributos responsáveis pelos melhores índices e aqueles responsáveis pelos menores índices.

### 2 – Metodologia.

#### 2.1 – Unidades de Observação e universo amostral.

O universo adotado incluiu todas as favelas existentes e consideradas como tal pelo IBGE a partir da identificação dos setores censitários considerados como “subnormais” pelo Censo Demográfico de 1991 ou seja “conjunto constituído por um mínimo de 51 domicílios, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostos, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços essenciais”. Desta forma o universo abrangeu 412 favelas ou aglomerados subnormais.

#### 2.2 – Dimensões e Indicadores.

Tomando por base a montagem do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)<sup>54</sup>, empregado pela Organização das Nações Unidas e a montagem do Índice das Regiões Administrativas da

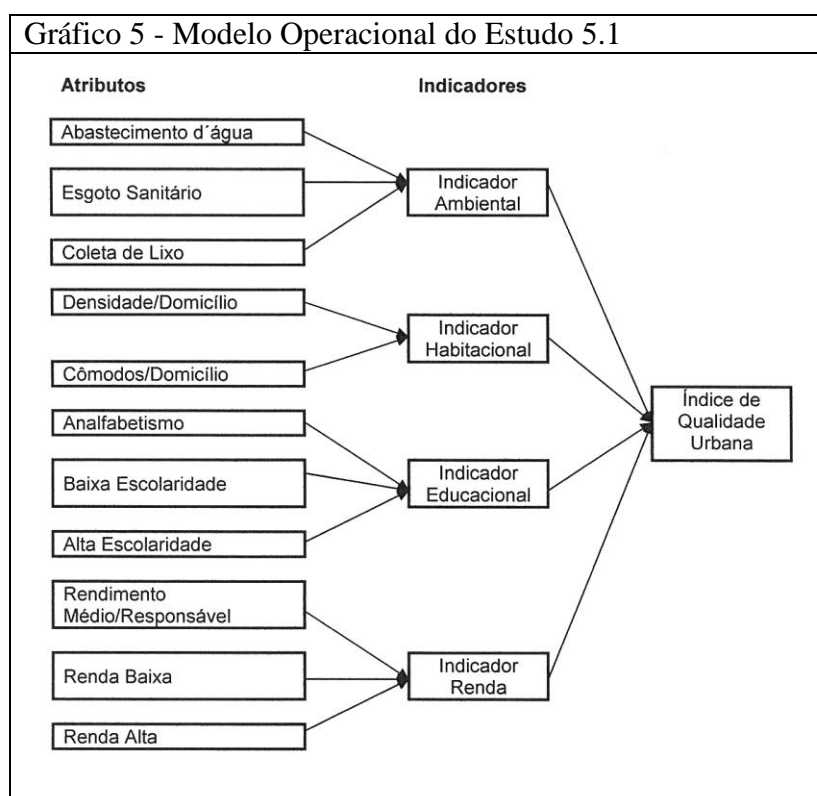
---

<sup>54</sup> Indicadores utilizados: educação, renda e longevidade (3).



Cidade do Rio de Janeiro, um trabalho desenvolvido pelo DIG-NIG<sup>55</sup> do IplanRio, este estudo optou pela escolha de quatro indicadores. O indicador ambiental que agrupou as informações sobre a infraestrutura existente, enfocando a prestação dos serviços de água, esgoto e lixo. O indicador residencial englobando a densidade no domicílio e a quantidade de cômodos por domicílio. O indicador educacional que considerou não só os menores e os maiores graus de escolaridade, mas também o analfabetismo e por fim, o indicador de renda que além do rendimento médio do chefe do domicílio considerou as maiores e as menores rendas existentes. Conforme podemos observar o modelo operacional no gráfico a seguir, foi composto por 11 atributos reagrupados em 4 indicadores que por sua vez definem o índice geral, aqui denominado Índice de Qualidade Urbana.

Tendo em vista os estudos que influenciaram a escolha dos indicadores, as dimensões abrangidas foram a econômica e a social que concentram atributos objetivos, por excelência quantitativos e desta forma disponibilizados pelo IBGE.



Comparando este modelo com o modelo conceitual verificamos que os atributos do indicador ambiental, aqui ficaram separados do indicador residencial, mas na realidade se referem à habitação ou domicílio e segundo o IBGE, o caracterizam. O conceito de Indicador Ambiental vai muito mais além do que a infraestrutura mínima que serve o domicílio. Neste caso os

<sup>55</sup> Diretoria de Informações Gerenciais – Núcleo de Informações Gerenciais



atributos relacionados ao indicador ambiental poderiam muito bem estar no indicador residencial.

### 2.3 – Variáveis, métodos de medição e instrumentos.

O modelo operacional utilizou 11 atributos aos quais correspondem 11 variáveis quantitativas disponíveis pelo Censo Demográfico do IBGE-1991 para o total de favelas recenseadas.

Assim as unidades de medidas das variáveis por indicador foram:

1. Indicador Ambiental
  - % de domicílios com serviço de abastecimento de água inadequado;
  - % de domicílios com serviço de esgoto inadequado;
  - % de domicílios com serviço inadequado de coleta de lixo.
2. Indicador Habitacional
  - número médio de pessoas por domicílio;
  - número médio de cômodos por domicílio.
3. Indicador Educacional
  - % de analfabetismo em maiores de 15 anos;
  - % de chefes de domicílios com menos de 4 anos de estudo;
  - % de chefes de domicílios com 15 anos ou mais de estudo.
4. Indicador de Renda
  - rendimento médio dos chefes de domicílio em salários mínimos (SM);
  - % dos chefes de domicílios com renda até 2 SM;
  - % dos chefes de domicílios com rendimento igual ou superior a 10 SM.

Neste caso não há instrumentos de coleta, pois se trata de uma pesquisa indireta a partir das informações do Censo Demográfico de 1991.

### 2.4 – Método de análise, montagem do Índice de Qualidade Urbana.

Esta pesquisa adotou a metodologia empregada na montagem do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)<sup>56</sup>, empregado pela Organização das Nações Unidas, e que também foi adotada

---

<sup>56</sup> Indicadores utilizados: educação, renda e longevidade (3).





na confecção do Índice de Qualidade dos Municípios(IQM)<sup>57</sup> do Rio de Janeiro desenvolvido pelo CIDE<sup>58</sup>,

Os dados de cada variável foram obtidos para cada um dos setores censitários reagrupados pelas favelas recenseadas.

Para a obtenção do valor de cada variável que compõe o indicador de cada favela foi utilizada a seguinte fórmula:

$$\text{Valor} = 1 - (\text{maior} - \text{encontrado}) / (\text{maior} - \text{menor})$$

Onde:

Maior = a maior percentagem da variável encontrada em todas as favelas;

Menor = a menor percentagem da variável encontrada em todas as favelas;

Encontrado = o valor medido para cada favela, da variável pesquisada.

O resultado assim obtido varia numa escala de 0 (zero) a 1 (um), sendo atribuído ao valor “zero” a indicação da pior situação e ao valor “um” a indicação da melhor situação, estabelecendo para cada uma das variáveis uma posição em relação às demais. Para a obtenção de cada um dos quatro indicadores é aplicado o cálculo da média aritmética dos valores encontrados para as variáveis que o compõem, sendo também obtido o índice de qualidade urbana (IQU), pela média dos valores dos indicadores.

### 3 – Alcance das conclusões.

A partir da classificação de todas as favelas, analisa-se aquelas com os melhores e os piores índices de qualidade urbana. Como se pode observar, o intervalo existente foi de 0,755 pontos percentuais e conseqüentemente resultando no valor da média em 0,377. Assim sendo do total de 412 favelas foi permitido atestar que 337 favelas se encontravam acima da média e 75 abaixo, ou seja apenas 18% estavam em situação considerada de má qualidade urbana.

Analisando sob o ponto de vista dos indicadores também foi possível concluir acerca de quais indicadores mais influíram tanto para os melhores índices quanto para os piores.

Os principais resultados do IQU foram os seguintes:

---

<sup>57</sup> Indicadores utilizados: centralidade, qualificação de mão de obra, riqueza e consumo, facilidades para negócio, infraestrutura para grandes empreendimentos, dinamismo e cidadania (7).

<sup>58</sup> Centro de Informações e Documentação do Estado do Rio de Janeiro



Tabela 3 - Os dez maiores e menores índices de qualidade urbana e respectivas favelas do Estudo 5.1 - 1991

Favelas	RA*	IQU	Favelas	RA*	IQU
Mangueira	4	0,918	Moisés Santana	15	0,253
Francisco de Castro	23	0,811	Morro da Iguaiá	15	0,249
Caminho da Reta	15	0,660	Caminho do Waldemar	16	0,243
Vila Benjamim Constant	4	0,658	Bairro Nova Aguiar	18	0,240
Agrícola	24	0,633	Retiro Saudoso	1	0,233
Abadiana	16	0,626	Morro da Cotia	13	0,223
Vila Pitimbu	16	0,624	Bairro Ouro Preto	13	0,217
Vila Maria	12	0,621	Boqueirão	17	0,215
Morro do Andaraí	9	0,621	Margem do Canal São Francisco	19	0,189
Mata Machado	8	0,620	Caminho do Bicho	24	0,187

\* RAs 1 = Portuária, 4 = Botafogo, 8 = Tijuca, 9 = Vila Isabel, 12 = Inhaúma, 13 = Méier, 15 = Madureira, 16 = Jacarepaguá, 17 = Bangu, 18 = Campo Grande, 19 = Santa Cruz, 23 = Sta. Teresa, 24 = Barra

Partindo do princípio de que ao maior índice de qualidade urbana correspondem os maiores valores dos indicadores, foram assim identificados aqueles que mais influenciaram os 10 mais altos IQUs.

Dos quatro indicadores analisados, o que mais influenciou para os melhores resultados foi o indicador de qualidade ambiental (IQA) em 8 dos 10 melhores índices. Na favela Francisco de Castro o indicador de qualidade habitacional (IQH) foi o que mais influenciou, e na primeira classificada foram os indicadores de renda (IQR) e o de qualidade ambiental que mais influíram. Admitindo um raciocínio inverso em relação aos menores resultados, verifica-se que o indicador de qualidade de renda foi o maior responsável por 8 dos 10 menores resultados finais sendo que, para as favelas Bairro Ouro Preto e Boqueirão o indicador que menos contribuiu foi o de qualidade ambiental.

Em termos da análise feita por Regiões Administrativas, agrupando os índices através das favelas nelas situadas as conclusões foram as seguintes a partir da tabela a seguir.

Tabela 4 - Os 5 maiores e menores índices de qualidade urbana agrupados por favelas nas respectivas RAs da cidade em 1991- Estudo 5.1

Regiões Administrativas	Nº de favelas	IQU (+)	Regiões Administrativas	Nº de favelas	IQU (-)
XXIII RA - Santa Teresa	8	0,913	XVII RA - Bangu	41	0,331
IV RA - Botafogo	11	0,837	XV RA - Madureira	30	0,278



VII RA – São Cristóvão	9	0,605	XIII RA - Méier	32	0,249
V RA - Copacabana	4	0,596	XVIII RA – Santa Cruz	9	0,208
XXVIII RA - Jacarezinho	1	0,579	XXVI RA - Guaratiba	2	0,186

Em relação aos quatro indicadores analisados, considerando agora as Regiões Administrativas da cidade, o que mais influenciou para os melhores resultados foi o indicador de qualidade ambiental em 4 dos 5 melhores índices. No conjunto de favelas de Santa Teresa foi o indicador de renda o que mais influenciou para o maior índice de qualidade urbana.

Em relação aos menores índices de qualidade urbana, o indicador de qualidade educacional (IQE) foi o responsável por 3 dos 5 maiores resultados enquanto que o indicador de qualidade de renda também foi o responsável por 3 dos 5 menores resultados. Para Santa Cruz e Guaratiba o indicador de qualidade ambiental continua sendo aquele que melhor contribui para o índice final. Os que menos contribuíram e de certa forma, influenciaram os piores resultados foi o indicador habitacional para Santa Cruz e o indicador educacional para Guaratiba.

Convém ressaltar que para os melhores resultados por RA contribuíram apenas 33 favelas enquanto que para os menores resultados contribuíram 114 favelas.

Para o conjunto dos IQU por RAs os indicadores que mais contribuíram para os resultados em geral obtidos foram o IQA com 17 valores mais altos, o IQE com 10 e o IQR mais alto em Santa Teresa.

## **5.2 – “A Qualidade de Vida em Aglomerados de Baixa Renda na Cidade do Rio de Janeiro 2000”<sup>59</sup>** Pesquisa acadêmica apresentada no Seminário Semana da FAU-UFRJ 2006 – Tema “Habitar a Cidade”.

### 1 – Objetivos.

Esta pesquisa procurou comparar a qualidade de vida entre dois grupos de áreas residenciais consideradas de baixa renda na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro grupo representado por favelas consideradas urbanizadas e o segundo grupo por conjuntos habitacionais para onde foram transferidos os habitantes de favelas removidas. O objetivo era descobrir quais os atributos que mais contribuíam para a qualidade de vida seja nas favelas urbanizadas seja nos conjuntos habitacionais e verificar se as favelas urbanizadas ofereciam melhor qualidade de vida do que os conjuntos. Num segundo momento também foi objetivo dessa pesquisa checar

<sup>59</sup> Autor Silveira, I.M..



quais dos atributos escolhidos para a montagem dos indicadores, além dos próprios indicadores, eram os mais importantes segundo a ótica dos moradores e quais mais influenciavam no índice de qualidade de vida.

## 2 – Metodologia.

### 2.1 – Unidades de observação e universo amostral.

As favelas urbanizadas e os conjuntos habitacionais foram considerados respectivamente as unidades de observação. Os respectivos universos se constituíram da listagem de favelas urbanizadas na cidade do Rio de Janeiro, fornecida pelo IPP e dos conjuntos habitacionais fornecida pela CEHAB-RJ<sup>60</sup>. Considerando-se o intento de comparação entre os índices resultantes destas áreas, da listagem das favelas urbanizadas foram também descartadas aquelas localizadas nos morros por apresentarem condições muito divergentes em relação aos conjuntos. Da mesma forma em relação aos conjuntos, só participaram da lista os conjuntos habitacionais compostos por casas.

Destes dois universos foram selecionados quatro aglomerados de cada um, sendo que das favelas ainda houve a preocupação de que cada uma pudesse representar um diferente estágio de urbanização. Cada estágio foi identificado como o momento/contexto em que a favela considerada urbanizada, havia sido alvo de alguma intervenção ou melhoria pública e dos conjuntos foi dada preferência àqueles que tinham sido alvo da política de remoção de favelas das décadas de 60 e 70.

Como a pesquisa se caracterizou por um levantamento de campo, utilizando-se de um questionário para obtenção dos dados primários, houve a necessidade de se definir também uma amostra dos residentes de cada aglomerado. De acordo com os conceitos de amostragem, os residentes tanto das favelas quanto dos conjuntos foram considerados como os elementos a serem pesquisados e o processo de amostragem escolhido para selecionar estes elementos foi o "multi-estágio estratificado", ou seja, entrevistar um número determinado de moradores por rua de cada aglomerado, já que as condições precárias de levantamento das favelas não nos permitia identificar claramente as quadras e residências por quadra. Da mesma forma se procedeu nos conjuntos pesquisados.

Os aglomerados assim escolhidos foram os seguintes conforme a tabela a seguir:

---

<sup>60</sup> Companhia Estadual de Habitação do Rio de Janeiro



Tabela 5 - Características <sup>61</sup> básicas das favelas e conjuntos analisados pelo Estudo 5.2							
Nome	Bairro	RA	Origem	Área (ha)	Pop. 1996	Densidade 1996	Amostra pesquisada
Brás de Pina	Brás de Pina	Penha (11)	1955	14,036	5.650	396 Hab/ha	96
Vila União	Inhoaíba	Campo Grande (18)	1901	7,34	1.407	162 Hab/ha	93
Faz. Botafogo	Barros Filho	Pavuna (25)	1950	41,76	5.547	133 Hab/ha	90
Baixa do Sapateiro	Maré	Maré (30)	1952	15,4	7.361	478 Hab/ha	49
Parque União			1961	17,80	12.010	675 Hab/ha	44
Vila do João	Maré	Maré (30)	1982	32,0	5.411	169 Hab/ha	48
Vila Pinheiro			1985	43,3			44
Vila Kennedy	Bangu	Bangu (17)	1964	66,4	17.689	266 Hab/ha	107
Conj. Votorantim	Campo Grande	Campo Grande (18)	1983	20,5	1.750	85 Hab/ha	91
Conj. Campinho	Campo Grande	Campo Grande (18)	1977	23,5	4.284	182 Hab/ha	91

Favelas e conjuntos distribuídos ao longo da Avenida Brasil ou sob sua influência a começar pelas favelas da Baixa do Sapateiro e do Parque União que pertencem ao complexo da Maré e que foram urbanizadas em função da implantação da Linha Vermelha, passando pela Favela Brás de Pina, a primeira a ser urbanizada, ainda na década de 70 pela CHISAM<sup>62</sup> a partir com uma forte reivindicação popular. A Fazenda Botafogo também foi escolhida por ter passado por um processo de urbanização e regularização fundiária bem peculiar<sup>63</sup>. Por último, a favela Vila União, uma das primeiras favelas urbanizadas em Campo Grande, a única localizada em outro eixo a Av. Cesário de Melo. Este grupo, portanto representa e é considerado um estrato das favelas urbanizadas da Cidade do Rio de Janeiro e que foram avaliadas para se verificar, si se confirmam suas condições de qualidade de vida.

<sup>61</sup> Dados obtidos do Cadastro de Favelas do IPP, cadastro da CEHAB e do IBGE.

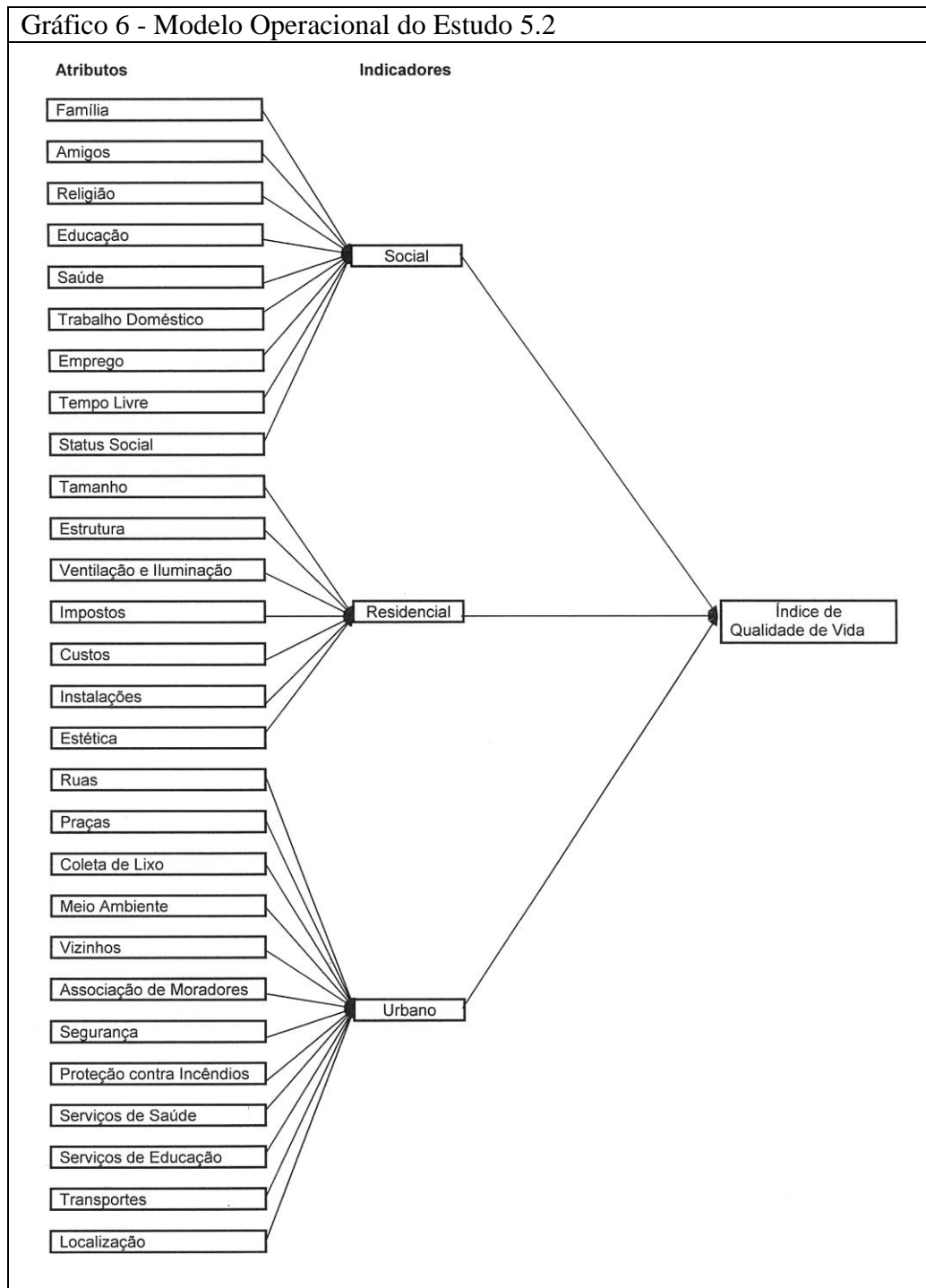
<sup>62</sup> Coordenação da Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana.

<sup>63</sup> Acompanhado por um levantamento fundiário minucioso onde constam todas as dimensões encontradas para cada lote, quase todos irregulares.



Do grupo dos conjuntos, foram escolhidos primeiramente a Vila do Pinheiro e a Vila do João que receberam muitas famílias transferidas das palafitas do complexo da Maré, por ocasião do aterro do Projeto Rio. O conjunto da Vila Kennedy considerado um dos primeiros a receber residentes de favelas removidas e os conjuntos de Votorantin e Campinho que receberam parcialmente algumas famílias transferidas de favelas.

## 2.2 – Dimensões e Indicadores.



A pesquisa optou por considerar as dimensões socioeconômicas tradicionais através dos atributos objetivos adicionando algumas dimensões senso-perceptivas/emocionais, que serviram para analisar a percepção, avaliação e a satisfação dos atributos que como tal passam a ser consideradas atributos subjetivos. O índice de qualidade de vida foi estabelecido a partir de três indicadores que representam os principais objetos de análise: o morador, sua residência e a comunidade/bairro onde está localizada, cujas características pressupõem modelar a qualidade de vida de uma determinada área residencial. Em primeiro lugar o morador, o objeto humano que com suas características sociais e econômicas, analisadas a partir de nove atributos, servirem de base para a montagem do indicador social. Em segundo lugar o objeto residência, considerado a princípio como o indicador mais importante para a montagem do índice de qualidade de vida, tendo em vista seu valor fundamental como abrigo da família, adotando-se para ele sete atributos para caracterizá-lo.

Finalmente o objeto urbano, considerado como o aglomerado em si, a favela ou o conjunto habitacional, podendo ser estendido ao bairro aonde se insere, neste caso foram escolhidos doze atributos para caracterizá-lo. Como última etapa é medida a percepção e a satisfação de cada indicador a fim de confirmar e validar os valores obtidos e saber o quanto cada um influencia na avaliação final da qualidade de vida percebida.

Considerando-se a montagem de um índice composto por medidas, tanto os indicadores quanto o índice é resultante de uma composição das medidas obtidas pelas variáveis. Os atributos englobam variáveis quantitativas e variáveis qualitativas. As variáveis quantitativas correspondem aos atributos objetivos e às variáveis qualitativas os atributos subjetivos, neste estudo classificados como atributos de percepção, de avaliação e de satisfação.

### 2.3 – Variáveis, métodos de medição e instrumentos.

O modelo operacional utilizou, ao nível dos 28 atributos 53 variáveis quantitativas e 77 variáveis qualitativas e ao nível dos indicadores 2 variáveis.

O instrumento de coleta foi um questionário montado e pré-testado, que se subdividiu em três partes correspondendo aos três indicadores selecionados e que se utilizou da técnica dos cartões<sup>64</sup> para facilitar as opções oferecidas pela escala Likert, pelo formato das diferenças semânticas, para avaliar a satisfação e para a identificação da importância dos atributos. Além do questionário foi feita uma avaliação do espaço urbano pelo pesquisador, considerando

---

<sup>64</sup> Foram usados cartões coloridos para as diferenças semânticas e para avaliar os graus de importância e cartões simples para as escalas Likert de 5, 6 e 7 pontos além das questões com múltiplas opções.



aspectos da dimensão urbana tais como: regularidade, iluminação, arborização e pavimentação das ruas a presença de equipamentos comunitários tais como áreas de praças, tamanho das escolas e graus oferecidos, equipamentos de saúde, acessibilidade, densidade populacional, representatividade da comunidade no bairro, existência de atividade comercial e espaços esportivos que serviram para contextualizar os indicadores urbanos obtidos, seus graus de satisfação e o índice de qualidade de vida final.

A qualidade de vida deve portanto foi medida através de diferentes tipos de respostas em dois níveis de análises. No primeiro nível os atributos foram avaliados através de variáveis quantitativas, e através de variáveis qualitativas subdivididas em variáveis de percepção e avaliação medidas através de 50 afirmações onde se aplicou a escala Likert de seis pontos variando desde “Concordo Plenamente” até “Discordo Plenamente”. As variáveis de avaliação dos atributos foram medidas utilizando-se uma escala de 5 pontos variando desde “Muito Bom” até “Muito Ruim”. As percentagens de cada opção serviram como unidades de medidas. No segundo nível, cada indicador foi avaliado através da aplicação do “formato de diferenças semânticas<sup>65</sup>” e sua satisfação revelou-se através da escala Likert de sete pontos, variando desde “Bastante Satisfeito” até “Bastante Insatisfeito”. Os métodos escolhidos, além de consagrados em outras pesquisas, apresentam resultados que comprovam sua eficácia.

A escolha dos 9 atributos sociais, dos 7 atributos residenciais e dos 12 atributos urbanos se basearam na literatura pertinente e na pesquisa de campo executada previamente.

Assim, o Indicador Social foi considerado uma variável dependente dos seguintes atributos e respectivas variáveis:

Tabela 6 - Operacionalização dos atributos do Indicador Social do Estudo 5.2				
Atributos	Variáveis objetivas	Unidades de Medida	Variáveis subjetivas Percepção <sup>66</sup>	Variáveis Subjetivas Avaliação
1 - Família	Tamanho	Proporção	2 afirmações	Likert 5 p
	Tempo gasto com	Proporção		
2 - Amigos	Quantidade	Nominal - % da melhor opção	2 afirmações	Likert 5 p
3 - Educação	Anos de estudo	Nominal - % 2º grau completo	2 afirmações	Likert 5 p
4 - Saúde	Moradores doentes	Nominal - % de doentes	3 afirmações	Likert 5 p
	Doenças / ano	Proporção		
	Idas ao médico	Proporção		

<sup>65</sup> Tradução dada para Semantic Differential Format. Método utilizado para avaliar os indicadores através do uso de termos opostos que representem suas características extremas.

<sup>66</sup> Percepção feita através da Likert Scale com 6 pontos (Concordo<->Discordo)





5 – Religião	Religiosidade	Nominal - % dos sem religião	2 afirmações	Likert 5 p
6 – Trabalho doméstico	Atividades exercidas	Nominal - % das opções desejadas	2 afirmações	Likert 5 p
7 – Emprego	Renda familiar	Intervalo - % da melhor opção	4 afirmações	Likert 5 p
	Chefes empregados	Nominal % >1 empregado		
	Tempo empregado	Nominal % da melhor opção		
	Trabalha em casa	Nominal - % de quem trabalha		
	Tempo gasto para se deslocar	Intervalo - % da melhor opção		
	Distancia do trabalho	Nominal - % da melhor opção		
8 – Lazer	Atividades exercidas	Nominal – % das melhores opções	3 afirmações	Likert 6 p
9 – Status Social	Coisas possuídas	Nominal - % das opções desejadas	4 afirmações	Likert 6 p

O Indicador Residencial foi considerado uma variável dependente dos seguintes atributos e respectivas variáveis:

Atributos	Variáveis objetivas	Unidades de Medida	Variáveis subjetivas	Variáveis Subjetivas Avaliação
1-O tamanho da casa	Nº de cômodos	Proporção	2 afirmações	Likert 5 p
	Existência de quintal	Nominal - % da melhor opção		
	Ampliações/reformas	Nominal - % da melhor opção		
2-A estrutura da casa	-		2 afirmações	Likert 5 p
3-As condições de ventilação e iluminação	Nº de janelas	Proporção	2 afirmações	Likert 5 p
	Nº de cômodos s/janelas	Proporção		
	Presença do sol	Nominal - % da melhor opção		
4-Os impostos	Quantidade de impostos pagos	Nominal - % >3 impostos	2 afirmações	
5-Aos custos de manutenção com a casa – inquilinos e proprietários	Paga aluguel	Nominal % de quem paga	4 afirmações	Likert 5 p
	Valor do aluguel	Intervalo % > 100 Reais		
	Casa quitada	Nominal % de quem não paga	4 afirmações	



6-As instalações da infraestrutura	Água	Nominal - % tudo pago	4 afirmações	Likert 5 p
	Esgoto	Nominal - % da melhor opção		
	Energia elétrica	Nominal - % da melhor opção		
7-A aparência da casa	Obras	Nominal - % da melhor opção	2 afirmações	Likert 5 p

O Indicador Urbano foi considerado uma variável dependente dos seguintes atributos e respectivas variáveis:

Atributos	Variáveis objetivas	Unidades de Medida	Variáveis Subjetivas Percepção	Variáveis Subjetivas Avaliação
1-Ruas da comunidade	-		3 afirmações	Likert 5 p
2-Praças da comunidade	Existência	Nominal - % da melhor opção	2 afirmações	Likert 5 p
3-Coleta de lixo	Existência	Nominal - % da melhor opção	2 afirmações	Likert 5 p
	Frequência	Ordinal - % da melhor opção		
4-O meio ambiente	Poluição da água	Nominal - % da melhor opção	4 afirmações	Likert 5 p
	Poluição do ar	Nominal - % da melhor opção		
	Poluição das ruas	Nominal - % da melhor opção		
	Quantidade de lixo	Nominal - % da melhor opção		
	Poluição sonora	Nominal - % da melhor opção		
5-Os vizinhos	Nº de vizinhos	Proporção	2 afirmações	Likert 5 p
6-Atuação da Associação de Moradores	Participação	Nominal - % da melhor opção	3 afirmações	Likert 5 p
	Atuação	Nominal - % da melhor opção		
	Relacionamento	Nominal - % da melhor opção		
7-A segurança	Distancia	Ordinal - % da melhor opção	2 afirmações	Likert 5 p
	Visibilidade do serviço	Nominal - % da melhor opção		
8-A proteção contra incêndios	Visibilidade do serviço	Nominal - % da melhor opção	2 afirmações	Likert 5 p



3 – Alcance das conclusões.

Para efeito de conclusão, as análises privilegiaram e levaram em consideração a comparabilidade entre as favelas pesquisadas, as variações percentuais resultantes e a contribuição de cada valor tanto dos atributos nos indicadores, quanto dos indicadores no índice de qualidade de vida.

Esta análise se restringirá apenas aos resultados referentes às favelas pesquisadas, primeiramente avaliando os resultados obtidos através dos atributos objetivos e dos subjetivos resumidos na tabela a seguir:

Favelas	Índice de Qualidade de Vida	Atributos Objetivos	Atributos Subjetivos
Baixa do Sapateiro	<b>0,5081</b>	0,5412	0,4750
Parque União	<b>0,5445</b>	0,5758	0,5132
Fazenda Botafogo	<b>0,4909</b>	0,4664	0,5155
Vila União	<b>0,5601</b>	0,5603	0,5599
Brás de Pina	<b>0,5733</b>	0,5986	0,5481
Total	<b>0,5355</b>	<b>0,5485</b>	0,5223

Conforme podemos observar a variação percentual de 8 pontos entre os índices foi bastante pequena, mas confirma que as favelas Brás de Pina e a Vila União foram aquelas consideradas como tendo as melhores qualidades de vida, considerando-se como abaixo da média (0,321) as favelas Fazenda Botafogo e Baixa do Sapateiro. De fato a favela Brás de Pina nem foi mais considerada como aglomerado subnormal pelo censo de 2000-IBGE. Já a favela Vila União em Inhoaíba, faz parte do grupo de favelas pequenas e bastante antigas, caracterizadas pelo 4º estágio de desenvolvimento apresentando uma baixa densidade, uma morfologia tradicional e o uso e ocupação do solo de forma organizada. Já as favelas Fazenda Botafogo e a Baixa do Sapateiro integram o grupo das maiores e mais densas, cujos traçados possuem pouca legibilidade e apresentam o uso e a ocupação do solo de forma caótica.

Outro fato que ficou evidente foi a influência predominante dos atributos objetivos no dimensionamento do índice de qualidade de vida, mesmo que as diferenças se mostrassem pequenas. No caso da Vila União, o aporte dos atributos objetivos foi quase igual ao dos atributos subjetivos.



As análises feitas a partir das variáveis objetivas, além de compará-las entre si, verificaram o quanto cada indicador contribuiu para os resultados finais conforme nos mostra a tabela a seguir.

Favelas	Atributos objetivos	Indicador Social	Indicador Residencial	Indicador Urbano
Baixa do Sapateiro	<b>0,5412</b>	0,5294	0,5144	0,5797
Parque União	<b>0,5758</b>	0,6042	0,5938	0,5294
Fazenda Botafogo	<b>0,4664</b>	0,4576	0,4839	0,4578
Vila União	<b>0,5603</b>	0,6026	0,6118	0,4664
Brás de Pina	<b>0,5986</b>	0,5592	0,6729	0,5636
Total	<b>0,5484</b>	0,5506	<b>0,5754</b>	0,5194

Como podemos observar, o melhor índice continuou sendo o da Brás de Pina, seguida pelo Parque União e pela Vila União, depois a Baixa do Sapateiro e por último a Favela Fazenda Botafogo, a única considerada pelos atributos objetivos, abaixo da média (0,5325). A variação entre os índices extremos dos atributos objetivos foi de apenas 13 pontos percentuais. A classificação obtida só ficou alterada para duas favelas que trocaram de posição.

Dentre os três indicadores verificou-se que o que mais influenciou no índice da qualidade de vida, calculado objetivamente, foi o indicador residencial tendo comparecido como o maior indicador em três favelas.

Para o cálculo de cada indicador, cada atributo foi ponderado a partir das importâncias outorgadas pelos próprios moradores. Assim sendo, verificou-se que dos sete atributos residenciais, os que mais influíram na formação dos indicadores residenciais de cada favela foram: as condições de ventilação e iluminação e o tamanho da moradia, considerados também entre os três mais importantes. Somente a estrutura, o atributo considerado mais importante, não foi computado pois inicialmente não foi operacionalizado objetivamente.

Análise idêntica também foi feita a partir das variáveis subjetivas, comparando as favelas entre si e verificando quais os indicadores que mais influenciaram, conforme nos mostra a tabela a seguir.



Favelas	Atributos subjetivos	Indicador Social	Indicador Residencial	Indicador Urbano
Baixa do Sapateiro	<b>0,5987</b>	0,6508	0,5896	0,5556
Parque União	<b>0,4034</b>	0,4405	0,4022	0,3673
Faz.Botafogo	<b>0,5810</b>	0,5857	0,6169	0,5405
Vila União	<b>0,5570</b>	0,5845	0,4701	0,6165
Brás de Pina	<b>0,4398</b>	0,4580	0,4969	0,3644
Total	<b>0,5160</b>	<b>0,5439</b>	0,5152	0,4889

Como podemos observar, os resultados obtidos diferem em muito dos resultados obtidos pelos atributos objetivos havendo apenas coincidência na classificação da favela Vila União. Aos piores resultados obtidos pelos atributos objetivos correspondem os melhores resultados computados pelos atributos subjetivos. Duas possíveis explicações foram expostas, porém não analisadas em profundidade, tendo em vista o objetivo da referida pesquisa. A primeira de que quanto mais as condições de vida, objetivamente se apresentam inadequadas, menores se tornam as expectativas e anseios da população o que, por sua vez, influencia positivamente na percepção e na avaliação de determinadas situações como uma forma de compensação. Inversamente quanto melhores as condições de vida, maiores se tornam as expectativas, necessidades e anseios fazendo com que a percepção e a avaliação dos atributos sejam mais rigorosas.

A favela que obteve o melhor índice, subjetivamente dimensionado, foi a Baixa do Sapateiro, seguida pela Fazenda Botafogo e pela Vila União.

Dentre os três indicadores verificou-se que o que mais influenciou no índice da qualidade de vida, calculado subjetivamente, foi o indicador social que compareceu com os maiores valores em duas favelas. Em segundo lugar também contribuiu o indicador residencial, influenciando de forma positiva em outras duas favelas. Somente na favela Vila União o indicador urbano foi o que mais influenciou para o índice final dos atributos subjetivos.

Os índices finais dos atributos subjetivos, para poderem ser mais bem compreendidos também foram agrupados por indicador, porém identificando aqueles decorrentes dos atributos percebidos, avaliados e graus de satisfação. Assim sendo foi possível constatar que fora os valores advindos da aferição da satisfação que mais contribuíram para os maiores índices finais das favelas até então menos favorecidas a partir dos atributos objetivos. Da mesma forma seus menores valores contribuíram para os baixos índices, das favelas Brás de Pina e Parque União.



Quanto ao indicador social, verificou-se que dos nove atributos avaliados subjetivamente, os que mais influíram no dimensionamento do respectivo indicador foram: a família, o emprego e a saúde, os dois primeiros também percebidos como os mais importantes deste indicador.

Quanto ao indicador residencial, verificou-se que dos sete atributos avaliados subjetivamente, os que mais influíram no dimensionamento do respectivo indicador foram: a estrutura, as condições de ventilação e iluminação e o tamanho do domicílio.

Em relação à importância percebida dos atributos do indicador urbano foram identificados a existência de escolas públicas, áreas para recreação e a segurança como os mais importantes.

### **5.3 – “Síntese da avaliação do Programa Favela Bairro – Primeira Fase 1995 – 2000”.**

Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/ Instituto Pereira Passos 2005<sup>67</sup>

#### 1 – Objetivos.

Construir uma visão geral dos impactos gerados pela implantação do Programa Favela Bairro 1ª fase que vai de 1994 a 2000. Mais especificamente, identificar em que medida as condições de vida das favelas escolhidas foram modificadas como resultado do Programa em questão. Se as intervenções atingiram o resultado esperado e se os moradores estavam satisfeitos, além de confirmar se os objetivos sociais do programa também haviam sido alcançados.

#### 2 – Metodologia.

##### 2.1 – Unidades de Observação e universo amostral.

Em conformidade com o objetivo foram adotadas como unidades de observação 23 favelas, que acabaram virando 19 unidades pois o Complexo do Fubá foi considerado como uma única unidade assim como a Lad.dos Funcionarios e o Prq.São Sebastião, todas da 1ª fase do Programa Favela Bairro. São elas: Ladeira dos Funcionários e Parque São Sebastião (Caju), Vila Clemente Ferreira (Caju), Tuiuti (São Cristóvão), Vidigal (Vidigal), Morro da Casas Branca (Tijuca), Bairro Proletário do Dique (Vigário Geral), Complexo Fubá/Iguaíba/Campinho/Comendador Pinto (Cascadura e Campinho), Floresta da Barra da Tijuca (Itanhangá), Chácara Del Castilho (Del Castilho), Conj. Residencial Fernão Cardim (Engenho de Dentro), Parque Proletário do Grotão (Penha), Morro da Fé (Penha Circular),

---

<sup>67</sup> Produção e Desenvolvimento - Coordenadoria de Programas Especiais da Secretaria Municipal de Habitação, Secretaria Executiva do Programa Favela Bairro, Monitoramento e Avaliação, Vanderson Berbat e Diagonal Urbana Consultoria Ltda, Josefina Ocanto



Morro União (Coelho Neto), Parque Royal (Portuguesa-Ilha do Governador), Serrinha (Madureira), Fazenda Mato Alto (Jacarépagua), Divinéia (Paciência), Nova Aliança (Bangu) e Três Pontes (Santa Cruz)<sup>68</sup>.

Este estudo se caracteriza como do tipo série temporal avaliando os indicadores selecionados em dois momentos aqui caracterizados como antes ou início das obras(M0) e depois das obras(M1) do Programa Favela Bairro. Para o momento M0 foram coletados dados secundários do Censo IBGE 1991, abrangendo o universo dos domicílios e para o momento M1 uma amostra representativa de cada comunidade. Foram ressaltadas algumas questões relativas às dificuldades que este tipo de pesquisa acarretam tais como a variação de tempo transcorrido entre o M0 e M1, os diferentes instrumentos, questionários e entrevistas, utilizados para a coleta de dados primários que podem afetar a comparabilidade e por fim a utilização de dados secundários e dados primários para analisar as comunidades no momento M0.

Portanto, quando comparados só foram utilizados os dados coletados da mesma forma.

## 2.2 – Dimensões e Indicadores.

Neste estudo podemos verificar que além da dimensão urbana clássica considerando os serviços básicos de infraestrutura, através do indicador de serviços e infraestrutura, foi introduzida a dimensão senso-perceptiva/emocional nos demais indicadores e que deu voz aos moradores para opinar e por que não, participar da pesquisa. A utilização de questionários e entrevistas por sua vez ampliou as possibilidades de se avaliar novos atributos, sejam eles incluídos nos indicadores existentes ou permitindo a montagem de novos indicadores. Neste caso este estudo inovou adotando o indicador de participação onde se pode avaliar não só a existência de áreas esportivas e atividades comunitárias como também saber se de fato os moradores participam dessas atividades. O indicador de regularização também obtido por pesquisa de campo de certa forma serviu para validar os atributos da pesquisa indireta como também para confirmar a prestação de dois importantes serviços implantados pelo Programa Favela Bairro. O terceiro indicador de fato introduz a dimensão senso-perceptiva/emocional permitindo ao morador opinar sobre o serviço implantado. Ainda que de forma preliminar o indicador satisfação se limitou a avaliação dos cinco serviços implantados pelo programa.

Finalmente o indicador integração que também deu voz ao morador para opinar sobre a vizinhança, sobre o tratamento com os moradores, sobre a integração com os bairros vizinhos

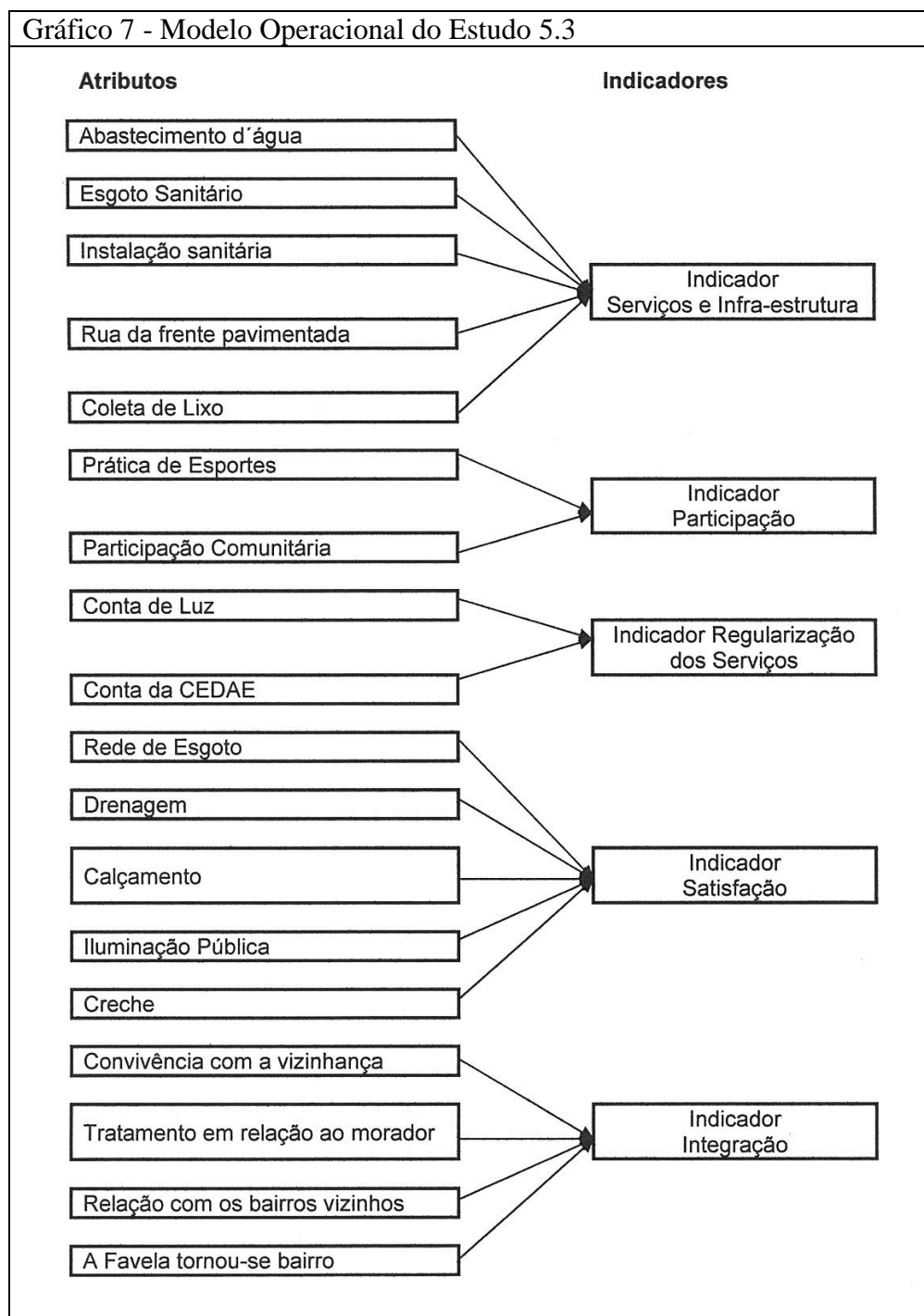
---

<sup>68</sup> 4 favelas na AP1, 2 na AP2, 13 na AP3, 1 na AP4 e 3 na AP5.



e se a favela tinha adquirido status de bairro, todos considerados como atributos da integração.

Subentende-se que a dimensão social avaliada pelos indicadores sociais não foi selecionada tendo em vista o objetivo específico da pesquisa. Conforme verificamos no gráfico a seguir este estudo se utilizou de 18 atributos agrupados por quatro indicadores.





### 2.3 – Variáveis, métodos de medição e instrumentos.

Aos 18 atributos correspondem variáveis quantitativas disponíveis pelo Censo Demográfico de 1991 e variáveis quantitativas e qualitativas obtidas através dos questionário e entrevistas realizadas.

Assim as unidades de medidas das variáveis por indicador foram:

1. Indicador de Serviços e Infraestrutura
  - % de domicílios ligados à rede de abastecimento de água;
  - % de domicílios com instalação sanitária ligada a rede geral;
  - % de domicílios com vaso sanitário;
  - % de domicílios com acesso através de rua pavimentada;
  - % de domicílios com coleta de lixo.
2. Indicador de Participação
  - % de famílias onde algum membro pratica esportes;
  - % de famílias onde algum membro participa das atividades da Associação de Moradores.
3. Indicador de Regularização dos Serviços
  - % de domicílios que recebe conta da Light;
  - % de domicílios que recebe conta da CEDAE.
4. Indicador de Satisfação
  - % de entrevistados satisfeitos com a rede de esgoto;
  - % de entrevistados satisfeitos com o escoamento de águas de chuva;
  - % de entrevistados satisfeitos com o calçamento;
  - % de entrevistados satisfeitos com a iluminação pública;
  - % de entrevistados satisfeitos com a creche.
5. Indicador de Integração
  - % de entrevistados que opina que a convivência com a vizinhança melhorou;
  - % de entrevistados que opina que o tratamento em relação ao morador melhorou;
  - % de entrevistados que opina que a relação com os bairros vizinhos melhorou;
  - % de entrevistados que opina que a favela tornou-se bairro;

Conforme podemos observar além das informações censitárias do IBGE 1991, foram utilizados fontes de pesquisa existentes bem como levantamentos feitos por empresas contratadas pela



prefeitura, através de questionários e entrevistas o que permitiu serem incluídos atributos subjetivos da dimensão senso-perceptiva/emocional além de novos atributo objetivos.

#### 2.4 – Método de análise dos indicadores.

Tendo em vista os objetivos deste estudo não se chegou a calcular os indicadores e nem um índice geral que representasse as melhorias provocadas pelo programa favela bairro. Cada atributo foi examinado de forma isolada comparando seus valores para M0 e M1 em termos percentuais. A análise se restringiu, portanto a averiguar quais das intervenções do programa tinham contribuído para melhorar as condições das residências de um momento (M0) para o outro (M1). Já as variáveis qualitativas avaliaram quantos moradores estavam satisfeitos com os serviços e equipamentos de infraestrutura ofertados pelo programa, neste caso considerando-se apenas o segundo momento (M1). Por osua vez os atributos subjetivos do indicador integração procuraram confirmar através da opinião dos moradores se o Programa havia alcançado seus objetivos.

#### 3 – Alcance das conclusões.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa as conclusões via de regra confirmaram o esperado, valendo apenas ressaltar que as pesquisas realizadas em M1 logo após as obras resultaram em melhores condições residenciais e que os atributos do indicador satisfação confirmaram estes resultados. Que as variáveis de abastecimento de água, coleta de lixo e domicílios com vaso sanitário apresentaram poucas melhorias tendo em vista que estes serviços já possuíam esta infraestrutura e que o importante seria saber se melhoraram em qualidade e não em quantidade. Já a rede de esgoto apresentou grandes progressos pois apenas 8 das 19 favelas pesquisadas já possuíam mais de 75% dos domicílios com esta instalação, tendo inclusive alguns destes diminuído alguns pontos percentuais em M1. Como os estágios de desenvolvimento das favelas nos mostram, muitos destes serviços foram a princípio informalmente implantados pelas próprias comunidade e o fato de terem sido formalizados pelo programa deve explicar estes valores menores. As outras 11 comunidades apresentaram razoáveis melhorias. O atributo calçamento da rua em frente também apresentou 6 das 14<sup>69</sup> favelas com mais de 75% de domicílios servidos em M0 o que nos deixa 8 comunidades com melhorias de fato ocorridas.

---

<sup>69</sup> Das 19 favelas do programa apenas 14 possuíam informações em M0.



O indicador participação auferido em esportes e atividades comunitárias foi prejudicado tendo em vista que poucas comunidades tinham informações em M0. A atividade comunitária representada pela participação em associações de moradores só evidenciou um aumento no período imediatamente após as obras. Segundo Keller (1967:31), a participação comunitária aumenta e diminui em função dos tempos de maior e menor crise e conflito na comunidade.

O indicador regularização dos serviços apenas indicou que entre as duas concessionárias alvo da pesquisa, CEDAE e Light, apenas esta última melhor regularizou a cobrança dos serviços prestados. Com relação ao indicador satisfação apenas se concluiu quais as comunidades apresentaram menos de 50%, entre 50% e 75% e mais de 75% de moradores satisfeito. A seguir apresentamos em resumo os resultados em relação aos atributos escolhidos.

Intervalos	Esgoto	Drenagem	Calçamento	Iluminação Pública	Creche <sup>70</sup>
$x < 50\%$	2	3	1	6	0
$75\% < x < 50\%$	<b>9</b>	7	8	6	0
$x > 75\%$	8	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>7</b>	<b>15</b>

Conforme observamos a quantidade de favelas onde mais de 75% dos entrevistados se mostrou satisfeito foi sempre maior para quase todos os atributo menos esgoto, por uma diferença bem pequena. A menor percentagem se constatou em poucas comunidades e em geral a maioria das favelas se mostrou mais de 50% satisfeita. Sob a ótica dos serviços prestados vemos que os serviços que obtiveram maior satisfação entre as favelas foram: a creche, o calçamento, o esgoto, a drenagem e por fim a iluminação pública.

Apesar das conclusões estarem coerentes com os objetivos deste estudo não poderia deixar de mencionar um outro tipo de conclusão, aproveitando as informações sobre o indicador satisfação.

Desta feita em vez de focar sobre os serviços ofertados, focar nas favelas, com o intuito de conhecer quais as que foram melhor avaliadas ou aquelas que através destes serviços passaram a ter melhores condições de vida a partir da avaliação feita por seus moradores. Assim agrupando-as pelos intervalos dos percentuais de satisfação auferidos e computando todos os serviços implantados chegamos a seguinte conclusão: de que as melhores avaliadas foram: o Morro da Casa Branca, Chácara Del Castilho, Ladeira dos Funcionários e Prq.São

<sup>70</sup> Somente 15 favelas foram pesquisadas.



Sebastião, Morro União, Fernão Cardim, Serrinha e Prq. Proletário do Dique, respectivamente as que apareceram de 4 a 3 vezes no melhor intervalo. Da mesma forma destacamos as que foram mais mal avaliadas, pois apareceram de 3 a 2 vezes no pior intervalo, ou seja, Nova Aliança, Divinéia e Complexo do Fubá. Finalmente a avaliação média, portanto recaiu sobre as demais favelas que apareceram de 3 a 2 vezes nos intervalos de 50% a 75%. Foram elas: Vila Clemente, Morro da Fé, Vidigal, Três Pontes, Prq. Proletário do Grotão, Floresta da Barra da Tijuca, Tuiuti, Fazenda Mato Alto e Parque Royal. Que do ponto de vista dos moradores e em função dos atributos avaliados estas favelas foram assim classificadas.

**5.4 – “A melhoria das condições de vida dos habitantes de assentamentos precários no Rio de Janeiro: uma avaliação preliminar da meta 11 dos objetivos do Milênio”.** Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos<sup>71</sup>/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2006.

1 – Objetivos.

Este estudo apresenta duas pesquisas, a primeira relacionada a Cidade do Rio de Janeiro onde se procura identificar as melhorias ocorridas nos domicílios através de vários atributos que caracterizam um indicador de inadequação residencial, comparando dados de 1991 e 2000. A segunda relacionada com as favelas da cidade comparando suas condições de vida com o resto da cidade em dois momentos: em 1960 e 2000.

Na escala da cidade analisar se a pauta dos movimentos sociais relacionados à implementação de uma reforma urbana está sendo atendida conforme previsto pelo Ministério das Cidades criado em 2003 e especialmente no que se refere ao direito à moradia digna, direito este incluído no Art. 6º da Constituição Federal através da Emenda Constitucional nº26/2000.

Na escala das favelas, avaliar se houve uma melhora significativa na vida dos habitantes das favelas cariocas tendo em vista a Meta 11 do Objetivo 7<sup>72</sup> da Declaração do Milênio adotada pela Assembléia Geral da ONU em 2000.

Apresentar um balanço da situação existente das favelas e seus moradores na cidade do Rio de Janeiro, comparando as diferenças existentes em 1960 com as diferenças encontradas em 2000. Vários atributos relacionados a dois indicadores procuram mostrar nestes dois momentos quais as maiores mudanças das condições de vida, ocorridas nos últimos 40 anos.

---

<sup>71</sup> Autores Fernando Cavallieri e Soraya Oliveira com a colaboração de Fabrício Leal de Oliveira e Marilene Nacaratti.

<sup>72</sup> Garantir a Sustentabilidade Ambiental



## 2 – Metodologia.

### 2.1 – Unidades de observação e universo amostral.

As unidades de observação, assim como os elementos de estudo na primeira parte deste estudo foram todos os domicílios da cidade procurando quantificar os adequados e os inadequados.

Na segunda parte, as unidades de observação foram todos os setores censitários agrupados em dois conjuntos, aqueles do tipo aglomerado subnormal e aqueles que não foram assim classificados. Os primeiros representando as áreas das favelas da cidade e os outros as áreas “não –favelas”.

O estudo deixa claro que, apesar da quantidade de favelas ser calculada diferentemente pelos órgãos do IBGE e do IPP, foi constatado em 2006 que a área ocupada pelas favelas cadastradas pelo IPP coincide em 72% com as dos aglomerados subnormais do IBGE e que a população dessas áreas de boa coincidência representam 80% da população residente nos setores subnormais (Cavallieri, 2006:8, nota de rodapé). Que só as favelas não representam o total da população de baixa renda da cidade do Rio de Janeiro havendo ainda cerca de 406.000 residentes em loteamentos irregulares e clandestinos segundo o SABREN<sup>73</sup>.

### 2.2 – Dimensões e Indicadores.

Este estudo apresentou duas escalas de abrangência sendo a primeira representada pelo conjunto da cidade onde nove atributos foram determinados e justificados para compor um indicador de inadequação residencial. Tomando por base a mensuração desenvolvida para detectar melhorias em assentamentos precários desenvolvida pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-Habitat), os principais atributos adotados foram: acesso à água, acesso ao esgotamento sanitário, segurança da posse, durabilidade da residência e área suficiente para morar (Cavallieri, 2006:6). Em 2005 estes atributos foram adaptados à disponibilidade de dados da Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílios – PNAD-IBGE aumentando de cinco para sete os atributos. Foram incluídos a ausência de banheiro no domicílio, o adensamento excessivo e as precárias condições dos padrões edilícios, neste caso representado pelos domicílios dos setores censitários do tipo aglomerado subnormal, no lugar de, área suficiente para morar.

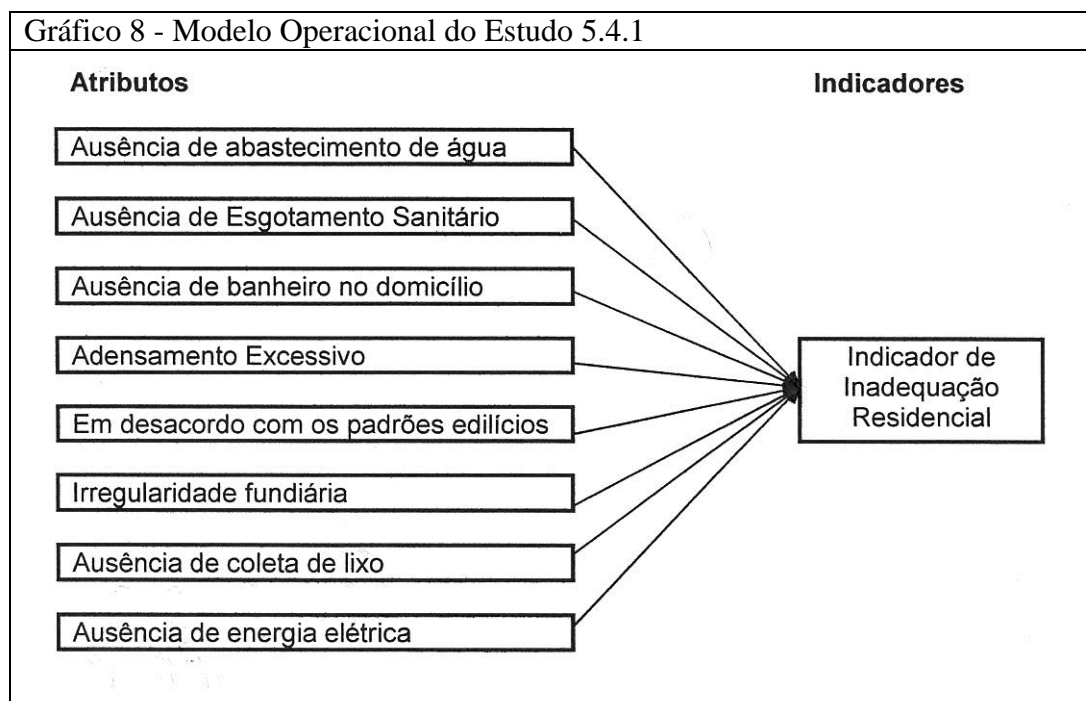
Finalmente a partir dos estudos realizados pela Fundação João Pinheiro que definiu como habitações inadequadas aquelas que “não proporcionam a seus moradores condições

---

<sup>73</sup> Sistema de Assentamentos de Baixa Renda do IPP.



desejáveis de habitabilidade, o que não significa, contudo, necessidades de construção de novas unidades”<sup>74</sup>, mais dois atributos foram incluídos: a ausência de coleta de lixo e o não fornecimento de energia elétrica.



Destes nove atributos responsáveis pelo indicador de inadequação residencial apenas o de durabilidade da residência, representado pelos materiais empregados no teto e nas paredes não pode ser utilizado devido a sua indisponibilidade em 2000. Permaneceram, portanto 8 atributos examinados em toda a cidade tendo como base de dados os censos de 1991 e 2000. Foram considerados como inadequados os domicílios que apresentassem pelo menos um desses atributos.

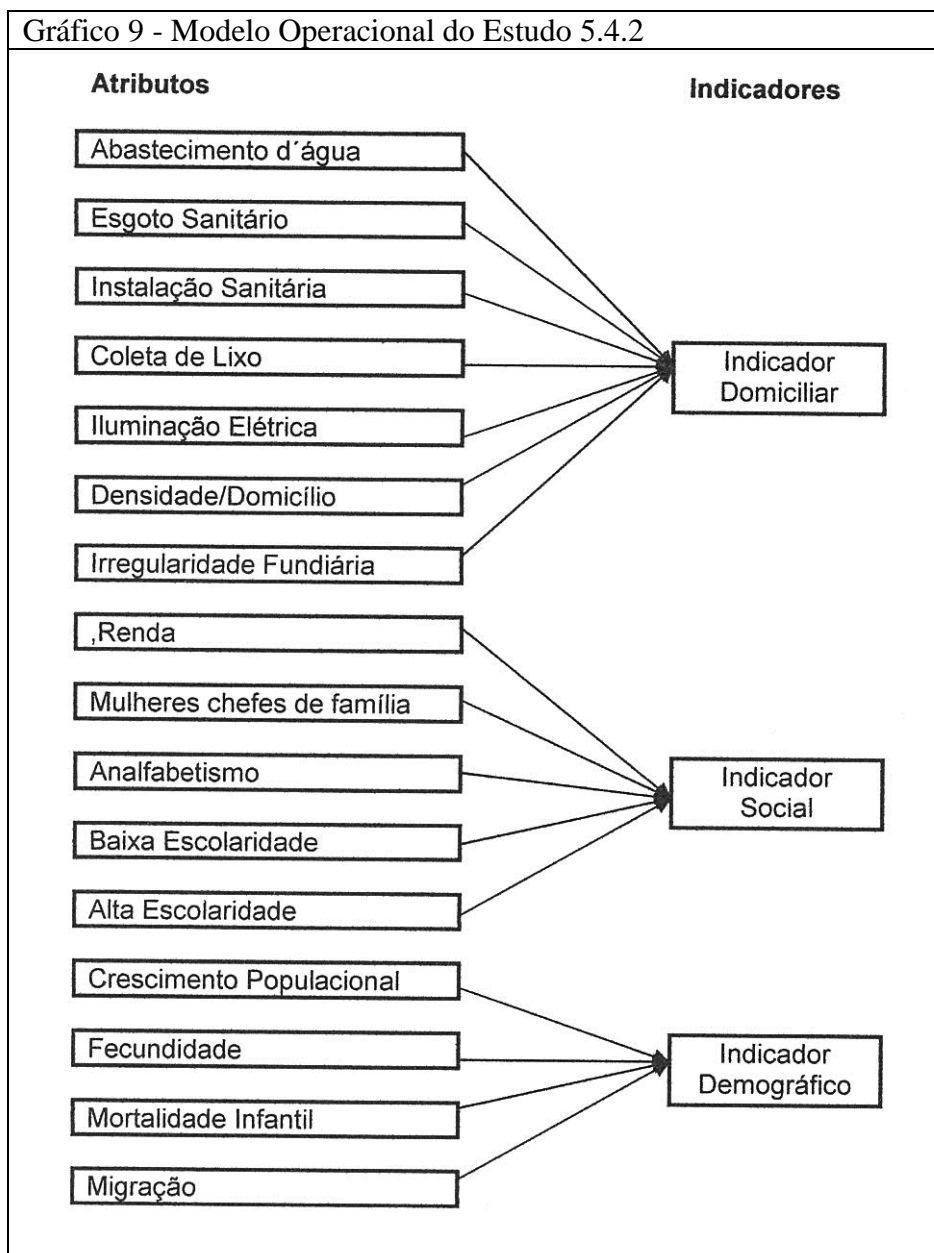
A segunda escala, objeto de maior interesse dessa tese, com o intuito de mensurar os avanços e limites da intervenção pública na melhoria das condições de vida das favelas, foi desenvolvida tomando por base a comparação dos setores censitários do tipo aglomerado subnormal (favelas) com os demais setores “não –favela” nos anos de 1960 e 2000.

Para tanto foram considerados e investigados três indicadores: o domiciliar, o social, e o demográfico, o primeiro formado por 7 atributos, o segundo por 5 atributos e o terceiro por 4 atributos, perfazendo um total de 16 atributos conforme o modelo operacional mostrado.

<sup>74</sup> FJP (2005) pág. 8 in Cavallieri (2006) pág. 7



Todos os atributos aqui escolhidos pertencem às dimensões econômicas e sociais não incluindo nenhum atributo subjetivo ou variável qualitativa.



### 2.3 – Variáveis, métodos de medição e instrumentos.

Aos 16 atributos correspondem 16 variáveis independentes disponíveis pelos Censos Demográficos de 1960 e 2000 para o total dos setores considerados como favelas e para o total dos demais setores censitários da cidade.

Assim as unidades de medidas das variáveis por indicador foram:



### 1. Indicador Domiciliar

- % de domicílios ligados à rede de abastecimento de água;
- % de domicílios esgotamento sanitário;
- % de domicílios com pelo menos um aparelho sanitário;
- % de domicílios com coleta de lixo;
- % de domicílios com iluminação elétrica;
- % de domicílios com mais de 3 hab. por dormitório;
- % de domicílios e terrenos próprios.

### 2. Indicador Social

- % dos chefes de domicílios com renda até 1 SM;
- % de mulheres responsáveis por domicílio;
- % de analfabetismo em maiores de 15 anos;
- % pessoas com até 8 anos de estudo;
- % pessoas com mais de 8 anos de estudo.

### 3. Indicador Demográfico

- % de crescimento populacional ente os anos 1950-1960 e 1991-2000;
- Número médio de filhos por mulher;
- % de filhos vivos sobre filhos tidos;
- % de pessoas não nascidas na cidade do Rio.

Considerando que a base de dados foram os censos de 1960 e o de 2000, não existiram instrumentos de pesquisa. Convém ressaltar que por motivos de descontinuidade dos dados pelos censos o atributo densidade domiciliar não pode ser computado.

#### 2.4 – Método de análise dos indicadores.

Na primeira parte do estudo na escala da cidade não se chegou a calcular um indicador/índice geral de inadequação residencial, sendo cada atributo examinado de forma isolada comparando-se seus valores para 1991 e 2000 em termos absolutos e percentuais. A análise se restringiu as tendências da inadequação dos domicílios da cidade do Rio. Em síntese os domicílios com alguma inadequação foi obtido pela diferença entre o total de domicílios e o total considerado adequado.

Na segunda parte deste estudo onde se examinam as favelas com o resto da cidade, os indicadores gerais também não chegaram a ser calculados. Toda a análise foi baseada pela





comparação dos atributos isoladamente entre os valores encontrados em 1940 com os valores de 2000.

3 – Alcance das conclusões.

Em relação ao indicador de inadequação residencial, de uma maneira geral chega-se à conclusão de que houve melhoria nas condições da moradia da cidade como um todo pois quase todos os atributos apresentaram variação negativa em termos percentuais aos atributos selecionados.

Em relação aos estudos sobre favelas, os indicadores domiciliares nestes 40 anos confirmaram o processo de crescente urbanização destas áreas representado pela integração e pela regularização. Já os indicadores sociais e demográficos mostraram que persiste uma grande diferença entre favela e não-favela<sup>75</sup> com exceção de alguns casos.

Este foi o único estudo que mencionou a questão da insegurança hoje presente nas áreas das favelas o que tem prejudicado a plena realização de alguns dos direitos sociais, garantidos pela constituição federal.

**5.5 – “O Índice de Desenvolvimento Social: comparando as realidades microurbanas da cidade do Rio de Janeiro”.** Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2008.

1 – Objetivos.

Medir o grau de desenvolvimento social de uma microárea da cidade e comparar às outras de mesma natureza. No caso, estas microáreas são as favelas da cidade. Através do reagrupamento dos setores censitários, outras unidades territoriais também foram comparadas tais como as regiões administrativas e os bairros. Neste estudo o IDS além de caracterizar a situação sócio-econômica, visa também englobar a situação urbanística com vistas ao melhor conhecimento da realidade urbana brasileira e a atuação pública nesta realidade.

2 – Metodologia.

2.1 – Unidades de observação e universo amostral.

As unidades de observação foram os setores censitários agrupados por Regiões Administrativas (32), bairros (158), e 504 favelas representadas pelos setores considerados como aglomerados subnormais.

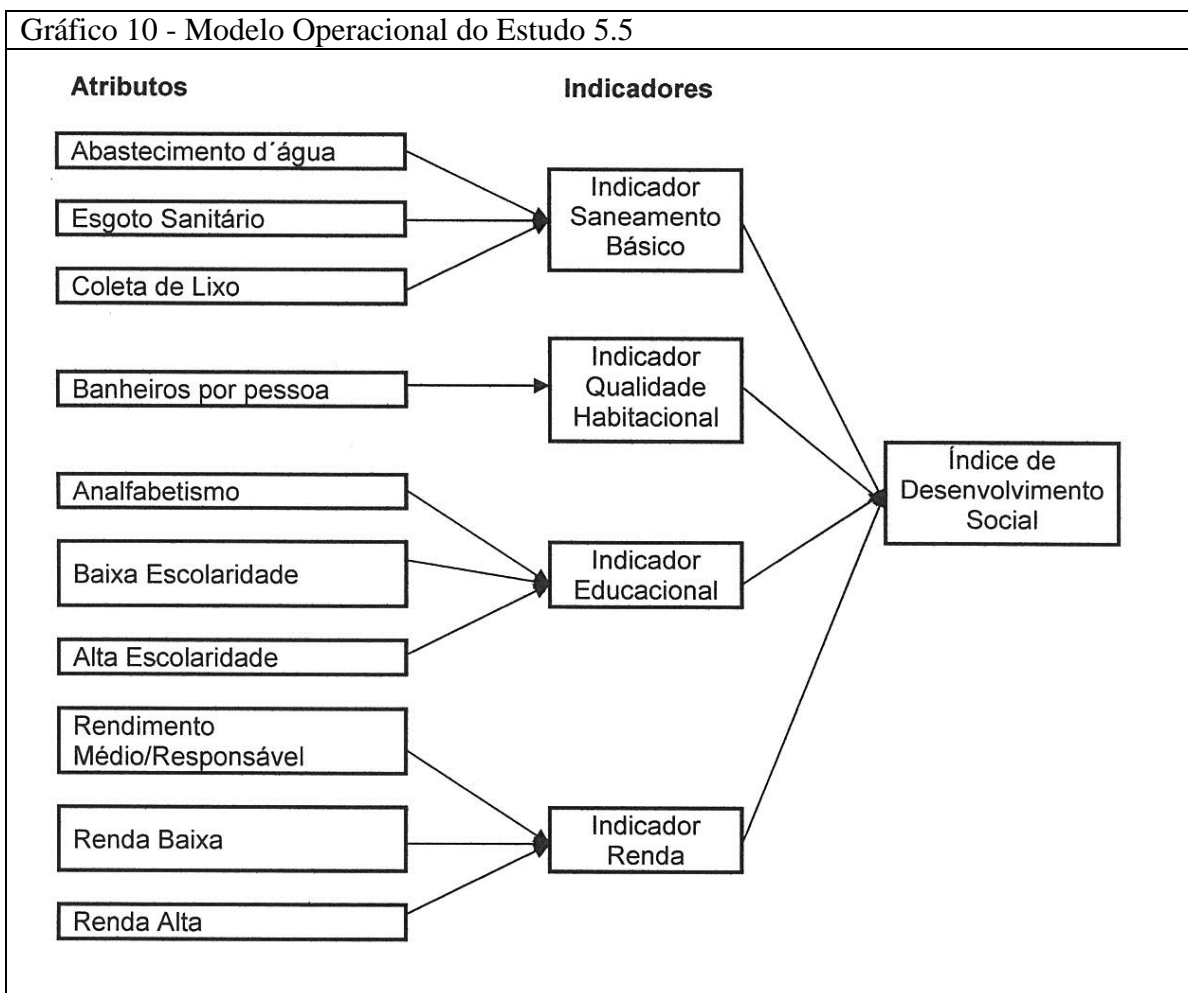
---

<sup>75</sup> Cavallieri (2006) pág. 14.



O universo de análise abarcou todos os 8.742 setores censitários da cidade do Rio de Janeiro referentes ao censo demográfico IBGE 2000.

## 2.2 – Dimensões e Indicadores.



O Índice de Desenvolvimento Social (IDS) também foi inspirado no IDH. Segundo Cavallieri o desenvolvimento social se relaciona ao desenvolvimento humano entendido como “expansão ou alargamento da liberdade” conforme Amartya Sen, responsável pelo IDH-ONU.<sup>76</sup>

Este estudo também optou pela escolha de quatro indicadores bastante semelhantes ao primeiro estudo até porque havia uma intenção de poder compará-los. O indicador saneamento básico no lugar do ambiental agrupou as mesmas informações sobre a infraestrutura existente, enfocando o abastecimento de água, o esgotamento sanitário e a coleta de lixo.

<sup>76</sup> Cavallieri (2008) pág. 1.



O indicador habitacional englobou apenas um atributo, ou seja, o número de banheiro por pessoa. O indicador educacional permaneceu com os mesmos atributos, assim como o indicador de renda. Conforme podemos observar o modelo operacional no gráfico a seguir, acabou sendo composto por 10 atributos reagrupados em 4 indicadores que por sua vez definem o índice geral, aqui denominado Índice de Desenvolvimento Social.

Mais uma vez as dimensões que prevaleceram neste estudo foram as econômicas e as sociais representados pelos indicadores de renda e educacional com seus atributos objetivos e quantitativos. A dimensão urbanística ficou representada reduzidamente pelos atributos do indicador de saneamento e da qualidade habitacional.

### 2.3 – Variáveis, métodos de medição e instrumentos.

O modelo operacional utilizou 10 atributos aos quais correspondem 10 variáveis quantitativas disponíveis pelo Censo Demográfico do IBGE-2000 para o total de favelas, bairros e regiões administrativas consideradas.

Assim as unidades de medidas das variáveis por indicador foram:

#### 1. Indicador Ambiental

- % de domicílios com serviço de abastecimento de água inadequado;
- % de domicílios com serviço de esgoto inadequado;
- % de domicílios com serviço inadequado de coleta de lixo.

#### 2. Indicador Habitacional

- número médio de pessoas por banheiro.

#### 3. Indicador Educacional

- % de analfabetismo em maiores de 15 anos;
- % de chefes de domicílios com menos de 4 anos de estudo;
- % de chefes de domicílios com 15 anos ou mais de estudo.

#### 4. Indicador de Renda

- rendimento médio dos chefes de domicílio em salários mínimos (SM);
- % dos chefes de domicílios com renda até 2 SM;
- % dos chefes de domicílios com rendimento igual ou superior a 10 SM.

O único novo atributo/variável que foi considerado pelo indicador qualidade habitacional foi o número de pessoas por banheiro, como sendo aquele que poderia dar uma idéia de conforto/qualidade residencial. Os antigos atributos utilizados no 1º estudo foram descartados, o primeiro porque o censo de 2000 não auferiu o número de cômodos por domicílio e o segundo



porque foi considerado imperfeito já que o número de moradores por domicílio, sem se saber o tamanho deste domicílio de nada adiantaria. Desta forma o indicador habitacional deste estudo difere do 1º estudo, invalidando de certa forma as possibilidades de comparação entre os dois estudos.

Neste caso também não há instrumentos de coleta, pois se trata de uma pesquisa secundária a partir das informações coletadas pelo Censo Demográfico de 2000.

#### 2.4 – Método de análise dos indicadores.

Esta pesquisa adotou a metodologia empregada na montagem do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), empregado pela Organização das Nações Unidas, e que também foi adotada no primeiro estudo “A qualidade urbana das favelas cariocas”.

Para a obtenção do valor de cada variável que compõe o indicador de cada favela foi utilizada a seguinte fórmula:

$$\text{Valor} = 1 - (\text{maior} - \text{encontrado}) / (\text{maior} - \text{menor})$$

Onde:

Maior = a maior percentagem da variável encontrada em todas as favelas;

Menor = a menor percentagem da variável encontrada em todas as favelas;

Encontrado = o valor medido para cada favela, da variável pesquisada.

Da mesma forma o resultado obtido varia numa escala de 0 (zero) a 1 (um), sendo atribuído ao valor “zero” a indicação da pior situação e ao valor “um” a indicação da melhor situação.

Para a obtenção de cada um dos quatro indicadores é aplicado o cálculo da média aritmética dos valores encontrados para as variáveis que o compõem, sendo também obtido o índice de desenvolvimento social (IDS), pela média dos valores dos indicadores.

Neste estudo também foi utilizada a técnica estatística da análise fatorial o que permitiu identificar quais os atributos que mais contribuíram na formação do indicador desejado.

#### 3 – Alcance das conclusões.

O próprio estudo admite que este índice o IDS pode ser usado para fins de hierarquização dos níveis de qualidade de vida entre diferentes unidades territoriais<sup>77</sup>. Assim sendo apresenta uma análise dos índices encontrados para as regiões administrativas (RAs) e para os bairros da Cidade do Rio de Janeiro classificando os índices encontrados em 5 faixas e mapeando-os. As RAs variando de 0,446 até 0,786, representados respectivamente pela RA da Lagoa e a RA

---

<sup>77</sup> Cavallieri (2008) pág 5.



de Guaratiba, os bairros variando de 0,227 até 0,854, representados respectivamente pelo bairro da Lagoa e bairro de Grumari e as favelas variando de 0,589 até 0,240 valores apresentados pelas respectivas favelas: Vila Benjamim Constant (Urca) e Vila Recreio/Cachorro Sentado (Recreio dos Bandeirantes).

Sem sombra de dúvida o IDS assim calculado permite comparar várias unidades/recortes territoriais da cidade, além de hierarquizá-los a partir da média.

O estudo apesar de apresentar a tabela das favelas, no entanto não chega a comentá-las, concentrando os comentários nas RAs e nos Bairros para demonstrar a eficiência deste índice, assim calculado.

A partir da classificação de todas as favelas, podemos observar que neste estudo, o intervalo existente foi de 0,349 pontos percentuais e conseqüentemente resultando no valor da média em 0,415. Assim sendo do total de 504 favelas podemos atestar que 412 favelas se encontravam acima da média e 92 abaixo, ou seja apenas 18% estavam com um índice de desenvolvimento social baixo.

## 5.6 – Análise Comparativa

Em termos dos **objetivos** podemos agrupar estes estudos em três grupos: os que objetivaram construir um índice composto geral, tais foram os estudos que construíram o Índice de Qualidade Urbana (IQU), o Índice de Qualidade de Vida (IQV) e o Índice de Desenvolvimento Social (IDS), depois os que construíram indicadores sem se preocupar em reagrupá-los em um único índice, representado pelo estudo da avaliação das melhorias das condições de vida após o Programa Favela Bairro e por último o estudo sobre “A melhoria das condições de vida de assentamentos precários<sup>78</sup> no Rio de Janeiro: uma avaliação preliminar da meta 11 dos objetivos do Milênio”, composto de duas partes, sendo a primeira parte dedicada a avaliar a inadequação das residências e a segunda parte onde se avaliam as melhorias ocorridas nos assentamentos precários. Estudo este que apesar de agrupar os atributos por indicadores, suas variáveis foram isoladamente analisadas.

Em termos das **unidades de observação**, todos os estudos analisaram as favelas da cidade do Rio de Janeiro. Três deles, na forma de um estudo transversal, onde dois se utilizam de todo o

---

<sup>78</sup> Cavallieri (2006) pág.14. Termo utilizado que se refere aos setores censitários considerados como aglomerados subnormais pelo IBGE que nada mais são do que os setores referentes as favelas da cidade.



universo das favelas existentes<sup>79</sup> a época da pesquisa e o terceiro se utilizando de uma amostra deste universo. Nestes três casos os elementos de análise foram os moradores e os domicílios. O estudo sobre a avaliação do Programa Favela Bairro, na forma de um estudo longitudinal, avaliou informações coletadas em dois momentos, onde  $M_0$  corresponde às condições existentes antes do programa e  $M_1$  depois do programa. Este estudo se utilizou, portanto de um universo restrito composto pelas favelas pertencentes à 1ª fase do referido programa e onde os elementos de análise foram os residentes e os domicílios. O estudo sobre melhoria das condições de vida visando a meta 11 do Milênio, é formado por duas partes. A primeira parte, na forma de um estudo longitudinal objetivou montar um indicador de inadequação residencial, onde apenas os domicílios de todas as favelas da cidade foram os elementos de análise, comparando os dados de 1991 com os de 2000. Já na segunda parte considerou os domicílios e os residentes das favelas da cidade comparando com os demais domicílios e residentes da cidade do Rio, onde os resultados obtidos para 1960 foram comparados com os de 2000, na forma de um estudo não só transversal quanto longitudinal. Nesta segunda parte portanto, ele apresenta dois níveis de análise, uma análise transversal entre grupos de uma mesma época e uma análise longitudinal examinando a variação dos grupos entre duas épocas.

Quanto às **dimensões, indicadores e atributos** destacamos quatro aspectos: o primeiro onde se verifica que apenas dois estudos incluíram em seus planos de pesquisas dimensões objetivas do tipo socioeconômica e dimensões subjetivas do tipo senso-perceptiva/emocional, tais como percepção, avaliação, participação e satisfação. De certa forma aqueles que optaram somente por usar dimensões objetivas, baseando-se em métodos já consagradas, optaram pela segurança das informações básicas, sua credibilidade e validade ficando porém seus estudos reduzidos e restringidos. Quanto aos que optaram por uma concepção mais compreensiva usando também dimensões subjetivas, arriscaram quanto à montagem e coleta de informações em busca de novas informações e novos subsídios ao tema pesquisado.

O segundo aspecto que se refere à conceituação do que são variáveis, atributos, e indicadores<sup>80</sup> fica constatado de que não há um consenso. Em alguns deles os indicadores se confundem com as variáveis e em apenas um existe uma clara distinção entre atributos e variáveis. Em três estudos os indicadores foram considerados como índices. O terceiro aspecto bastante interligado ao segundo se refere às denominações atribuídas aos indicadores

---

<sup>79</sup> Favelas estas identificadas pelo IBGE através dos setores censitários considerados como aglomerados subnormais.

<sup>80</sup> As conceituações adotadas por este trabalho seguem as definições segundo Babbie (1989: 169/171).



construídos e ao índice montado. No estudo 5.1 e no estudo 5.5 que se utilizaram praticamente das mesmas variáveis/atributos o primeiro foi batizado como Índice de Qualidade Urbana e o último como Índice de Desenvolvimento Social, enquanto que no estudo 5.2 como Índice de Qualidade de Vida. O mesmo acontece com a designação dos indicadores vis a vis ao conjunto de atributos e respectivas variáveis que o compõem. No estudo 5.1 as variáveis relativas ao abastecimento de água, esgoto e coleta de lixo estão englobadas pelo Indicador Ambiental enquanto que no estudo 5.2 estas variáveis compõem o atributo “instalações” do Indicador Residencial. Já no estudo 5.3, estas mesmas variáveis estão agrupadas no Indicador denominado Serviços e Infraestrutura enquanto que no estudo 5.4, estão no Indicador Domiciliar. Finalmente no estudo 5.5, o mesmo indicador aparece como Indicador de Saneamento Básico separado do Indicador Qualidade Habitacional que só possui um atributo/variável, a média de banheiros por pessoa.

O último aspecto se refere à origem de dados, onde três estudos recolheram informações sobre residentes e domicílios a partir dos censos demográficos e seus respectivos setores censitários. O que avaliou as melhorias das condições de vida a partir do Programa Favela Bairro (estudo 5.4) por comparar dados em dois momentos, além dos dados do IBGE também se utilizou de uma pesquisa direta onde alguns moradores foram entrevistados. Somente em um estudo as informações foram todas coletadas através de questionários passados nas favelas. Convém ressaltar que quando se opta por utilizar dados secundários como é o caso dos dados do censo, a pesquisa fica limitada às variáveis disponibilizadas e com isso restringindo sobremaneira os resultados como pudemos observar.

Em termos dos **métodos de análise** utilizados observamos dois grupos, primeiramente os métodos e técnicas utilizadas no dimensionamento dos atributos a partir das variáveis subjetivas que, mais do que as variáveis objetivas, devem levar em consideração questões ligadas a confiabilidade e validade das medidas. Apenas num estudo foi utilizado o método da Escala Likert e das Diferenças Semânticas, sendo também o único a levantar a importância dos atributos a partir da opinião dos moradores para ponderar os valores assumidos pelos atributos no cálculo do indicador. Segundo Rogerson (1989), sem a identificação da importância percebida ou as preferências pelos atributos, fica difícil estabelecer um critério robusto de determinação dos pesos para esses atributos e conseqüente influência em relação aos indicadores. Além do mais este procedimento irá conferir pesos muito mais adequados na montagem dos indicadores componentes do índice qualidade de vida, o que irá lhe conferir



maior credibilidade, tendo em vista que a pesagem é uma técnica recomendada por vários pesquisadores sobre qualidade de vida tais como Campbell, Cutter e Grayson.

O segundo grupo se refere à montagem dos indicadores, havendo uma quase unanimidade pela escolha da técnica de normalização e estabelecimento de uma medida sintética, consagrada pelo cálculo do IDH.

Quanto à **abrangência das conclusões**, fica claro que os estudos pesquisados, de uma forma ou de outra, avaliaram a qualidade de vida ou as melhorias das condições de vida das favelas da cidade do Rio de Janeiro, seja para classificar as favelas da cidade, na sua totalidade ou entre um grupo, seja para monitorar e avaliar os efeitos de programas públicos e demonstrar as favelas estão apresentando melhorias.

As principais contribuições ficaram por conta da utilização das variáveis disponíveis pelos censos, pela montagem do Índice de Inadequação Residencial, pela construção de indicadores através de seus atributos, pelo uso de variáveis subjetivas na montagem de indicadores e pela classificação dos atributos de cada indicador segundo a importância determinada pelos próprios moradores destas áreas.





## CONCLUSÃO

### 1 – CONSIDERAÇÕES

Avaliar a qualidade de vida em favelas não é uma tarefa fácil. As dificuldades podem ser analisadas sob dois aspectos: primeiramente os problemas relativos ao locus da pesquisa, neste caso a favela propriamente dita. Problemas estes relacionados com a imagem de marginalidade recorrente<sup>81</sup> nas favelas e dificuldades decorrentes do volume e do ônus de um trabalho com pesquisa de campo. Nesta direção encontramos problemas decorrentes da insegurança e da dificuldade no levantamento de informações mais detalhadas sobre o fenômeno urbano favela. A saída encontrada tem sido o uso de fontes secundárias, oriundas dos órgãos de pesquisas ou levantamentos de dados pré-existentes, assumindo as limitações impostas por este recurso.

O segundo aspecto diz respeito à natureza do conceito de qualidade de vida, face a sua multidimensionalidade. De acordo com a EPA (1972: I-22) quatro são as dimensões básicas: social, econômica, senso-perceptiva/emocional e ambiental<sup>82</sup>, às quais foram identificadas e acrescentadas por autores dedicados ao tema, outras cinco: urbana, histórica, técnica, cultural e estética/formal. Assim sendo, em termos teóricos este conceito inclui nove dimensões, que podem também ser agrupadas segundo suas características objetivas e subjetivas. O primeiro grupo engloba as dimensões social, econômica, urbana, técnica e ambiental e o segundo grupo, as dimensões senso-perceptiva/emocional, histórica, cultural e estética/formal. O último grupo, menos utilizado, não é menos importante por englobar valores e significados que, em muitos casos, variam de indivíduo para indivíduo e de grupo social para grupo social. Ao primeiro grupo correspondem, portanto as variáveis independentes, na sua grande maioria quantificadas através de medidas de proporção, intervalo e nominal. Dimensões essas já consagradas e que influenciam os modelos quantitativos conforme verificamos no Cap. I, item 1.2.1 desta tese.

O grupo das dimensões subjetivas é caracterizado por variáveis independentes comumente dimensionadas através de escalas de valores relacionadas à percepção e à avaliação dessas variáveis. O quadro de referência apresentado no Capítulo I demonstra que a satisfação, vem

---

<sup>81</sup> Digo recorrente, porque depois do mito da marginalidade desmistificado por Perlman (1977), o domínio do narcotráfico ou das milícias na década de 90 se tornaram presença opressiva em muitas das favelas da cidade.

<sup>82</sup> Dimensão esta das mais recentes sendo incorporada.



sendo bastante adotada e que demonstre credibilidade em algum grau. Esta variável aparece em dois dos cinco estudos/casos contemplados nesse trabalho. Com isso procuramos demonstrar que as dimensões subjetivas já se incorporaram ao dimensionamento do índice qualidade de vida, inclusive com aplicação em favelas. A pesquisa sobre índices compostos por indicadores objetivos e subjetivos são considerados por Campbell (1976) estudos compreensivos, tomando por base o modelo clássico deste autor conforme apresentado no Cap. I, item 2.2.1.

Verificamos ainda que o fato de não haver ainda um consenso quanto as definições sobre qualidade de vida, decorre da dinamicidade deste conceito em constante construção. Sua mais recente incorporação, diz respeito à dimensão ambiental que acrescenta o indicador ambiental e seus atributos. Outro exemplo desta dinâmica se verifica através da apropriação deste conceito pelo mais recente movimento conhecido como “comunidades habitáveis”<sup>83</sup>.

Assim sendo, a estratégia adotada neste trabalho, para a definição de qualidade de vida partiu da escolha, justificativa e construção de indicadores que a dimensionam, ou seja, qualidade de vida é aqui considerada como o “resultado das condições sociais, habitacionais, urbanísticas e ambientais objetivas adequadas a uma determinada população e à satisfação percebida por esta população em relação a essas condições”.

A partir dos modelos teóricos apresentados e uma amostra de pesquisas realizadas sobre qualidade de vida e conceitos correlatos, apresentados no quadro de referência, foram levantados alguns questionamentos cujas questões principais assim se delinearam: “Como medir a qualidade de vida nas favelas da cidade do Rio de Janeiro para saber se as políticas públicas de urbanização e regularização estão atendendo aos seus objetivos?” e “Quais os indicadores considerados mais importantes e que, portanto mais influenciam para que haja uma melhoria na qualidade de vida dos moradores destas áreas?”.

Como estratégia metodológica levando em consideração a definição, o modelo conceitual proposto, o histórico das intervenções ocorridas nas favelas do Rio e as pesquisas/casos estudados para responder estas questões, foi formulada a hipótese de que “os indicadores e atributos considerados pelas pesquisas analisadas para dimensionar o conceito de qualidade de vida nas favelas da Cidade do Rio não levam em consideração os elementos modificadores, objeto das intervenções objetivadas pelas políticas públicas para melhorar a qualidade de vida dessas áreas”.

---

<sup>83</sup> Tradução para “livable communities”, noção esta introduzida pelo movimento do “New Urbanism” a partir de 1996 nos Estados Unidos.



## 2 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA

A metodologia assumida para comprovar a hipótese procurou analisar os modelos aplicados pelas pesquisas/casos estudados (1) através da identificação de seus objetivos, seus indicadores e atributos adotados comparando-os com o modelo conceitual proposto (2) e com os elementos modificadores (3) que caracterizam as melhorias introduzidas, seja por iniciativas e investimentos próprios dos moradores, seja por ações do poder público. Melhorias estas que caracterizaram o processo de desenvolvimento das favelas no rumo para a sua regularização urbanística e inclusão social.

(1) Pesquisas/casos estudados: agrupando-se os modelos operacionais adotados pelas pesquisas e comparando-os com o modelo conceitual identificamos quais indicadores e respectivos atributos foram mais utilizados em função dos objetivos e das limitações dessas pesquisas. As pesquisas analisadas foram agrupadas em torno de duas abordagens, a primeira sendo a montagem de indicadores que servem para rastrear as mudanças das condições de vida durante um período de tempo, estudos estes considerados longitudinais. Estas, geralmente financiadas por órgãos públicos, possuem um caráter mais pragmático sendo seus objetivos monitorar e avaliar a melhoria da qualidade de vida, ou seja, detectar as condições de vida da população em dois momentos distintos, antes e depois das intervenções públicas. A segunda abordagem tem por finalidade a comparação de favelas, no seu todo ou em parte, num determinado momento, comparabilidade essa também estendida para os bairros, regiões administrativas e outros recortes urbanos. Essa abordagem, de caráter mais semântico, tem por objetivo, a partir de uma base conceitual, calcular e revelar a qualidade de vida, entre favelas num mesmo momento, pesquisas estas consideradas transversais. Os objetivos de cada pesquisa determinam seus tipos de estudos e conseqüentes abordagens. A ênfase da primeira abordagem concentra-se em melhor definir os atributos enquanto que na segunda são os indicadores e o índice montado que atraem os maiores interesses.

Três pesquisas se utilizaram de estudos transversais e duas de estudos longitudinais. Nessas últimas o objetivo era demonstrar as principais mudanças das condições de vida das favelas da cidade, uma em função das intervenções do Programa Favela Bairro e a outra para atender aos interesses das metas do Milênio.

(2) Modelo conceitual proposto: conforme disposto no Cap.II priorizamos quatro indicadores, considerados como os mais representativos para se dimensionar a qualidade de



vida de um espaço intra-urbano, neste caso a favela, o indicador social que caracteriza o morador, o indicador residencial que caracteriza a habitação, o indicador urbano que caracteriza o recorte urbano aonde se localiza a habitação e o indicador ambiental que caracteriza as condições ambientais desse espaço. Partimos do pressuposto que, em função das qualidades medidas através de atributos objetivos e subjetivos podemos compor um índice que represente significativamente a qualidade de vida. Enquanto que os atributos objetivos medem os produtos existentes na comunidade, os atributos subjetivos medem o impacto desses produtos na comunidade completando-se mutuamente.

(3) Elementos modificadores das intervenções públicas: para fins de comparabilidade a metodologia levou em consideração as melhorias das condições de vida alcançadas nos dois últimos estágios de desenvolvimento apresentados no Cap. II, quando muitas das intervenções individuais foram formalizadas pelo poder público, além das melhorias e regularizações efetivadas e incentivadas por seus programas desde então. Convém ressaltar que as intervenções públicas ficaram a princípio conhecidas como “promovedoras de urbanização” e que estas só se tornaram possíveis a partir do reconhecimento do esforço e do trabalho desenvolvido pelos moradores em relação à produção de suas habitações. Desta forma os programas procuram intervir o mínimo possível nas habitações propriamente ditas, esperando que estas venham a ser alvo de melhorias indiretas, podendo em alguns casos receber assistência financeira para sua reabilitação. .

Além de identificar as intervenções como atributos objetivos foram considerados como atributos subjetivos, a participação, a integração e a satisfação dos moradores, pois a experiência participativa da comunidade, seus desejos e necessidades sempre estiveram presentes nas lutas não só pelo reconhecimento de sua estabilidade como também pelas melhorias conseguidas.

Conhecer a evolução dessas favelas proporciona também, ainda que de forma complementar, a dimensão histórica e cultural da qualidade de vida dessas áreas, tão ricas de histórias, fornecendo informações para contextualizar e entender o significado das melhorias das condições de vida ou qualidade de vida alcançada.



### 3 - ANÁLISE

#### 3.1 - Indicadores

O estabelecimento dos modelos operacionais em forma de gráficos, mostrados no Cap.V, facilitou a comparação entre os indicadores das pesquisas com o modelo conceitual, sendo possível identificar algumas relações como nos mostra a tabela abaixo.

Tabela 13 - Gráfico de Comparação dos Indicadores do Modelo Conceitual x Pesquisas					
	Pesquisas Transversais			Pesquisas Longitudinais	
Modelo Conceitual	Pesquisa 5.1	Pesquisa 5.2	Pesquisa 5.5	Pesquisa 5.3	Pesquisa 5.4
SOCIAL	Educacional	Social	Educacional	Participação	Social
	Renda		Renda		Demográfico
RESIDENCIAL	Habitacional	Residencial	Habitacional	Serviços e Infraestrutura	Domiciliar
	Ambiental <sup>84</sup>		Saneamento		
URBANO	-	Urbano	-	Integração	-
AMBIENTAL	-	-	-	-	-
SATISFAÇÃO	-	Satisfação	-	Satisfação	-
					Inadequação Residencial

Tomando por base os indicadores do modelo conceitual, verificamos que apenas o indicador ambiental<sup>85</sup> não foi tratado em destaque por nenhuma das pesquisas analisadas. Acreditamos que tal fato se deve a falta de informações disponíveis e a pouca experiência ainda a respeito deste indicador. O indicador urbano só foi considerado duas vezes, sendo construído pela pesquisa 5.2 de forma objetiva e subjetiva, enquanto que a pesquisa 5.3 só o utilizou de forma subjetiva onde a dimensão urbana foi constatada mediante a opinião dos moradores em relação à integração da favela com o bairro adjacente e à satisfação com os equipamentos comunitários instalados.

<sup>84</sup> O termo ambiental aqui se refere aos atributos de infraestrutura.

<sup>85</sup> Na pesquisa 5.2, algumas características do indicador ambiental foram tratadas como atributos do indicador urbano.



O indicador social foi adotado por todas as pesquisas, seja de forma segmentada por três das pesquisas onde foram considerados apenas os aspectos educação e renda ou participação e integração comunitária, seja de forma abrangente adotadas pelas duas outras pesquisas.

O indicador residencial também foi adotado por todas, apresentando, no entanto, poucos atributos em relação à habitação, propriamente dita. Apenas um estudo avaliou vários atributos além da infraestrutura sanitária priorizada pelos demais.

O indicador satisfação por sua vez, introduz a dimensão senso-perceptiva/emocional, sendo aplicado por duas pesquisas. De forma extensiva pela pesquisa 5.2 onde não só os indicadores mas também os atributos são avaliados e de forma específica pela pesquisa 5.3<sup>86</sup>. Conforme nos mostra a Tabela 14, referente à pesquisa 5.2, independentemente da época desta pesquisa, as favelas avaliadas surpreenderam por apresentarem um alto nível de satisfação com os indicadores avaliados. (% dos Satisfeitos + % dos Bastante Satisfeitos)

Indicadores	Fav. Baixa do Sapateiro	Fav. Prq. União	Fav. Faz. Botafogo	Fav. Vila União	Fav. Brás de Pina	Total
Social	77%	57%	<b>83%</b>	<b>79%</b>	77%	74,6%
Residencial	<b>79%</b>	71%	<b>80%</b>	77%	70%	75,4%
Urbano	65%	70%	73%	73%	69%	70%

O indicador residencial foi comprovado como o melhor avaliado com 75% dos habitantes satisfeitos, variando de 70% a 80%, enquanto que o indicador social foi considerado satisfatório por 74,6% dos habitantes variando de 57% a 83% e o indicador urbano considerado satisfatório por 70% dos habitantes, variando de 65% a 73%. Esse estudo serve para mostrar que apesar das pequenas diferenças registradas, os moradores tendem a melhor avaliar suas casas do que suas condições sociais e do que a área residencial da comunidade onde residem devido à lembrança dos esforços e investimentos despendidos para adquirir este direito e que influencia bastante nesta avaliação.

Mesmo admitindo que a qualidade de vida é um conceito dinâmico que pode alterar conforme o período histórico, os resultados dos estudos analisados foram considerados importantes para o entendimento do processo de desenvolvimento desse conceito.

<sup>86</sup> Desenvolvido como uma pesquisa de opinião para saber quantos moradores estavam satisfeitos com a rede de esgotos implantada, com as obras de drenagem, calçamento, iluminação pública e com a creche.



Estabelecendo o mesmo procedimento para comparar os indicadores estabelecidos pelo modelo conceitual em relação aos elementos modificadores implantados nas favelas pelos programas públicos encontramos as seguintes situações conforme nos mostra a Tabela 15.

Tabela 15 – Gráfico de Comparação dos Indicadores do Modelo Conceitual x Políticas Públicas	
Modelo Conceitual	Principais elementos modificadores implantados pelas políticas públicas
SOCIAL	Participação Comunitária Programa de Geração de Renda Regulamentação Fundiária (estabilidade) → Inclusão Social
RESIDENCIAL	Infraestrutura sanitária (água e esgoto) Energia elétrica Realocações (máx de 5%)
URBANO	Equip. comunitários de educação, saúde e lazer (recreação e esportes) Acessibilidade → Integração com o bairro vizinho Trafegabilidade (alinhamento e pavimentação das ruas) Iluminação pública Serviços de coleta de lixo
AMBIENTAL	Obras de contenção Drenagem Arborização e reflorestamento

Na montagem desta tabela endereçamos aos quatro domínios estabelecidos pelo modelo conceitual, os elementos modificadores, relacionando-os a partir dos seus objetivos, da relação das obras de intervenção e dos programas implantados pelas políticas públicas. A distribuição levou em conta a finalidade de cada elemento “vis-à-vis” à população, à habitação e à favela. Desta forma foram considerados 14 elementos que passaram a ser considerados como atributos relacionados aos indicadores adotados. Por sabermos que a satisfação é avaliada pelos programas de monitoramento este indicador não foi considerado nesta análise.

### 3.2 - Atributos

Prosseguindo com a análise, chegamos à distribuição e caracterização dos atributos escolhidos e determinados para dimensionar cada indicador. A tabela 16 nos mostra essa distribuição de acordo com cada pesquisa e com os programas públicos de intervenção.

A fim de procedermos à identificação dos principais atributos para cada indicador, consideramos a princípio frequência de aplicação dos mesmos pelas pesquisas/casos deste trabalho e como o mínimo necessário a média quantitativa desta distribuição. Assim sendo



para cada indicador chegamos aos seguintes resultados: uma média de 5 atributos para o indicador social, 5 atributos para o indicador residencial, e 7 atributos para o indicador urbano. Em relação ao indicador ambiental pudemos observar que além dos 3 atributos considerados a partir das intervenções promovidas pelos Programas Públicos para minimizar os riscos ambientais, muito comuns nestas áreas, encontramos a drenagem também avaliada pelo estudo 5.3 e a poluição pelo estudo 5.2 o que nos levou a considerar uma média de 2 atributos para este indicador.

Pesquisas	5.1	5.2	5.3	5.4	5.5	Elementos modificadores
Indicador Social	6	9	4 <sup>87</sup>	9	6	3
Indicador Residencial <sup>88</sup>	5	7	4	7	4	3
Indicador Urbano	0	11	6 <sup>89</sup>	0	0	5
Indicador Ambiental	0	1	1	0	0	3
Total	11	28	15	16	10	14

Nessa etapa também adotamos como referência para a escolha dos atributos, a relação de importância apresentada pelo estudo/pesquisa 5.2 no Gráfico 11 e que também serviu para se comprovar os acertos quanto a escolha dos principais atributos.

### 3.1.1 - Análise do Indicador Social

O indicador social é caracterizado como uma medida geralmente desenvolvida para dimensionar quantitativamente um conceito abstrato. Normalmente tem sido usado para estabelecer medidas que mostrem as condições sociais de uma sociedade ou mostrar como estas medidas estão se transformando. Seus usos mais comuns entre outros incluem comparabilidade, estimulantes de iniciativas governamentais e orientação às políticas e programas sociais. Seus atributos não poderiam estar mais bem discriminados pelo Art. 6º da Constituição Federal onde constam como direitos sociais: educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, previdência, proteção à maternidade e à infância, assistência aos desamparados e a moradia que não poderiam ficar de fora no dimensionamento da qualidade de vida através de um indicador social.

<sup>87</sup> Atributos relacionados com a participação e integração.

<sup>88</sup> Incluindo a infraestrutura sanitária básica considerada como um atributo deste indicador.

<sup>89</sup> Atributos subjetivos relacionados com a integração e satisfação.





Para este trabalho três atributos foram considerados como os mais importantes para a construção de um indicador social tendo em vista já serem consagrados pela montagem do IDH e que são: escolaridade, renda e saúde. A estes, devemos incluir a titulação/estabilidade proveniente da regularização fundiária, o qual foi demonstrado por vários estudos ser um atributo importante para a inclusão social e estabilidade residencial e o atributo participação comunitária, ambos adotados pela pesquisa 5.2 e pelos programas públicos. Por fim o atributo família, considerado o mais importante pelos moradores através da pesquisa realizada pelo estudo 5.2 (Vide Gráfico 11).

### 3.1.2 – Análise do Indicador Residencial

O indicador residencial é de suma importância para influenciar o nível das condições de vida entendida seja como contribuição valiosa na melhoria da qualidade de vida ou como comprometedor desta qualidade se estiver em condições inadequadas.

Em relação aos atributos do indicador residencial, a escolha recai em primeiro lugar para a infraestrutura sanitária básica que aparece em todos os estudos de forma agregada ou desagregada pelos serviços contemplados (água, esgoto e luz), além de ser considerado como o “carro chefe” das intervenções públicas.

Alertamos quanto a tendência e ênfase verificada em se construir o indicador residencial através dos atributos de infraestrutura sanitária pois grande parte das favelas já apresentam os serviços de água, lixo e esgoto conforme a tabela de cálculo demonstrada pela pesquisa 5.5 (Tabela 17). O indicador residencial assim construído estará super dimensionado, mascarando as reais condições da habitação e fazendo com que este indicador influencie mais do que o devido na construção do índice de qualidade de vida.

% de domicílios atendidos	Favelas atendidas por água	%	Favelas atendidas por esgoto	%	Favelas atendidas pela coleta de lixo	%
X>80%	443	88%	271	54%	478	95%
X<80%	57	12%	239	46%	31	5%
Total	504	100%	504	100%	504	100%

Além do mais a simples existência de tais serviços de infraestrutura não garante que os mesmos estejam sendo ofertados com qualidade, o que necessitaria de uma pesquisa



avaliativa dos mesmos. Segundo a pesquisa 5.2 este atributo foi avaliado através da escala Likert de 5 pontos obtendo os seguintes resultados: 52,3% dos moradores consideraram muito boa as instalações de água, esgoto e luz, 30,2% consideraram simplesmente boa, 11,3% consideraram nem boa nem ruim, 2,7% consideraram ruim e 3,0% consideraram muito ruim.

Também segundo esta pesquisa a percepção quanto à importância destes serviços para a população foi baixa, tendo se colocado na antepenúltima posição conforme nos mostra o Gráfico 11. A fim de se garantir a consistência do indicador residencial, encontramos também como atributos importantes aqueles que levam em consideração o tamanho da habitação e a densidade por habitação que foram adotados em pelo menos 3 das pesquisas analisadas. Tomando por base o Gráfico 11 acrescentamos também a estrutura da habitação e as condições de ventilação e iluminação, atributos estes que obtiveram por parte da população a maior pontuação dentre os atributos pesquisados no estudo 5.2.

### 3.1.3 – Análise do Indicador Urbano

O indicador urbano tem origem no indicador residencial tendo em vista a ampliação do sentido do conceito de moradia para além da noção de abrigo. Em termos políticos ganhou destaque a partir da criação do Ministério da Cidade que confirma esta tendência dando ênfase numa política nacional de desenvolvimento urbano.

Assim como na discussão da qualidade de vida não se pode desconsiderar a qualidade do espaço urbano dimensionado a partir de um indicador urbano. A população pode ter boa escolaridade, longa expectativa de vida, ter boas condições de renda e residirem em habitações adequadas, mas se forem mal localizadas, em locais de difícil acesso, sem equipamentos comunitários que garantam o desenvolvimento educacional, o apoio a saúde, sem opções de recreação e esportes a qualidade geral estará comprometida.

Assim sendo o, indicador urbano se insere no dimensionamento do índice de qualidade de vida agrupando atributos que representem a oferta de tais condições.

A escolha dos atributos do indicador urbano, portanto, foi feita a partir das experiências apresentadas pelos estudos/casos analisados e pela prática das melhorias implantadas. Assim os primeiros atributos escolhidos considerados como importantes abrangeram os 5 elementos modificadores, responsáveis pelas de melhorias urbanas empreendidas pelos programas públicos e descritas na Tabela 15.



Como os 6 atributos encontrados no estudo 5.3 nada mais são do que avaliações subjetivas dos atributos relacionados como melhorias urbanas<sup>90</sup>, adotamos como referencial, mais uma vez o Gráfico 11 do estudo 5.2, para justificar a inclusão de mais dois atributos. Pela ordem de importância de seus atributos, percebida e avaliada pelos próprios moradores, a escolha recaiu em dois atributos que devem fazer parte de um indicador urbano: a segurança<sup>91</sup> e a localização da comunidade, respectivamente colocados em 3º e 8º lugar dentre os 12 atributos presentes.

O indicador urbano, que apareceu em duas das pesquisas analisadas se apresentou de duas formas, no primeiro estudo (5.3), sendo construído por apenas atributos objetivos. No segundo estudo (5.2) sendo construído por atributos objetivos e subjetivos que serviram para confirmar grau de satisfação auferido ao indicador em questão.

### 3.1.4 – Análise do Indicador Ambiental

A quantificação e qualificação das condições ambientais para fins de preservação, alterações ou simplesmente para estudos acadêmicos, são consideradas de suma importância não só para a espécie humana, mas também para muitos outros organismos vivos. Normalmente tem sido usados para desvendar o quanto e como as atividades antrópicas estão alterando partes específicas dos ecossistemas.

Analisando quais atributos seriam mais indicados para se construir um indicador ambiental, no caso das favelas verificamos que os atributos que espelham as melhorias ambientais implantadas pelos programas públicos tendo em vista a história das favelas neste sentido e a própria experiência desses órgãos foram as obras de contenção e as obras de drenagem.

Considerada como uma contribuição importante e que conforme demonstrado ajudou na definição dos principais atributos para cada indicador, a seguir é apresentado os resultados da pesquisa 5.2 em relação a importância desses atributos, importância esta percebida e revelada pelos moradores.

---

<sup>90</sup> Lembramos que o Estudo 5.3 nada mais é do que a avaliação do Programa Favela Bairro.

<sup>91</sup> Convém lembrar que a época desta pesquisa a insegurança nestas comunidades estava apenas começando, já sendo considerado o 3º mais importante, segundo a percepção e avaliação feita pelos moradores das favelas pesquisadas.



favelas. Sendo assim, não podem deixar de ser considerados por pelo menos três dos estudos de caso contemplados por este trabalho, quando da construção dos indicadores responsáveis pelo dimensionamento do índice de qualidade de vida ou avaliação das condições de vida nessas áreas.

Por meio dos estudos analisados verificamos que a adoção do indicador residencial e do indicador social no dimensionamento do índice qualidade de vida é uma questão concordada.

Com este trabalho queremos também promover a concordância quanto à utilização do indicador urbano e do indicador ambiental como fazendo parte da base conceitual a ser adotada para futuras medições da qualidade de vida nas favelas da Cidade do Rio de Janeiro.

## 1 – Indicador Social

Considerando a hipótese formulada, verificamos que para o indicador social dois dos três elementos dos programas públicos só foram adotados por duas pesquisas. Os atributos educação (1), saúde (2) e renda (3) representantes do índice de desenvolvimento humano-IDH foram considerados essenciais para a construção do índice de qualidade de vida, sendo complementados pelos atributos de participação comunitária (4) e da regularização fundiária (5). Não podemos mais ignorar as questões de legalidade e ilegalidade no processo de produção desses espaços urbanos. É imprescindível que a titulação seja medida para avaliar tanto a situação existente quanto a sensação de segurança/estabilidade e de inclusão social que ela influencia. Verificamos, portanto que as pesquisas analisadas, não de forma integral, mas muito parcial, já adotaram estes atributos ora dimensionados quantitativamente, ora dimensionados qualitativamente. O objetivo a ser alcançado numa próxima etapa seria a homogeneização dessas medidas. Neste caso a hipótese se confirma.

## 2 - Indicador Residencial

Para o indicador residencial podemos concluir que a implantação da infraestrutura sanitária(1) por parte dos órgão públicos em seus programas de urbanização foram plenamente considerados pelos estudos analisados como atributos do indicador residencial. Ressaltamos contudo que avaliar a qualidade residencial existente, somente através deste atributo não contempla de forma integral o conceito do indicador residencial. Mesmo que as intervenções protagonizadas pelo poder público não incidam sobre as habitações propriamente ditas é



necessário identificar até que ponto as melhorias do espaço urbano tem influenciado a melhorado os investimentos nas habitações. Isto porque as esferas de poder, na realidade também estão interessadas em saber a quantidade de habitações beneficiadas. Sendo assim atributos relativos ao tamanho das habitações (2), a densidade habitacional (3), a estrutura das habitações (4) e as condições de ventilação e iluminação (5) foram consideradas imprescindíveis para avaliar as “condições da moradia”. Portanto, a inclusão de atributos de infraestrutura sanitária nos seus aspectos é fundamental, mas não devem únicos. Considerando a questão com os dados apresentados, verificamos que os elementos modificadores objetivados pelos programas públicos de minimização da inadequação residencial são integralmente avaliados pelos estudos/casos analisados, o que não confirma a hipótese, apesar de termos demonstrado que esses dados são insuficientes para uma avaliação da qualidade residencial.

### 3 – Indicador Urbano

Em relação à dimensão urbana e respectivo indicador, os atributos essenciais consideraram todos os cinco elementos modificadores, identificados como objeto das políticas e programas públicos relativos a urbanização das favelas. Vimos que a implantação de equipamentos comunitários envolvendo educação, saúde e lazer (1), acessibilidade (2), trafegabilidade (3), iluminação pública (4), e coleta de lixo (5) precisam ser medidos de forma objetiva e subjetiva para se poder estabelecer um índice de qualidade urbana. Para este indicador só foram adicionados a segurança (6) e a localização da comunidade (7), considerados essenciais para dimensionar e avaliar a qualidade destas áreas. Assim sendo, para que a qualidade urbana seja mais bem dimensionada e contribuir de forma adequada para a construção do índice de qualidade de vida, demonstramos ser necessária a utilização dos 7 atributos selecionados e considerados essenciais para o respectivo indicador. Para esse indicador, a inserção da dimensão senso-perceptiva/emocional com seus aspectos qualitativos, é considerada uma necessidade e um desafio a ser enfrentado, tendo em vista a tendência de se avaliar os equipamentos comunitários e serviços implantados desconsiderando o relacionamento entre estes espaços (a moradia e a favela) e seus habitantes, suas necessidades e desejos.

Para muitos autores, a integração física da favela ao bairro do entorno e à cidade é um fato inquestionável que influencia na desejada integração social onde a acessibilidade, a localização e a segurança deste espaço também desempenham papel importante.



Em relação à hipótese, nem todas as intervenções implantadas foram consideradas pelas pesquisas analisadas deixando muito a desejar as formas de medição a estes atributos quando contemplados. Dessa forma, em relação a este indicador a hipótese também fica comprovada.

Consideramos importante que os poderes públicos se conscientizem da importância desse indicador urbano cujo objeto de análise tem sido alvo de muitas intervenções, não só no sentido de se avaliar as obras executadas como também para orientar as futuras. De que não apenas se obtenha como resultado a pura intervenção física, mas sim de que forma ela influencia outros atributos e até outros indicadores atuando como um efeito multiplicador.

#### 4 - Indicador Ambiental

Em relação à hipótese formulada e considerando os três elementos modificadores contemplados pelos programas públicos, verificamos que para o indicador ambiental apenas a drenagem foi examinada subjetivamente por um dos estudos analisados. Assim sendo, também para o indicador ambiental a hipótese tornou-se verdadeira. Acreditamos que para essas áreas os riscos ambientais são graves incluindo não só prejuízos ao meio ambiente, como também perdas humanas. A incidência de deslizamentos e os alagamentos/enchentes requerem do poder público obras de contenção (1) e de drenagem (2) que passam a ser vistos como os dois atributos essenciais que devem ser computados ao se construir o indicador de qualidade ambiental nas favelas do Rio de Janeiro.

De todos os 19 atributos considerados essenciais para compor os 4 indicadores do índice de qualidade de vida, 12 estão representados pelas ações governamentais que objetivam melhorar as condições de vida nestas áreas, mas que conforme demonstramos, poucos são contemplados pela pesquisas desenvolvidas a partir da utilização deste conceito e principalmente aquelas aplicadas nas favelas da Cidade do Rio de Janeiro.

### 5 – CONSTATAÇÕES

Objetivando complementar estas conclusões gostaríamos de expor certas constatações a partir deste trabalho. Verificamos que:

1. o dimensionamento do índice de qualidade de vida nem sempre segue o padrão recomendado que se caracteriza, primeiramente, pela escolha de indicadores



sintéticos, depois pela definição dos atributos que melhor o dimensionem e finalmente pela seleção das variáveis independentes que mais adequadamente reflitam o atributo que se deseja dimensionar;

2. dentre os indicadores mais utilizados estão o social e o residencial, sendo o urbano, muitas das vezes implícito pelo residencial e o ambiental englobado pelo urbano;
3. por problemas inerentes à obtenção das informações necessárias, as dimensões objetivas têm sido as mais adotadas;
4. a adoção das dimensões subjetivas permanece pouco utilizada devido ao receio decorrente da falta de mais experiências e pesquisas que demonstrem sua aplicabilidade e seus resultados. Através do quadro de referência (Tabela 1) acreditamos ter evidenciado que a avaliação da satisfação já foi bastante contemplada, demonstrando que não é impossível analisar a percepção dos residentes envolvidos neste processo de avaliação;
5. o indicador que mais influencia o índice de qualidade de vida nas favelas é o indicador residencial apesar das distorções induzidas pelas boas condições atualmente existentes de infraestrutura.

## **6 - PROBLEMAS METODOLÓGICOS**

A fim de serem evitados em futuras pesquisas do gênero este trabalho apresenta os seguintes problemas metodológicos detectados:

1. o excesso de atributos e variáveis que podem acarretar num demorado tempo de realização da pesquisa e respectivo alto custo;
2. restrições impostas pela indisponibilidade das informações necessárias;
3. a aplicação de questionários não pré-testados produzindo desentendimentos e interpretações errôneas;
4. falta de garantias quanto a imunidade e isenção da opinião do pesquisador;
5. inexistência de uma nomenclatura comum aos estudos desenvolvidos para que se possa efetivamente proceder a uma análise comparativa;



6. não utilizar atributos qualitativos mesmo sabendo que a definição de qualidade de vida requeira a percepção e a avaliação humana, (principalmente dos moradores) das condições objetivas que interferem na melhoria da qualidade de vida;
7. não ponderar os atributos objetivos mesmo que alguns autores acreditem ser desnecessário.

## **7 – CONTRIBUIÇÕES**

Da mesma forma, também gostaríamos de destacar as principais contribuições que este trabalho buscou oferecer.

1. Acreditamos ter conseguido demonstrar que é possível construir índices de qualidade de vida mais adequados à realidade das favelas.
2. Buscamos demonstrar a importância de se considerar indicador urbano e um indicador ambiental no dimensionamento do índice qualidade de vida.
3. Sublinhamos a importância de se estabelecer uma mesma linguagem e nomenclatura que propicie o reconhecimento de determinados atributos assim como uma inserção no indicador mais adequado como, por exemplo, considerar que a participação comunitária dever ser um atributo do indicador social ou do indicador urbano.
4. Sublinhamos a relevância das pesquisas e da operacionalidade de atributos subjetivos
5. Consagramos a pesquisa de opinião sobre a importância dos atributos para uma adequada pontuação/pesagem dos mesmos no computo de cada indicador.
6. Procuramos fornecer subsídios e monitoramento às metas dos compromissos internacionais, aos objetivos nacionais e aos atender aos programas públicos ajudando no monitoramento da redução da pobreza e promoção do desenvolvimento sustentável.

## **8 – RECOMENDAÇÕES**

Finalmente, considerando os objetivos de delinear um arcabouço básico e de criar subsídios para estabelecer as bases para de construção de um índice que apresente maior confiabilidade





e validade, sugerimos algumas etapas para o dimensionamento da qualidade de vida a partir do que foi apresentado:

1. Estabelecer a finalidade da pesquisa de forma clara e objetiva em função da escala adotada (índice intra-urbano, urbano, regional ou nacional);
2. Procurar escolher uma amostra homogênea dos elementos de estudo tomando por base algumas características comuns do universo a ser pesquisado;
3. Adotar os indicadores social, residencial, urbano e ambiental, explicitando seus atributos;
4. Escolher as variáveis independentes de cada atributo assim como suas unidades de medidas, mesclando dimensões objetivas e subjetivas cujos métodos de análise já tenham sido consagrados;
5. Garantir a validade interna e externa das informações levantadas a partir de uma pesquisa de campo;
6. Incorporar sempre que possível o indicador satisfação provocando a participação e a avaliação dos demais indicadores por parte da população alvo;
7. Avaliar a importância dos atributos escolhidos de modo a proceder corretamente à pesagem destes na construção dos indicadores e no dimensionamento do índice geral;
8. Escolher adequadamente o método de análise dos indicadores e do índice em função da finalidade e dos objetivos da pesquisa.

Com este trabalho acreditamos ter colaborado para encurtar o longo caminho rumo à construção de um adequado e confiável índice de qualidade de vida para ser aplicado em favelas. Índice este que, estruturado a partir dos indicadores social, residencial, urbano e ambiental, incorpore as dimensões básicas deste conceito, além de contemplar atributos que melhor reflitam as realidades existentes nestas áreas.

Nesse sentido, acreditamos ter fornecido subsídios para preencher a lacuna existente entre o que se pratica em nome de uma melhor qualidade de vida nas favelas da Cidade do Rio de Janeiro e o que se analisa em termos teóricos para mensurar o impacto dessas melhorias na qualidade de vida dessas áreas e de sua população.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Andrews, F.M. et alli. Research on the Quality of Life. 1985
2. Babbie, Earl R.. The Practice of Social Research. Belmont, California: Wadsworth Publishing Company 1989.
3. Bardo, J.W. and Hughey, J.B.. The Structure of Community Satisfaction in a British and an American Community in The Journal of Social Psychology 1984, 124 [151-157]
4. Bardo, John W.. Sociospatial Predictors of Community Satisfaction in The Journal of Social Psychology, 122. 1984.
5. Bielby, William T.. Evaluating Measures of Neighborhood Quality in the Annual Housing Survey. USA: Department of Housing and Urban Development Office of Police Development and Research, 1979.
6. Bingham, Richard D. and Felbinger, Claire. Evaluation in Practice: a methodological approach. New York: Longman, 1989
7. Blank, Gilda. Bras de Pina - Experiência de Urbanização de Favela in Habitação em Questão Rio: Zahar Editores. 1979 [93-124]
8. Bradburn, N.M.. Reports on Happiness. Chicago: Aldine, 1965.
9. Burgos, M.. Dos Parques Proletários ao Favela Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro in Um Século de Favela. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
10. Campbell, A., Converse, Philip E. and W.L. Rodgers. The Quality of American Life: Perceptions, Evaluations and Satisfaction. New York: Russell Sage Foundation. 1976
11. Cantrill, Albert H.. Hopes and Fears of the American People. New York: Universe Books 1971
12. Cavallieri, Fernando e Lopes, Gustavo P.. Índice de Desenvolvimento Social – IDS: comparando as realidades microurbanas da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Instituto Pereira Passos, 2008.
13. Cavallieri, Fernando e Oliveira, Soraya. A Melhoria das Condições de Vida dos Habitantes de Assentamentos Precários no Rio de Janeiro: uma Avaliação Preliminar da Meta 11 dos Objetivos do Milênio. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Instituto Pereira Passos, 2006.



14. EPA, The Environmental Protection Agency. The Quality of Life Concept. Virginia: Airlie Symposium 1972.
15. Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro, CIDE. Índice de Qualidade dos Municípios-verde (IQM-Verde) CD-ROM, 2003.
16. Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro, CIDE. Índice de Qualidade dos Municípios. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Planejamento e Controle, 1998.
17. Cook, Christine C.. Components of Neighborhood Satisfaction: Responses from Urban and Suburban Single Parent Women in *Environment and Behavior* 1988 Mar Vol 20(2) [115-149]
18. Cutter, Susan L. *Rating Places: a Geographer's View on Quality of Life*. New Jersey: Resource Publications in Geography 1985
19. Dahmann, D.C.. Subjective Indicators of Neighborhood Quality in D.F.Johnston (editor), *Measurement of Subjective Phenomena*. Washington DC: U.S. Department of Commerce, Bureau of the Census, Special Demographic Analyses (CDS-80-3) 1981
20. Dalkey, Norman C.. *Studies in the Quality of Life*. Lexington, Massachusetts: Rand, 1972.
21. Dickinson, J.C. III et al.. The Quality Of Life In Gainesville, Florida: An Application of Territorial Social Indicators in *Southeastern Geographer* 12(2):121-132. 1972
22. Fernandez, Roberto M. and Kulik, Jane C. A Multilevel Model Of Life Satisfaction: Effects of Individual Characteristics and Neighborhood Composition in *American Sociological Review* December 1981 Vol.46
23. Fried, Marc. Residential Attachment: Sources of Residential and Community Satisfaction in *Journal of Social Issues* Vol.38, No.3, 1982 [107-119]
24. Fried, Marc. The Structure and Significance of Community Satisfaction in *Population and Environment Human Sciences Press* 1984 [61-88]
25. Gans, Herbert J. *People and Plans: Essays on Urban Problems and Solutions* Harmondsworth: Penguin Books 1972
26. Gardiner, James. "Urbanization in Brazil: The Role of the Ford Foundation", memorandum to Ford Foundation Office. Rio de Janeiro: May 10,1971
27. Glynn, Thomas J.. Neighborhood and Sense of Community Special Issue: Psychological Sense of Community: II. Research and Applications in *Journal of Community Psychology* 1986 Oct Vol 14(4) [341-352]



28. Goetze, Rolf. Building Neighborhood Confidence, a Humanistic Strategy for Urban Housing. Cambridge: Ballinger Publishing Company.
29. Grayson, Lesley and Young, Ken. Quality of Life in Cities. An overview and guide to the literature. London: The British Library and London Research Centre, 1994.
30. Gruber, Kenneth J. and Shelton, Gladys G.. Assessment Of Neighborhood Satisfaction By Residents Of Three Housing Types in Social Indicators Research 1987 Aug Vol 19(3) [303-315]
31. Gurin, G., Veroff, J. and Feld, S.. Americans View Their Mental Health New York: Basic Books 1960
32. Helburn, N. Geography and the Quality of Life, Annals, Association of American Geographers 72:445-56. 1982
33. Hughey, J.B. and Bardo, J.W. The Structure of Community Satisfaction in a Southeastern American City in The Journal of Social Psychology 123, 1984 [91-99]
34. IBGE- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2000 – Agregado de Setores Censitários dos Resultados do Universo. Rio de Janeiro: Centro de Documentação e Disseminação de Informações 2002.
35. IBGE- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociais para Áreas Urbanas, 1977 e 1980.
36. IDH – [www.pnud.org.br/idh/](http://www.pnud.org.br/idh/)
37. IPP – Síntese da avaliação do Programa Favela Bairro – Primeira Fase – 1995 – 2000. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Instituto Pereira Passos. 2006
38. IPP-DIC-SABREN – Cadastro de Favelas – Tabela Nº 2642 (2008) – Armazém de Dados – [www.armazemdedados.rio.rj.gov.br](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br)
39. IPLANRIO – Favelas Cariocas: Índice de Qualidade de Vida. Rio de Janeiro: IplanRio 1997.
40. Kaplan, Rachel. Nature at the Doorstep: Residential Satisfaction and the Nearby Environment in Journal of Architectural and Planning Research
41. Keller, Suzanne. The Urban Neighborhood: a sociological perspective. New York: Random House 1967
42. Knox, P.L.. Social Well-Being: A Spatial Perspective. Oxford, UK: Claredon Press. 1975
43. Lee, Barrett A. and Guest, Avery M.. Determinants of Neighborhood Satisfaction: A Metropolitan-Level Analysis in The Sociological Quarterly 24, Spring 1983 [287-303]



44. Leeds, Anthony. The Significance Variables Determining The Character Of Squatter Settlements in *Revista da America Latina*, 1971 [44-84]
45. Liu, B.. Economic and non\_Economic Quality of Life: Empirical Indicators and Policy Implications for Large Standard Metropolitan Areas in *Journal of Economics and Sociology*. 36(3) [225-40]. 1977
46. Liu, B.. Quality of Life Indicators in the United States Metropolitan Areas, 1970. Washington, DC: Government Printing Office, US Environmental Protection Agency. 1975a.
47. Liu,B.. Environmental Quality Indicators for Large Metropolitan Areas: A Factor Analysis in *Journal of Environmental Management* 14(2) [127-38]
48. Magalhães, Sérgio. *Sobre a Cidade: habitação e democracia no Rio de Janeiro*. São Paulo: Pro Editores, 2002.
49. Marans, Robert W. and Rodgers, Willard. Toward an Understanding of Community Satisfaction (chapter 7) in *Metropolitan America in Contemporary Perspective* 1979.
50. Marans, Robert W.. *Determinants of Neighborhood Quality: an Analysis of the 1976 Annual Housing Survey*. USA: Department of Housing and Urban Development Office of Policy Development and Research, 1979.
51. Marans, R. and Spreckelmeyer, K. *Evaluating Building Environment, a Behavioral Approach*. Ann Harbor University of Michigan, 1981.
52. Marans, Robert W. and Fly, J. Mark. *Recreation and the Quality of Life*. Michigan: The Institute for Social Research, The University of Michigan, 1981
53. Maricato, Ermínia. *Brasil, Cidades. Alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes, 2001.
54. Mello Filho, José Américo de.. *Qualidade de Vida na Região da Tijuca – Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado PGG – UFRJ 2003
55. Michener, James. *Quality of Life*. London: London, Secker and Warburg, 1971
56. Mitchel, Arnold; Logothetti, Thomas J. and Kantor, Robert E.. *An Approach to Measuring Quality of Life*. Stanford: Stanford Research Institute, 1972.
57. Mocellin, Rachel Sílvia Jardim. *Percepção do Meio Urbano: O caso do Grande Rio*. Rio de Janeiro:Tese de Mestrado em Geografia-Instituto de Geociências – UFRJ, 1977
58. Motta, Caio Fábio Attadia. *Nível de Satisfação em Conjuntos Habitacionais da Grande São Paulo*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas Vol.1 e 2, 1976



59. Moudon, Anne Vernez A Catholic Approach To Organizing What Urban Designers Should Know in *Journal of Planning Literature* Vol.6 No.4, Sage Publications, Inc. May 1992
60. Neves, Rogerio Aroeira & Santos, Carlos Nelson. Um Tema dos Mais Solicitados: Como e o que Pesquisar em Favelas in *Revista de Administração Municipal IBAM-RIO* nº 161 Oct/Dec 1981 [6-19]
61. Newman, S. and Duncan, G. Residential Problems, Dissatisfaction and Mobility in *Journal of the American Planning* N° 45 1979 [254-262]
62. Nunes, Guida. *Rio, Metrópole de 300 Favelas*. Petrópolis: Vozes 1976.
63. Parisse, Lucien. Favelas do Rio de Janeiro -Evolução - Sentido in *Cadernos do CENPHA* nº 5, Rio de Janeiro. 1969
64. Perlman, Janice. *O Mito da Marginalidade – Favelas e Políticas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
65. Rainer, R.(ccord.), Bessa,, Eliane S. E Alves, Marcos Aurélio. *Indicadores para a Avaliação de Políticas Públicas: Fundamentos Metodológicos e Aplicabilidade ao Caso do Programa Favela Bairro*. Rio de Janeiro: IPPU/UFRJ/FUJB, Secretaria Municipal de Habitação, FINEP, 1997
66. Rapoport, Amos. *Aspectos Humanos de la Forma Urbana*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A. 1978.
67. Relph, E.C.. *Place and Placelessness*. London: Pion. 1976
68. Ribeiro, L.C.; Lago, L. & Davidovich, F. (orgs). *Projeto Plano de Avaliação do Programa Favela-Bairro (Relatório Final)*. Rio de Janeiro: Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal. IPPUR-UFRJ-FASE. 1996
69. Rio, Vicente del, Levi, Daniel e Duarte, Cristiane Rose. *Perceived Livability and Sense of Community: What Designers Can Learn from a Favela in Rio de Janeiro, Brazil*, 2008.
70. Rogerson, R.J.; Findlay, A.M.; Morris, A.S. and Coombes, M.G.. *Indicators of Quality of Life: Some Methodological Issues in Environmental and Planning A. 21 (12)*. Great Britain: Pion Publication 1989.
71. Rush, B.S. *From Favela to Conjunto: The Experience of Squatters Removed to Low-Cost Housing in Rio De Janeiro, Brazil USA*: Harvard College 1974



72. Salmen, Lawrence F. Housing Alternatives for the Carioca Working Class: A Comparison Between Favelas and Casas de Comodos in *Revista da America Latina* 1971 [51-70]
73. Santos, Carlos Nelson F.. *Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar 1981.
74. Silva, Ana Amélia da.(org) *Urbanização de Favelas: duas experiências em construção*. Pólis nº15, 1994
75. Silveira, I.M. *A Qualidade de Vida percebida em Favelas e Conjuntos Habitacionais na Cidade do Rio de Janeiro*. Trabalho apresentado na Semana da FAU-UFRJ – Habitar a Cidade, 2006
76. Skinner, B.F.. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Cultrix 1982 (p. 6 e 7).
77. Smith, D.. *Geography of Well-Being*. New York: MacGraw Hill. 1973
78. Souza, Amaury de (coord) *Qualidade de Vida Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar 1984. Coleção Debates Urbanos 7.
79. Spector, Paul E.. *Research Designs*. London: Sage Publications, 1981.
80. Szalai, A. and F.M. Andrews. *Quality of Life: Comparative Studies*. Beverly Hills, CA: Sage Studies in International Sociology. 1981
81. Taschner, Suzana Pasternak. *Política Habitacional no Brasil: retrospectivas e perspectivas*. São Paulo: USP-Cadernos LAP 21, 1993. (p. 21)
82. Tuan, Yi-Fu. *Space and Place*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press. 1977
83. Turner, John F.C.. *Housing by People: Towards Autonomy in Building Environment*. Pantheon Books, Westminster (Md) 1977.
84. U.S. Council on Environmental Quality. *The Quality of Life Concept, A Potential New Tool for Decisionmakers*. Washington, DC: Government Printing Office. 1973a.
85. Valladares, Licia do Prado. *Passa-se uma Casa*. Rio de Janeiro: Zahar 1980
86. Valladares, Licia do Prado. *A Invenção da Favela. Do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
87. Varady, David P. *Neighborhood Confidence: A Critical Factor in Neighborhood Revitalization in Environment and Behavior* 1986 Jul Vol 18(4) [480-501]
88. Varella, Drauzio et alli. *Maré Vida na Favela Rio de Janeiro: Casa da Palavra*, 2002
89. Vaz, Lilian F. *Notas sobre o Cabeça de Porco* in *Revista Rio de Janeiro* vol. 1, nº2 Niterói, UFF Jan/Abr 1986



90. Vaz, Lílian F.(Coord.) História dos Bairros da Maré. Rio de Janeiro: UFRJ/SR5 e CNPq, 1994
91. Vreugdenhil, Anthea and Rigby, Ken. Assessing Generalized Community Satisfaction in *The Journal of Social Psychology* 127(4) [367-374]
92. Wagner, Bernard et al. Guanabara Housing and Urban Development Program 1966
93. Weideman, S. and Anderson Jr. A Conceptual Framework for Residential Satisfaction in Altman and Werner (eds) *Home Environment*, 1985.
94. White, Michael J.. *American Neighborhood and Residential Differentiation*. New York: Russel Sage Foundation, 1987.
95. Zaluar, Alba e Alvito, Marcos. (Orgs) *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
96. Zehner, Robert B.. *Indicators of the Quality of Life in New Communities*. Cambridge, Massachusetts: Ballinger Publishing Company, 1977.

